

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Eduardo Moreira Assis

O homossexual *respeitável*.
Elaborações, impasses e modos de uma experiência
subjetiva

DOUTORADO EM HISTÓRIA

SÃO PAULO
2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM HISTÓRIA

Eduardo Moreira Assis

O homossexual *respeitável*.
Elaborações, impasses e modos de uma experiência
subjetiva

DOUTORADO EM HISTÓRIA

Tese apresentada à Banca Examinadora de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em História sob a orientação da Prof^a Dr^a Denise Bernuzzi de Sant'Anna.

SÃO PAULO
2007

Banca Examinadora

No fixed living-place
Permanent movement
Direct contact
Local relations
Self selection
Passing limitations
Taking risks
Mobile energy

No rehearsals
No predicted end
No repetition

Extended vulnerability
Exposure to chance
Primary reactions

Art Vital, Marina Abramovic: The Artist Is Present, Marina Abramovic

À vida

AGRADECIMENTOS

A minha irmã mais velha, Ita, pelo conforto, pelo socorro, pelo carinho, pela paciência, pela dedicação e companheirismo.

A minha irmã mais nova, Cynhtia, pela paciência e pela amizade.

À CAPES, pela bolsa parcial entre 2007 e 2009, e ao CNPq pela bolsa integral entre 2009 e 2011. À CAPES, novamente, pela essencial bolsa PDEE, entre 2009 e 2010, sem a qual esta tese jamais teria sido viável.

A minha grande amiga Leonara Lacerda e sua mãe, d. Olívia, pelo apoio, pelo afeto e pelo consolo.

A amiga Thereza Pires, presença formadora, por absolutamente tudo, e a seu esposo Elysio de Medeiros Pires.

Ao meu pai (*in memoriam*).

Às amigas Micheline Reinaux e Carmen Andrioli pelas primeiras leituras. E particularmente a Micheline Reinaux e Gustavo Acioli pelo apoio indispensável nos primeiros passos dessa tese.

À minha orientadora, Denise Sant`Anna, pela paciência, pela dedicação, pelo apoio e pela disponibilidade em me orientar quando tudo não passava de uma idéia.

Ao meu co-orientador nos Estados Unidos, David Halperin, pela solicitude, pela dedicação e pelo carinho mostrados desde o primeiro contato em novembro de 2008.

Aos professores Julio Assis Simões e Carla Longhi pela excelente qualificação que me proporcionaram.

Aos amigos que fiz na PUC, durante as disciplinas: Luiz Blume, Ana Karine Garcia, Bianca Souza e Eni Moraes, pela companhia e pela solidariedade;

A todos os meus colaboradores e pessoas que contribuíram para a realização da pesquisa.

Aos professores Fernando Londoño e Yara Khoury (PUC-SP), Richard Miskolci (UFSCar), José Maria Valcuende Del Rio (UPO-Sevilha), Gayle Rubin e Nadine Hubbs (University of Michigan).

Aos amigos Vitor Borisow e Jefferson Paião, pelo carinho, por toda a ajuda, pela compreensão e pela paciência.

Na PUC, meus mais sinceros agradecimentos a Soraia Santos, da Secretaria de Bolsas, pela paciência e auxílio indispensáveis.

Na UofM, meus agradecimentos a Sandra Vallie, Karen Diedo e Valerie Traub.

À ex-amiga Roberta Bento, pela solidariedade.

Aos amigos Luan Matias, Gabrielle Borges e Amanda Azis, pelo companheirismo e pela doçura.

A Ênio Moraes, pelo apoio nos momentos de dificuldade.

À amiga e professora Célia Lucena (CERU-USP), pelo carinho.

A Roger Gorziza e Ju Moraes pela acolhida.

Ao meu cunhado Ernesto Brasília de Araújo e a William Luciano Pires.

Nos Estados Unidos, ao Zen Buddhist Temple de Ann Arbor, ao ex-amigo Nathaniel Coleman, a Peter Edelberg, Trevor Hoppe, Tais Leão Almeida,

Brian Whitener e, especialmente, a Nicholas Walker-Craig, que mora no meu coração, de quem eu sinto uma falta imensa.

A Marcelo Daniliauskas e Isadora Lins França.

A Melanie Sampaio, pelo incentivo na reta final.

E a Deus, pela força para suportar e superar as dificuldades enfrentadas ao longo do doutorado (e elas não foram poucas!).

Àqueles que, por esquecimento, não foram mencionados nesta lista, meu sincero pedido de desculpas. A insuportável pressão do final de curso é a responsável pela omissão.

RESUMO

Esta pesquisa inscreve-se no terreno temático dos estudos LGBTQ e analisa possibilidades de existência homossexual tomando como local de estudo uma pequena cidade no sul de Minas Gerais. A partir das histórias de vida de homens com idades entre 21 e 50 anos auto-denominados homossexuais, aborda-se a constituição de subjetividades homossexuais e a experiência do “homossexual respeitável” – entendendo o homossexual respeitável como um conjunto de práticas, representações e valores compartilhados pelos sujeitos. A apreensão do fenômeno social do homossexual normal é observada em três frentes. Na primeira delas, observa-se a articulação entre homossexualidade e contexto urbano interiorano, explorando a emergência de possibilidades de existência homossexual. Depois, são considerados os processos de subjetivação homossexual sob o dispositivo da sexualidade moderna e a atuação da homofobia. Por fim, são abordados os modos de existência do homossexual respeitável considerando as subjetividades homossexuais em negociação com um contexto urbano de pequeno porte.

Palavras-chave: homossexualidade entre homens; subjetividade; masculinidades; homofobia; interior do Brasil; história oral.

ABSTRACT

This Research claims to lie on the field of LGBTQ studies and analyses the possibility of homosexual existence having as a site of studies a small town in South Minas Gerais. From the life experience of men between 21 and 50 years old, self nominated homosexual, it is approached the homosexual subjective constitution and the experience of the “respectable homosexual” meaning the respectable homosexual as a set of practices, representation and values shared by the individuals. The apprehension of the normal homosexual social phenomenon is observed in three views. At the first one it’s observed the relation between homosexuality and a small town context exploring the urgent existence possibilities. After that it’s considered the homosexual subject processes under the modern sexuality mechanism and homophobia. Finally it’s approached the ways of existence for the respectable homosexual considering the homosexual subjective under negotiation in a small urban context.

Key-words: homosexuality between men, subjectivity, masculinity, homophobia, oral history.

SUMÁRIO

| | | |
|--|---------------------------------|-----------|
| INTRODUÇÃO | | 1 |
| | Sobre o homossexual respeitável | 1 |
| | A cidade e o tema | 5 |
| | O fazer-se da pesquisa | 10 |
| | Capítulos | 18 |
| CAPÍTULO I | | |
| ELABORAÇÕES | | |
| (OU SOBRE UM LUGAR ALÉM DO ARCO-ÍRIS) | | 22 |
| | Espaços | 22 |
| | Estranhamentos | 30 |
| | Contrastes | 65 |
| CAPÍTULO II | | |
| IMPASSES | | |
| (OU SOBRE OS FIOS E A URDIDURA) | | 79 |
| | Deslocamentos | 79 |
| | Posicionamentos | 95 |
| | Rearticulações | 104 |
| CAPÍTULO III | | |
| MODOS | | |
| (OU SOBRE O HOMOSSEXUAL RESPEITÁVEL) | | 122 |
| | Descompassos | 122 |
| | Opacidade | 129 |
| | Respeitabilidade | 134 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | | 156 |
| BIBLIOGRAFIA | | 161 |
| FONTES | | 172 |
| | Orais | 172 |
| | Narrativas biográficas | 172 |
| | Entrevistas direcionadas | 173 |
| | Oficiais | 173 |
| | Estatísticas | 174 |
| | Impressas | 174 |
| ANEXOS | | 176 |

Introdução

When will it be time do document, do it now!
This submarine behaviour, do it now!
When time?
To return
Do it now
Do it now
Shake us out of the heavy deep sleep
Shake us now
Do it now!
Do it now!

Shake us out of the heavy deep sleep
Do it now!
Do it now!

Submarine, Björk

A história apreendida nestas páginas é uma narrativa de muitas vozes. Airton, Alexandre, Wellington, Gustavo, Vinícius, Otávio, Lucas, André, Roberto, Henrique, Marcelo, Bruno e Mário são seus protagonistas. Sujeitos cujas trajetórias e memórias trazem à tona uma multiplicidade de práticas e representações constituintes do que pode ser denominado como o homossexual respeitável.

Sobre o homossexual respeitável

O homossexual respeitável percebe-se como um *homem normal como qualquer outro*, cujo traço distintivo entre ele e outros homens, *heterossexuais*,

diz respeito apenas à prática sexual. O “homossexual respeitável”, enquanto homem, busca manter-se longe das imagens da afeminação que o posicionariam em exterioridade ao masculino. Ao mesmo tempo, ao reconhecer-se homossexual – compreendendo-a como sua “natureza”, elemento fundamental de sua personalidade –, esforça-se por reverter a associação entre homossexualidade e afeminação masculinizando-se. Masculinização que, valorizada em si e, principalmente, em outros homossexuais como expressão de “normalidade”, oferece-lhe os meios para afastá-lo da figura da “bicha” – vista por ele como sinônimo de afronta à sociedade e, por isso, como ameaça à aceitação da homossexualidade. Assim, em oposição à visibilidade da “bicha”, sua imagem pública e sua vida pessoal são articuladas nos termos da *discrição*, no sentido de conformar-se às normas de gênero, uma vez que sua sexualidade não é vivida como segredo. Dessa forma, ao almejar uma homossexualidade que não afronta a sociedade, contemporizadora, o homossexual respeitável transforma a máxima de que é preciso antes respeitar para ser respeitado em sua ética.

Apesar dessa descrição fazer parecer tratar-se de uma tipologia, o homossexual respeitável está longe de constituir um tipo ou uma “espécie”. Por isso, é importante deixar claro, doravante, que o homossexual respeitável simboliza um modo – ou um conjunto de modos – de ser homossexual. Isso faz com que o homossexual respeitável seja, acima de tudo, uma experiência. Experiência não como origem da explicação, mas como exatamente aquilo que

se quer explicar; experiência como processo de construção de identidades; enfim, experiência como a história dos sujeitos¹.

A experiência analisada nesta pesquisa inscreve-se no terreno temático dos Estudos LGBTQ e envolve a apreensão do homossexual respeitável a partir de um contexto interiorano representado pela cidade sulmineira de Pouso Alegre. Nesse sentido, busco analisar o que sustenta a emergência da homossexualidade respeitável e seus desdobramentos sobre os sujeitos de uma pequena cidade no interior do Brasil. Desdobramentos que ultrapassam as especificidades do contexto sob observação, percebidos como parte – e, mais importante – indicativos de uma realidade muito mais ampla.

Dotada de um forte poder indicativo, a experiência do homossexual respeitável reflete os impactos da positivação da homossexualidade notada nos últimos trinta anos na história brasileira. Processo individual – porque variável de acordo com cada sujeito e com cada contexto –, o homossexual respeitável transforma-se, assim, em fenômeno coletivo – na medida em que se encontra saturado de influências que não se limitam às especificidades de um indivíduo ou de uma cidade. O que investe o objeto de estudo de uma capacidade de refletir diversas dimensões do social, tocando problemáticas ascendentes na sociedade brasileira, tais como a candente discussão pública em torno da homofobia, seu combate e iniciativas institucionais por sua punição, bem como a demanda pelo reconhecimento da cidadania de minorias sexuais. Questões estas cuja amplitude e profundidade fazem com que o tema diga respeito,

¹ Nesse sentido, ver Scott (1999).

ainda ao caráter marcadamente autoritário da cultura e da sociedade brasileiras.

A capacidade do objeto de estudo de atingir questões que transcendem um contexto específico não significa, contudo, que Pouso Alegre seja uma espécie de receptáculo ou espelho de fenômenos observados nacionalmente. A escolha do objeto de estudo acompanha a minha trajetória de vida e delineou-se no meu horizonte durante o primeiro período em que morei em São Paulo, entre 2003 e 2005. O retorno a minha cidade natal despertou meu interesse em desenvolver uma pesquisa sobre homossexualidade no interior do Brasil. E isso por três motivos.

O primeiro motivo foi a suposição – apresentada como hipótese do projeto de pesquisa – de que a homossexualidade seria vivida de modo bastante diferente no interior, em comparação com grandes centros urbanos brasileiros. Suposição, aliás, alimentada por uma particularidade que representou o segundo motivo: os estudos sobre homossexualidade no Brasil tinham foco voltado sobre contextos metropolitanos, especialmente sobre o eixo Rio de Janeiro–São Paulo. Por fim, a leitura de *Os Estabelecidos e os Outsiders*, de Elias e Scotson (2000) inspirou-me a costurar a temática das homossexualidades ao contexto interiorano que me era amplamente familiar.

A produção de conhecimento sobre (homo)sexualidades no interior do Brasil, nesse sentido, tem sido uma tendência observada nos últimos anos. Uma tendência que acompanha também um aumento expressivo dos estudos sobre homossexualidade no Brasil. Em Setembro de 2006, um levantamento na Plataforma Lattes a partir do assunto “homossexualidade” retornou 534

entradas. Em Março de 2011, a mesma consulta retornou 2695 entradas². E tanto em 2006 quanto em 2011, nenhuma dessas entradas apresentou proposta semelhante a desenvolvida por este trabalho, reforçando seu ineditismo e possibilidades de contribuição para o desenvolvimento do campo de estudo. Assim, cabe destacar que a relevância desta pesquisa encontra-se no deslocamento do olhar sobre as homossexualidades como objeto de estudo das metrópoles para um contexto urbano de pequeno porte. Contexto urbano que não é pensado como mero reprodutor de possibilidades e modos de existência anteriormente associadas às grandes cidades, mas como parte de um projeto complexo – a história da homossexualidade como projeto – composto por fragmentos plurais e experiências múltiplas.

A cidade e o tema

Emancipada politicamente na segunda metade do século XIX, Pouso Alegre nasceu de um pouso de tropas fincado no caminho que levava à região das minas. Sua evolução deve-se ao rio que, em época de cheia, obrigava os tropeiros a esperar suas águas baixarem para seguir viagem. Pouco tempo depois, em meados do século XVIII, o pouso de tropas foi transformado em

² Para a realização deste projeto efetuou-se um levantamento da produção sobre o tema. Foram consultadas as bases ALEPH, da PUC-SP (110 entradas para “homossex?” na Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri e 3 entradas para “homossexualidade” na base digital SAPIENTIA), DEDALUS, da USP (foram apontadas 329 entradas a partir da chave “homossex?”, entre teses, dissertações, artigos e livros) e ACERVUS-SBU, da UNICAMP (foram encontradas 50 entradas para a chave “homossexualidade”, 91 entradas para a chave “homossexual” e 54 entradas para “homossexualismo”) sem que, contudo, aparecessem trabalhos similares à proposta desta pesquisa. Na Plataforma Lattes foram encontradas 534 entradas para a chave “homossexualidade”, indexadas majoritariamente na área de Educação, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Linguística e Multidisciplinar.

Registro da Coroa, o que intensificou, a partir de então, a ocupação do lugarejo por famílias³.

A historiografia local salienta o forte papel organizador da Igreja Católica sobre a trajetória de desenvolvimento urbano da cidade. Se no oitocentos, a construção da primeira matriz acompanhou a elevação da vila à “cidade”, a nova matriz, erguida no lugar da velha, no novecentos, acompanhava um “progresso” sobre o qual a Igreja desempenhou papel fundamental. Foi a Igreja que proveu a cidade com escola para moças, escola para moços, escola profissionalizante para pessoas carentes, seminário, orfanato, conventos e até mesmo uma santa casa de misericórdia; foi a mão da Igreja que orientou a formação intelectual da população pouso-alegrense, uma vez que, das vocacionais às confessionais, na primeira metade do século XX, as escolas pouso-alegrenses estiveram sob a direção de membros do clero – produzindo uma influência muito mais profunda e duradoura sobre a vida na cidade que os equipamentos urbanos erguidos por ela⁴.

Na segunda metade do século XX, no entanto, seria a vez das indústrias cruzarem os caminhos da cidade e laicizarem seu “progresso”. Na história de

³ O Registro da Coroa é estabelecido em 1755 no núcleo populacional conhecido como Pouso do Mandu – sendo Mandu o rio mencionado no texto. Depois da fundação do registro, por volta de 1797, foi construída a primeira igreja do povoado, de modo a evitar que seus habitantes deslocassem-se até à freguesia de Santana do Sapucaí. A consagração da igreja ao Senhor Bom Jesus dos Mártires – ou do Matozinho – deu novo nome ao lugar, rebatizado como Arraial do Matozinho do Mandu, por volta de 1799. Em 1810, o arraial foi elevado à categoria de freguesia; em 1811, à paróquia; e, em 19 de outubro de 1848, à categoria de cidade (Gouvêa, 1998).

⁴ As instituições referidas são: Casa de Congregação dos Missionários do Sagrado Coração de Maria, entre 1901 e 1905; em 1902 foram fundados o semanário A Semana Religiosa, o colégio para meninas dirigido pelas Irmãs da Visitação e a Escola Agrícola Francisco Sales; em 1911, seria estabelecido na cidade a Escola Normal Santa Dorotéia, para moças da elite, dirigido pelas Irmãs Dorotéias, vindas de Portugal (em 1919 a ordem construiu um novo prédio); entre 1917 e 1939 também são construídas pela Igreja escolas de ensino primário, para garotos pobres, a Escola Profissional Delfim Moreira, para meninos, o Orfanato de nossa Senhora de Lourdes e o Asilo São Vicente de Paulo (Ibid., p.125-128, 181-187).

Pouso Alegre, aliás, parece existir um “antes e depois” de 1970, época da industrialização-relâmpago, do “desenvolvimento”. Entre o final da década de 1960 e o final dos anos 1980, a cidade mudou de cara: deixou o caráter bucólico de lado para expandir seus limites urbanos e receber uma população ávida por emprego nas indústrias recém instaladas – vinda da zona rural pouso-alegrense, das cidades menores da região, bem como de outros estados⁵, em especial São Paulo⁶. Em contrapartida, a década de 1990 foi marcada pelo fechamento de várias fábricas, que resultou num período de estagnação e alto desemprego, revertido nos anos 2000⁷.

Atualmente, uma rápida pesquisa pela internet levará o leitor a uma Pouso Alegre com quase 130 mil habitantes que figura como “pólo industrial multisetorizado”, com uma renda per capita de mais de R\$11 mil. Somadas às indústrias – farmacêutica, automotiva, de alimentos, química – a cidade ainda ostenta um “sólido” comércio varejista, vasta rede hoteleira e bancária, inúmeras escolas, uma universidade, faculdades e hospitais – inclusive um regional, que atende todo o Vale do Sapucaí⁸ – atributos que têm conduzido a terras pouso-alegrenses, desde a década de 1960, moradores de outros centros vizinhos, menores, que usufruem desse “forte setor de serviços”⁹. Um

⁵ De acordo com dados do IBGE, referentes ao crescimento populacional em quase 40 anos: na década de 1970 a população de Pouso Alegre era de 38.070 habitantes, quase dobrando este número na década de 1980, quando atingiu a marca de 57.362 habitantes. Em 1991, a população era de 81.836 habitantes; em 1996, de 93.166 habitantes; no ano 2000, Pouso Alegre contava 106.776 moradores. Cf. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. Tabela 202 – população residente por sexo e situação (1970, 1980, 1991). Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 27 de Março de 2007.

⁶ Ver Freitas (2003)

⁷ Ver Modesto (1997).

⁸ Consultar mapas anexos.

⁹ De acordo com informações disponibilizadas na página da Prefeitura Municipal de Pouso Alegre e em outros sites da internet, a cidade tem na atualidade população estimada em

setor de serviços que passou a incluir, a partir da década de 1990, boates e bares gays.

Se existe um “antes e depois de 1970” para a cidade no que se refere à alteração de perfil econômico, também existe um “antes e depois de 1990” para a visibilidade e legitimidade das homossexualidades na cidade. O ano de 1996 pode ser situado como uma espécie de marco nessa história, quando foi realizada sua primeira festa gay. Este evento deu origem às boates locais a partir de um aniversário eternizado como “Uma Noite em Hollywood”¹⁰. Na mesma década, alguns anos antes, porém, a abertura de um brechó ofereceu aos habitantes da cidade a oportunidade de um espaço de identificação, com suas paredes decoradas com material de divulgação de boates gays paulistanas¹¹.

127.974 habitantes, sendo a segunda maior cidade do sul de MG, atrás de Poços de Caldas. Constitui um “pólo industrial multisetorizado” com a presença de empresas brasileiras e multinacionais de grande porte como a Unilever (alimentação), a USIPARTS, a Johnson Control’s e a Sumidenso (setor automobilístico), a União Química, os Laboratório Sanobiol e Cimed (farmacêuticas) e a Sobral Invicta (garrafas térmicas) A economia municipal se estrutura à base de 700 unidades industriais, 1.500 unidades agropecuárias e mais de 4.000 unidades comerciais e de serviço. Distâncias: São Paulo, 200 Km; Rio de Janeiro, 360 Km e Belo Horizonte, 384 Km. Apresentava em 2006, um PIB: R\$ 1.439.038.000,00 de acordo com dados do IBGE, de 2005 e renda *per capita* de R\$ 11.945,50. Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE POUSO ALEGRE. A cidade. Disponível in: <<http://www.pousoalegre.mg.gov.br>>. Acessado em: 08 Junho de 2006; POUSO ALEGRE.ORG. Bem vindo a Pouso Alegre. Disponível in: <<http://www.pousoalegre.org/>>. Acessado em 26 outubro de 2010; WIKIPÉDIA. Pouso Alegre. Disponível in: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pouso_Alegre>. Acessado em 26 outubro 2010; IBGE. PIB dos municípios revela concentração e desigualdades na distribuição de renda. Disponível in: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=354>. Acessado em 26 outubro de 2010.

¹⁰ Cf. UMA NOITE EM HOLLYWOOD. [s.i.] Pouso Alegre: Sindicine Filmagens, 1996. 1 videocassete (119 min.) VHS, sonoro, colorido. Também foi ouvido Tony – Tonya, à época da filmagem – a respeito de sua iniciativa de organizar o aniversário e depois abrir uma casa exclusivamente dirigida a homo-orientados em Pouso Alegre. TONY – 45 anos, casado, esteticista. Entrevista realizada em 18 de novembro de 2005. Aprox. 120 minutos.

¹¹ AIRTON, 42 anos, solteiro, comerciante. Entrevista realizada em: 5 Outubro 2005. Aprox. 100 minutos.

Essa mesma trajetória da visibilidade homossexual na cidade – marcada em 2004 pela aprovação de uma lei municipal que pune discriminação por orientação sexual¹² – produziu desdobramentos paradoxais. Nas histórias de vida de Wellington, Gustavo, Vinícius, Otávio, Lucas, André, Roberto, Henrique, Marcelo, Bruno e Mário, palavras como “trabalho”, “competência”, “profissionalismo”, “conteúdo”, “seriedade”, “caráter”, “postura”, “normal”, “discrição” e, sobretudo, “respeito”, são mencionadas como poderosos contrapontos àquilo que emerge como uma espécie de vocabulário da abjeção.

Para os participantes, “promiscuidade”, “oba-oba”, “exposição”, “escracho”, “viadagem”, “bandeira”, “escândalo”, “frescura” e “festa” são alguns dos termos que definem não só o homossexual afeminado, a “bicha”, como também as boates, tornando as festas o lugar do abjeto por excelência. Um embate de léxicos enquanto reflexos de práticas e valores antagônicos que torna palpável o entendimento de visibilidade como algo pejorativo, relativo à “bicha” e a todo esse arsenal de imagens negativas da homossexualidade.

Levando-se em consideração a maneira como os participantes percebem a cidade – um lugar marcado por “...um ranço muito grande de vila, de cidadezinha de uns mil habitantes...”; cidade que “...provavelmente tem o nome... amarrado na boca do sapo misturado com a terra debaixo da catedral...”; “provinciana”; “preconceituosa”; “campo de concentração”; vista até mesmo como “um lugar que não é propício ao amor”¹³ –, chega-se à percepção

¹² POUSO ALEGRE. Lei 4.240/ 2004. Dispõe sobre a ação do Município no combate às práticas discriminatórias, em seu território, por orientação sexual. 02 de abril de 2004. Prefeitura Municipal de Pouso Alegre-MG.

¹³ Todas as frases entre aspas foram mencionadas pelos participantes.

de que não se trata de um confronto entre visibilidade e invisibilidade, mas de *como* ser visível sob o peso da vigilância e do preconceito.

Com idades e trajetórias diversas que se cruzam à história da cidade, a maioria dos participantes já frequentou ou ainda frequenta os bares e boates gays pouso-alegrenses. Muitos, inclusive, testemunharam o aumento de visibilidade das homossexualidades em Pouso Alegre. Mas na medida em que suas memórias associam visibilidade à abjeção, estratégias para não serem vistos como mais uma “bicha” na cidade são constantes em suas narrativas. Estratégias, aliás, que não se restringem somente à frequência às boates, mas que guiam o uso de certos espaços urbanos após determinadas horas – como a praça central, que, tarde da noite, torna-se ponto de encontro e de caça dos “visíveis”; orientam as possibilidades abertas pela internet enquanto universo da discrição e da invisibilidade; conformam as expectativas afetivo-sexuais dos sujeitos; regulam suas relações sociais. Estratégias refletidas no trabalho de campo e identificadas no próprio fazer-se dos sujeitos durante suas narrativas.

O fazer-se da pesquisa

Esta pesquisa foi iniciada em 2005, com o trabalho de campo estendendo-se até fevereiro de 2007. Empregando a história oral como método, focava a produção de narrativas de viés biográfico, interessado em perceber como a homossexualidade masculina era vivida em uma cidade interiorana.

Naquela época, procurei não estabelecer critério para delimitar quais experiências seriam privilegiadas e isso resultou em um conjunto bastante heterogêneo de participantes, que incluiu homossexuais, bissexuais, cross dresser, drag queens e um ex-travesti. Embora esta opção, depois, tenha se provado problemática, sua escolha tinha a ver com a própria exeqüibilidade da pesquisa. Eu levava em consideração a possível dificuldade de encontrar pessoas abertas a falar sobre suas sexualidades, a *se exporem*, em uma cidade pequena.

Minha experiência de pesquisa anterior, sobre zona de prostituição feminina na Pouso Alegre do século XX, havia sido marcada por um trabalho de campo extenuante, sobre o qual pesaram dificuldades com as fontes, e este era um risco a não ser corrido novamente¹⁴. Para minha surpresa, a levantamento de fontes para esta pesquisa apresentou um rendimento inesperado: em cerca de dois meses eu já havia realizado mais da metade das entrevistas coletadas que originaram este estudo.

Durante e após o trabalho de campo eu fiz algumas opções metodológicas, baseadas em uma estimativa do tempo que seria necessário para a finalização da pesquisa. A primeira delas foi o cuidado de explicar ao

¹⁴ Meu mestrado, em seu início, discutia o cotidiano da prostituição feminina confinada em Pouso Alegre, no século XX. No entanto, foi difícil encontrar prostitutas e donas de casa dispostas a falar sobre o cotidiano da zona na cidade. Muitas dessas mulheres haviam casado com figuras “ilustres” de Pouso Alegre e se tornado “mulheres de família”, sem passado. Nesse sentido, não foram raras as vezes em que os empecilhos eram criados para dificultar meu acesso às informações. Além disso, as prostitutas e donas de casa com as quais realizei histórias de vida faziam parte de uma outra fase da prostituição na cidade, removida da região central. A partir desse detalhe, percebi que a desterritorialização da zona de prostituição da região central cruzava-se à história da industrialização do município, que tomei como nova problemática. Assim, foi possível concluir a pesquisa, incluindo outras fontes, tais como mapas, leis, projetos de leis, atas da câmara, fotografias e jornais, bem como entrevistas dirigidas com vizinhos da zona e políticos locais. Ver Assis (2005).

colaborador as finalidades – pesquisa acadêmica, de doutorado –, duração – de 5 a 6 anos a partir da gravação – e desdobramentos da pesquisa – publicações como artigos, capítulos de livro, livro e a própria tese –, registrando então a autorização dos colaboradores para uso de suas falas. E esse registro consta do início de todas as gravações empreendidas¹⁵. Com o passar dos anos e as mudanças no curso de vida não só dos participantes como da minha própria, esta opção se tornou de extrema importância, pois, muitos mudaram de cidade, estado e até mesmo de país no decorrer dos últimos cinco anos. Nesse sentido, minha própria mudança para São Paulo, por conta do doutorado, inviabilizou o retorno aos colaboradores no sentido de produzir outras gravações com base nas histórias de vida já registradas e transcritas.

Nas transcrições, por sua vez, procurei reproduzir no papel as características do discurso oral e as particularidades que marcaram a realização de cada gravação. Assim, foram preservados no texto escrito as digressões, as pausas, as reações emocionais, as palavras e idéias atropeladas, as frases que aparentam sem sentido, as mudanças de rumo na argumentação, os erros de português, os silêncios e as omissões comuns às falas coloquiais. Além disso, com relação às informações que transcendem os limites do que é gravado, recorri ao emprego de um diário de pesquisa, onde registrava todos os detalhes da gravação, como risadas, linguagem corporal,

¹⁵ As alterações nesse texto introdutório foram mínimas e disseram respeito exclusivamente ao caráter coloquial que marcou as entrevistas. No geral, toda a contextualização da pesquisa junto aos colaboradores obedeceu ao seguinte roteiro: “Esta é uma pesquisa de longo prazo, que levará de cinco a seis anos para terminar. Eu trabalho com entrevistas e preciso da sua autorização para utilizar sua gravação. Eu lhe entrevisto, transcrevo a fita e estudo aquilo que você me disser comumente selecionando algumas partes. A entrevista completa não é publicada. Não é necessário mencionar nomes reais – eles serão mencionados apenas se você quiser. Você concorda, me autoriza?”

local da entrevista e piadas. Esse diário possibilitou, ao longo da pesquisa, perceber como as narrativas de si constituem campo privilegiado para a apreensão do homossexual respeitável, conforme abordarei mais adiante.

Essa riqueza de informações direta e indiretamente inventariada e as alterações no curso de vida dos colaboradores deram margem a um outro cuidado ético fundamental: o uso de pseudônimos. Embora muitos participantes tenham autorizado o uso de suas gravações sob seus nomes reais, muitos outros solicitaram o uso de pseudônimo como condição para a realização das histórias de vida. Assim, procurei não distinguir nomes reais de fictícios, até mesmo pela maneira como os colaboradores relacionavam-se entre si.

Foi a partir de três participantes – um amigo e dois conhecidos meus – que consegui o acesso a círculos distintos. Um exemplo disso está na experiência com Airton. Airton era proprietário de um brechó, que eu descobri por acaso e comecei a observar que se tratava de um ponto de referência gay na cidade. A partir dele, que me concedeu a primeira história de vida da pesquisa, fui apresentado a pessoas de seu círculo social. Airton, assim como outros colaboradores, envolveram-se com a pesquisa, no sentido de ampliar o número de gravações, o que endossava minha credibilidade junto aos pesquisados – por isso eu me refiro a eles como participantes e colaboradores.

Os três participantes-referenciais, no entanto, não se conheciam e isso deu margem para o acesso a diferentes círculos sociais e diferentes perfis etários. Embora o enfoque geracional hoje seja indispensável à percepção e à análise do problema, durante o trabalho de campo, ele foi fruto do acaso. A

propósito dessa diferença geracional, apenas colaboradores acima dos 50 anos de idade não foram ouvidos. Não porque eu não quisesse ouvi-los, mas porque os potenciais participantes não dispuseram-se a falar. Enquanto isso, os colaboradores na faixa dos 20 anos e dos 40 anos foram os mais solícitos em um conjunto de 24 histórias de vida de homens entre os 21 e os 50 anos.

Com um leque de identidades sexuais e idades bastante complexo, decidi afunilar o recorte e reduzir os problemas que avolumavam-se. Por isso, voltei minhas atenção àqueles que se declaravam “homossexuais”; primeiro pelo volume de histórias de vida de que eu dispunha – 16 – e depois, pelos temas que eram recorrentes em suas gravações.

Com as histórias de vida transcritas, fichadas e desmembradas por temas, foi possível entrecruzar as informações e perceber diferenças e repetições no conjunto de narrativas. O refinamento e a incidência dos temas originou marcadores – *masculinidade; diferença; afeminação; manejo do segredo; (in)visibilidade; silêncios; geração; assunção; respeito; distinções/restrições; discricção e homossexualidade sem ruptura* –, entendidos por mim como as questões e as palavras que se fizeram presentes invariavelmente em treze das 16 narrativas fichadas – resultando no eixo de evidências desta pesquisa. Pois, foram esse marcadores que iluminaram a força das *permanências sobre as rupturas* ao longo de trajetórias de vida marcadas pela diferença geracional, uma vez que o mais novo dos participantes tinha, à época da realização de sua gravação, 21 anos de idade e o mais velho 50 anos.

Tal diferença geracional salientou representações, práticas e valores que eram comuns entre os treze participantes, pela repetição na narrativa. Aliás, própria produção das narrativas biográficas foi representativa desses valores, representações e práticas narradas. Durante as gravações, os participantes alteravam sua postura, alteravam o timbre de voz – que se tornava mais grave no momento em que eu ligava o gravador, retornando aos padrões habituais ao longo da conversa –, como também repetiam certas palavras – particularmente gírias associadas ao vocabulário masculino. Airton, por exemplo, chega a mencionar a palavra “cara” quase 160 vezes ao longo de sua história de vida, embora, com o gravador desligado, a recorrência da gíria no seu dia-a-dia fosse expressivamente menor.

A modulação da voz e da linguagem corporal foram importantes indícios – reunidos graças ao diário de pesquisa – do quanto os participantes controlaram suas imagens diante de mim, que apenas sabia deles aquilo que seus amigos haviam me revelado. Essa peculiaridade do trabalho de campo tornou-se importante porque, depois de conhecidos por mim, eram alvos de comentários – basicamente sobre o quão afeminados o eram – das pessoas que compunham seu círculos sociais. Em alguns casos, os comentários não condiziam à imagem que me foi transmitida durante as gravações e esse foi um aspecto importante, pois revelava demandas pesando sobre os sujeitos.

Uma outra característica do homossexual respeitável misturada ao trabalho de campo foi a escolha dos locais de realização das histórias de vida. Não porque quisessem se esconder, mas porque queriam *liberdade para falar* longe de seus familiares, motivo pelo qual eu sugeriu aos participantes que as

gravações fossem feitas na minha casa. Não foram raros, contudo, os casos em que os próprios colaboradores antecipavam-se a minha sugestão e ofereciam a possibilidade de suas histórias de vida serem realizadas nos seus ambientes de trabalho, depois do expediente, uma vez que eram seus proprietários¹⁶.

Ao quesito “local da entrevista”, acrescenta-se, também me foi oferecida uma certa proteção por parte de alguns colaboradores. A intenção era evitar que eu levasse até minha casa pessoas que pudessem me prejudicar, “queimar meu filme”, especificamente alguns rapazes que eram drag queens. Airton, novamente, serve de exemplo, pois deixou à disposição o escritório de seu brechó exatamente com esta finalidade que acabo de mencionar.

Por fim, o ato mesmo de narrar emergiu como o momento do *fazer-se* do homossexual respeitável. Nele, modulação de voz, vocabulário e narração giravam em torno da afirmação desses sujeitos como homens *normais*, ao mesmo tempo em que inseriam-se no mundo *através* da percepção de si enquanto *homossexuais*, uma vez que suas sexualidades eram interpretadas como princípio organizador de suas subjetividades e identidades. Como os sujeitos reconheciam-se e auto-denominavam-se homossexuais, investi em quatro perguntas-chave: *o que era, para eles, ser homossexual; como era ser*

¹⁶ Os treze colaboradores cujas narrativas biográficas são analisadas nesta pesquisa são homens de classe média, em sua maioria com curso superior, trabalhando como estudantes, profissionais liberais, funcionários públicos e microempresários. Por uma coincidência proporcionada pelo afinamento do recorte, todos nasceram em famílias católicas, embora a maioria não siga a religião.

*homossexual em Pouso Alegre; se eram assumidos; e o que, para eles, significava ser assumido.*¹⁷

Essas perguntas não faziam parte de um roteiro. Na verdade, não houve roteiro para as narrativas biográficas. Minhas perguntas e observações apenas surgiam visando aprofundar os aspectos que eu julgava relevantes ou aqueles outros que eu não compreendia. O fio condutor das narrativas era que me falassem sobre suas vidas, desde a infância. A partir desse pedido, suas narrativas fundiram então viés biográfico com viés sexual, tornando-se *narrativas sexuais* organizadas como *histórias de assunção* (Plummer, 1995).

Profundamente amalgamadas às práticas e estratégias do cotidiano (ibid, p.25), essas histórias, que são muito caras aos participantes, através de seu *caráter afirmativo* naturalizavam experiências como identidade – identidades impensáveis fora da sexualidade. A narrativa dessa “naturalização” transformou-se assim em um trunfo, pois a afirmação da homossexualidade durante a elaboração das histórias de vida tornava visíveis os processos de subjetivação e de construção da diferença através dos quais identidade e sexualidade conduziam não só à essencialização da homossexualidade, mas igualmente à da heterossexualidade. As narrativas de assunção dos colaboradores fazem parte, assim, de um processo de aprendizado sobre como ser homossexual. No caso, um conjunto de regras e indicações a respeito de

¹⁷ Existe um debate crítico em torno da categoria da homossexualidade com o qual todos os pesquisadores da temática se deparam. Esse debate problematiza as conotações essencialistas e a origem medico-legal do termo *homossexual*. Essa discussão também diz respeito ao termo *gay*, uma vez que, apesar de suas conotações positivas, continua a pensar a homossexualidade como um atributo natural, uma essência. Nesse sentido, outras formas de designação foram sugeridas, com destaque para o termo “homoerotismo” (Costa, 1992). Ciente deste debate, preferi utilizar os termos de referência empregados pelos sujeitos, em vez de recorrer a designações que, embora críticas à naturalização e à patologização da sexualidade, são alheias à prática social dos sujeitos.

como ser um homossexual *respeitável*, revelando o quando a homossexualidade diz menos respeito a tipos de pessoas que a práticas culturais e modos de interação como formas de uma experiência subjetiva (Halperin, no prelo).

Capítulos

A organização dos capítulos foi pensada de uma maneira que seguisse o crescendo de tensões que os sujeitos esboçaram no fazer-se de suas narrativas. Dessa forma, no primeiro capítulo, *Elaborações* (ou sobre “um lugar além do arco-íris”), procuro acompanhar as transformações em torno da vivência da homossexualidade na cidade, remontando à década de 1970, antes daquilo que um dos participantes classificou como “gay, não-gay”, referindo-se ao surgimento de espaços de sociabilidade homossexual em Pouso Alegre. O surgimento desses espaços na década de 1990, aliás, é ponto de virada na história dos sujeitos: ele indica a introdução de novas possibilidades de existência, ao mesmo passo que começa demarcar as linhas de atuação dos sujeitos no sentido de diferenciarem em meio à crescente visibilidade da homossexualidade. visibilidade associada a afeminação.

Nesse sentido, no segundo capítulo, *Impasses* (ou sobre os fios e a urdidura), busquei apreender o inventário de representações acerca da homossexualidade. Representações que pesam sobre a constituição da subjetividade dos colaboradores naturalizando a homossexualidade e a heterossexualidade através de relações de poder invisíveis em suas

operações, mas poderosas em seus efeitos de marcação da “diferença” e da “norma”. Nesse capítulo, são historicizadas as histórias da homo e da heterossexualidade, inscritas na consolidação da sexualidade moderna como dispositivo produtor de sujeitos. A partir da história dessas categorias, identifico o funcionamento da heterossexualidade, abordando o papel da masculinidade e da homofobia na manutenção da estrutura de privilégios na qual a heterossexualidade ocupa papel de destaque. Percurso que leva diretamente à apreensão dos modos pelos quais subjetividades homossexuais são constituídas, dentre elas, a subjetividade do homossexual respeitável.

Por fim, o terceiro capítulo, Modos (ou sobre o homossexual *respeitável*) estabelece a relação entre o surgimento dos espaços de sociabilidade homossexual em Pouso Alegre, bem como a crescente preocupação dos sujeitos em posicionar-se em exterioridade à afeminação, e a experiência do homossexual respeitável, cujo universo subjetivo constitui-se e afirma-se enquanto respeitável através de uma série de regulações. Regulações, que são praticamente uma cartilha sobre como ser um homossexual de respeito.

Apresentados os capítulos, cabe agora introduzir os protagonistas deste estudo, através de breves sinopses biográficas.

Airton, 40 anos, solteiro nascido em Santo André-SP, solteiro. Mudou-se para Pouso Alegre na segunda metade da década de 1990. Possui um brechó que se tornou famoso ponto de sociabilidade homossexual na cidade. Possui um casal de irmãos irmãos. Os pais estão vivos e moram em Pouso Alegre desde os anos 1970.

Alexandre, 45 anos, solteiro. Nasceu em uma pequena cidade próxima a Pouso Alegre, para onde mudou-se durante a adolescência. Tem mais quatro irmãos. Nasceu em família católica e tradicional. Não tem religião. Micro-empresário. Morou no Rio de Janeiro e em São Paulo durante sua juventude.

André, 24 anos, professor, solteiro. Morou no interior de São Paulo por três anos. Pais separados. Não tem religião, mas já foi católico. Possui um casal de irmãos mais novos.

Bruno, 27 anos, companheiro de Henrique. Caçula de 5 irmãos. Morou em São Paulo, voltou para a cidade no começo dos anos 2000. Considera-se católico.

Gustavo, 33 anos, nascido em Pouso Alegre. Morou em São Paulo por um ano. Pais são vivos ainda; possui dois irmãos. Comerciante. É companheiro de Marcelo.

Henrique, 21 anos, solteiro. Nasceu em Pouso Alegre e ainda criança os pais o levaram para morar em uma cidade pequena próxima a Pouso Alegre. Namorou mulheres, mas considera-se homossexual desde seus 16 anos. A família é católica, mas durante a adolescência converteu-se a um credo neo-pentecostal, que abandonou. É companheiro de Bruno.

Lucas, 20 anos, solteiro, estudante universitário. Mora com a mãe. Pais separados. Possui um irmão.

Marcelo, 34 anos, nascido em uma cidade vizinha a Pouso Alegre, solteiro, profissional liberal. Pai falecido. Possui uma irmã. Companheiro de Gustavo. Morou em São Paulo por alguns anos na juventude.

Mário, 50 anos, solteiro, profissional liberal. Nasceu em Pouso Alegre, tem quatro irmãos, sendo o caçula. Morou em várias cidades do sudeste e do

centro-oeste do Brasil. Naceu em família católica, mas considera-se “kardecista”.

Otávio, 27 anos, solteiro, nascido em uma cidade pequena próxima a Pouso Alegre, quinto de dez irmãos. Mudou-se para Pouso Alegre na juventude. Família evangélica. Não tem vínculos com a igreja mais. Micro-empresário.

Roberto, 34 anos, solteiro, funcionário público. Nascido em Pouso Alegre. Morou em Belo Horizonte por um tempo, para estudar. É o caçula de quatro irmãos. Pais ainda são vivos. Família católica. Esteve envolvido durante muito tempo com atividades da Igreja, mas hoje mantem-se ao longe.

Valter, 41 anos, divorciado, nasceu em uma pequena cidade próxima a Pouso Alegre. Mudou-se para a cidade aos 10 anos. Tem um casal de filhos. Foi casado por dez anos. Considera-se homossexual. É microempresário. Morou em São Paulo por três anos e meio. Possui criação católica, mas não pratica a religião.

Wellington, 40 anos, solteiro, funcionário público, penúltimo de nove irmãos. Nasceu em uma cidade próxima a Pouso Alegre, onde mora desde o início dos anos 1990. Morou vários anos no interior de São Paulo.

Capítulo I

ELABORAÇÕES

(OU SOBRE UM LUGAR ALÉM DO ARCO-ÍRIS)

“Somewhere over the rainbow/Way up high,
There's a land that I heard of/Once in a lullaby.

Somewhere over the rainbow/Skies are blue,
And the dreams that you dare to dream/Really do come true.

Someday I'll wish upon a star/And wake up where the clouds are far/Behind me.
Where troubles melt like lemon drops/Away above the chimney tops
That's where you'll find me.

Somewhere over the rainbow/Bluebirds fly.
Birds fly over the rainbow/Why then, oh why can't I?
If happy little bluebirds fly/Beyond the rainbow
Why, oh why can't I?”

Somewhere Over The Rainbow – Judy Garland

Espaços

Foi na segunda metade da década de 1990 que Airton¹⁸ tomou a decisão de dar um novo rumo a sua vida. O objetivo era deixar para trás, particularmente, a dolorosa lembrança do falecimento de seu companheiro. A

¹⁸ AIRTON, 42 anos, solteiro, comerciante. Entrevista realizada em: 5 Outubro 2005. Aprox. 100 minutos.

correria do cotidiano e as múltiplas possibilidades oferecidas pelo universo gay da capital paulista foram trocadas, então, por um dia-a-dia mais pacato em Pouso Alegre, no sul de Minas Gerais.

Pouso Alegre, aliás, não era a Airton uma total desconhecida. Foi para lá que seu pai havia se mudado com a esposa e a filha caçula depois da aposentadoria, nos anos 1980. Porém, foi apenas com a mudança, nos anos 1990, que estabeleceu amizades e, através dela, conheceu um outro lado da vida na cidade.

As primeiras amizades de Airton em Pouso Alegre introduziram-lhe um universo de práticas e valores distinto daquele no qual sua vida fluía em São Paulo. As boates, as festas, os amigos, as feiras de moda, o contato com gente de todo o tipo era substituído – e contrastado – em Pouso Alegre por experiências homossexuais legadas às entrelinhas, como os jogos de sedução empreendidos por seus amigos no ambiente de uma festa de santo padroeiro. A esse respeito, Airton revela:

“...naquela época [segunda metade dos anos 1990] tinha aquela festa no [bairro] Santo Antônio. Tinha muita quermesse; hoje em dia acho que nem tem mais isso, não; e a gente ia muito nessas festinhas, nessas quermesses. E eu lembro que era uma festa de Santo Antônio e eles [os amigos de Airton] iam caçar os bofes deles nessas festas, cara! Eu não entendia nada, cara. Aí eu falei: ‘Junta uma grana, vamos p`ra São Paulo que eu vou levar vocês numa boate.’ Levei os dois na boate e eu lá, adorando, encontrando com meus amigos, e os dois sentados no canto. Eles me falaram assim: ‘Mas tudo isso é viado, tudo gay! Ai, que sem graça!’ Eu não acreditei: ‘Mas Airton, aqui não tem homem! É tudo viado, tudo bicha, tudo gay! O que que você faz aqui?!’ Aí eu não agüentei. Você vê a diferença? Eu achei isso muito engraçado!”

O “engraçado” de Airton, contudo, tem menos a ver com humor que com incômodo. Na medida em que a quermesse do “santo casamenteiro” abre um campo de possibilidades eróticas aos amigos de Airton, o próprio sente aumentar a distância entre as experiências homossexuais vividas em Pouso Alegre e aquelas vividas por ele em São Paulo. O choque de culturas começa com o lugar dos encontros entre os sujeitos, deixando claro o teor implícito dos envolvimento – uma atmosfera sincrética, opaca, que faz coro às práticas de sedução. Práticas de sedução cujo objeto de desejo é uma masculinidade idealizada enquanto oposição “verdadeira” à homossexualidade. “Homens de verdade”, o fetiche dos amigos de Airton eram os soldados do quartel da cidade, aqueles rapazes que se envolviam em relações sexuais com as “bichas”, mas não pensavam-se – nem eram pensados por quem os desejava – como homossexuais. Esses homens eram o contrario daquilo que eles próprios testemunharam na boate, em São Paulo, na companhia de Airton, vista, assim, como um lugar limitador de suas possibilidades de existência.

Mas seria essa busca pelo homem de verdade a única maneira de experimentar a homossexualidade na cidade quando Airton para lá se mudou? Quais outras possibilidades estariam sendo vividas por outros sujeitos naquela mesma época? Quem delinea uma resposta a essas indagações é Gustavo¹⁹, que nasceu e sempre viveu em Pouso Alegre.

¹⁹ GUSTAVO, 30 anos, comerciante, mantém relação conjugal estável com Jonas. Entrevista realizada em: 08 Outubro 2005. Aprox. 90 minutos.

Quando eu perguntei a Gustavo como era ser gay em Pouso Alegre, ele voltou-se para transformações em sua subjetividade, explicando-me sobre como deixar de ser exclusivamente passivo expandiu-lhe horizontes com relação a sua homossexualidade. Contrapondo seu passado e seu presente no momento da nossa conversa, então ele oferece um panorama das vivências homossexuais na cidade nos anos 1990. Segundo ele:

“...em Pouso Alegre, a história é que os gays, eles tinham na mente que são exclusivamente passivos. E eles acham que vão encontrar um príncipe vindo num cavalo branco, aquelas coisas. Então, eu não tinha conhecido o outro lado e hoje eu me considero uma pessoa versátil. Eu não tenho o estigma do ativo ou do passivo. Eu tenho que sou versátil, curto qualquer coisa, desde que seja um prazer legal, com responsabilidade. E na época nossa, de 10, 15 anos atrás, aqui não existia muito isso. Hoje é mais liberal, mas não existia muito entendido, muitos gays visíveis, gays que gostam de gays. Então, a maioria que existe, os passivos, gostam de homens, homens héteros. Eles não gostam de gays. Eles não admitem, aliás, até hoje eles não admitem a possibilidade de ter um relacionamento com gay. É só com hétero.”

O contraste entre papéis sexuais supostamente vividos como “camisa de força” e outras possibilidades de intercâmbios eróticos e afetivos contido na fala de Gustavo capta uma transformação em curso: a emergência e difusão de outras experiências identitárias para além das relações entre “bichas” e “bofes”, na cidade. O “entendido”, que desponta da fala de Gustavo como uma dessas experiências, representa uma ampliação de possibilidades de existência na cidade. Possibilidades que trazem consigo a elaboração de novas subjetividades e valores, pois ser “entendido”, sexualmente “versátil”, passa

simbolizar também a transcendência dos “limites” da passividade. Uma passividade que ia muito além da conotação sexual, uma vez que a versatilidade dos papéis sexuais rompe também com uma imagem do homossexual fragilizado, cuja felicidade afetivo-sexual parece estar colada à imagem de um salvador, simbolizado pelo príncipe encantado montado em um cavalo branco.

A transformação subjetiva de Gustavo, por sua vez, nuança disputas entre vivências distintas que não são anuladas ou substituídas umas pelas outras. O “entendido” passa a conviver com aqueles homossexuais “exclusivamente passivos” que ainda buscavam em um contexto “mais liberal” – para perplexidade de Gustavo – relacionarem-se somente com homens “heterossexuais”.

Embora Gustavo contextualize a difusão do “entendido” na cidade na década de 1990, tal experiência – bem como a identificação de alguns sujeitos enquanto “entendidos” – já estava presente em Pouso Alegre no início da década de 1980. Porém, nos anos 1980 os sentidos e usos do “entendido” estavam um pouco distantes dos “gays visíveis” que Gustavo associa ao termo. Conforme é possível observar no relato de Vinícius²⁰, “entendido” funcionava como um código de identificação, que permitia aos sujeitos reconhecerem-se como homossexuais sem se exporem. A palavra surge na narrativa de Vinícius quando ele recorda-se do dia em que deu-se conta, no trabalho, que outras pessoas eram iguais a ele. Segundo Vinicius:

²⁰ VINÍCIUS, 42 anos, divorciado, micro-empresário. Entrevista realizada em: 18 Novembro 2005. Aprox. 100 minutos.

“[No departamento onde trabalhava] éramos seis a oito pessoas. Desses seis a oito, quatro eram entendidos. Só que até então eu não sabia. Eu olhava e via que eram meio diferentes e tal, mas, normal. Até um dia que saí com uns amigos e fomos p`ro terraço de um prédio, porque ia ter uma festa e naquela época a gente fumava muita maconha e eu comecei a escutar umas conversas diferentes: ‘Porque ele é bonito’; ‘Porque ele é lindo’; e isso e aquilo; ‘Ele é bem dotado’; e eu falei: ‘Gente, que papo é esse!? Que conversa estranha é essa?!’ Antes disso, eu estava no; como que chama onde guarda documentos no banco mesmo?, é, é; almoxarifado!; aí entrou um cara e de cara ele perguntou pra mim: ‘Escuta, você é entendido?’ Até então, eu não tinha conhecimento dessa palavra. Eu não sabia o significado dessa palavra. E eu: ‘Entendido no que?’ Ele então viu que eu não tinha é entendido nada, disse: ‘Ah, larga mão, esquece!’ Ele ficou sem graça. E nesse dia, eu comecei a me aproximar das conversas e pensei: ‘Putz, eu não sou diferente de ninguém! Tem muita gente igual a mim’ Acabou que eu fui ter um caso com esse menino que perguntou.”

Vinicius, cuja família mudou-se de uma cidade pequena para Pouso Alegre no final dos anos 1960, deu-se conta do que significava “ser entendido” algum tempo depois de um companheiro de trabalho questioná-lo se ele era ou não “entendido”, ou seja: homossexual. Como Vinicius e esse mesmo rapaz tiveram um caso depois, a pergunta implicava uma estratégia de reconhecimento. O que de certa forma conecta-se ao argumento de Gustavo quando ele diz que no tempo de sua juventude não existiam muitos entendidos na cidade: o entendido é uma experiência que, em contraste com a relação da “bicha” com o “bofe”, é invisível na cidade. Entretanto, o “entendido” tem uma história que remonta à década de 1960.

O “entendido” representa uma experiência cultural produto e produtora de mudanças na experiência da homossexualidade no país. Tratava-se de um homem homossexual que encarava sua homossexualidade como traço o distintivo de sua personalidade. Traço este não mais relacionado à vergonha, mas ao bom gosto e à cultura que lhe eram inatas. A versatilidade dos papéis sexuais, transformando tudo em transa, é outra característica dessa experiência que foi problematizada nos anos 1970 e 1980 como igualitária. O “entendido”, assim, era vivenciado como contraponto à “bicha” – vinda das classes populares, moradora da periferia, cuja obtenção de prazer estava submetida à dicotomização dos papéis sexuais nos termos ativo-passivo. Contraponto perpassado por um viés de classe muito forte, uma vez que a experiência do “entendido” foi apreendida a partir de um círculo de homens que se consideravam homossexuais, de classe média alta e moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro e que viajavam ao exterior²¹.

Ao final dos anos 1970, porém, o termo ganha maior popularidade. Em meio à reabertura política, surge, junto com outros movimentos sociais – mulheres, negros – o Movimento Homossexual Brasileiro, que abraça o termo “entendido” como uma maneira “nacional” de designar os homossexuais. “Nacional” porque o termo gay, popularizado pelo moderno Movimento Homossexual originado nos Estados Unidos com os enfrentamentos de

²¹ Green sugere que o termo “entendido” no Brasil remonta aos anos do Estado Novo (1937-1945) em contraposição a antropólogos cujos estudos sobre homossexualidade datam o uso da palavra em 1960. Ele o faz a partir de cartas pessoais de homossexuais brasileiros que haviam viajado aos Estados Unidos após a Segunda Guerra e entrado em contato com a vida gay norte-americana. De acordo com Green, o termo era uma expressão codificada que identificava indivíduos e lugares em contraste com pessoas e lugares que não compartilhavam do outro sentido que a palavra carregava consigo. (Green, 2002, p.291-293, 324)

Stonewall em 1969, era visto pelos militantes homossexuais brasileiros como importação (MacRae, 1990).

Levando-se em conta a história que envolve não apenas o termo, como a experiência mesma do “entendido”, uma leitura apressada dessa trajetória poderia conduzir à pressuposição de que Pouso Alegre encontrava-se, nos anos 1980 e 1990, imersa em um “atraso” de algumas décadas em relação aos contextos metropolitanos dos quais “entendido” emergiu como expressão identitária homossexual. Todavia, o que eu pude observar foi exatamente o contrário. Era começo dos anos 1980 quando Vinícius foi indagado por seu futuro “caso”, o que indica uma experiência que já havia extrapolado o ambiente das grandes cidades e alcançado pequenas cidades interioranas relativamente distantes de São Paulo e Rio de Janeiro – onde já existia uma subcultura homossexual desde os anos 1950. Um outro ponto ainda mais significativo que pesa contra essa leitura do “atraso” é o contexto em que se difunde em Pouso Alegre a experiência do “entendido”: os anos 1990, época de “novas formas de vir-a-ser” (Figari, 2007, p.443).

Os anos 1990 são os anos nos quais a discussão em torno da homossexualidade ganha nova configuração. No pós-AIDS brasileiro a homossexualidade sai definitivamente da esfera do privado e ganha cada vez mais visibilidade, retomando um movimento político iniciado na segunda metade da década de 1970, abalado pelos impactos da epidemia nos anos 1980. Com isso, o leque de expressões identitárias é expandido quase ao infinito: são gays, lésbicas, simpatizantes, transexuais, transgêneros, barbies, bears, cross-dressers, drag queens, clubbers, modernos, entre tantas outras

identificações – inclusive do Ministério da Saúde, com seu HSH, “homens que fazem sexo com outros homens”. Não é à toa que as primeiras Paradas do Orgulho Gay são realizadas nos anos 1990²². Tampouco a expansão expressiva dos lugares, dos produtos, dos meios de comunicação voltados para homossexuais nas grandes cidades a partir dessa época, consolidando a relação entre identidade e consumo²³.

Pouso Alegre acompanha essas transformações mencionadas acima, das quais não se pode escapar, uma vez que toda a discussão em torno da AIDS e, a partir dela, sobre a pluralidade sexual, foi parar na grande imprensa. No entanto, a maneira como a pequena cidade acompanha essas transformações tão intensas não deve ser vista como mera repetição de um processo mais geral em uma escala microscópica, e sim como a participação mesma de uma pequena localidade em um processo social atribuído grande medida apenas a grandes centros urbanos.

Estranhamentos

Os estranhamentos de Airton com relação às práticas de seus amigos na quermesse, a experiência de Vinícius no almoxarifado sendo indagado se ele era ou não “entendido”, mais as transformações subjetivas de Gustavo compartilham uma característica: uma atmosfera densa de segredo e

²² Um detalhamento do contexto dos anos em que surgem essas novas expressões identitárias, bem como o “inventário” de boa parte delas, pode ser conferido em Facchini (2005, p.171-184) e Figari (op.cit., p.443-488).

²³ A esse respeito, ver particularmente os trabalhos de França, (2010), França e Simões (2005), e Nunan (2003).

clandestinidade. As quermesses, nesse sentido, conformavam uma espécie de cartografia da clandestinidade, composta ainda por terrenos baldios, banheiros públicos, lugares ermos e campos de futebol, espaços nos quais a maioria das experiências homossexuais eram levadas a termo. Eram essas as perspectivas que se abriam para os sujeitos na época em que Tony²⁴ mudou-se para a cidade, no início dos anos 1990. Segundo ele:

“... a vida dos homossexuais de Pouso Alegre na época [década de 1990], ou até alguns anos atrás, era dentro de ambientes hétero, fazendo a linha, de mãos dadas com meninas, beijando meninas na boca, mas afim dos meninos. Aí rolava as coisas no banheirão, atrás dos lugares, nas quebradas, né?, campos de futebol...”

Quando se mudou para Pouso Alegre, a inexistência de uma vida gay na cidade causou em Tony desconforto. Pesava contra a cidade a experiência desfrutada por ele em cidades de médio porte no interior paulista e em Minas Gerais onde a existência de uma vida gay abria um horizonte de possibilidades não apenas para ele, mas para os sujeitos em geral. Assim, com o passar dos anos e um círculo de amizades cada vez maior, crescia nele – que naquela época identificava-se como a travesti Tonya – a vontade de fazer algo para que lhe permitisse respirar. A oportunidade apareceu com o aniversário de um de seus novos amigos em Pouso Alegre: teve a idéia de organizar uma festa, batizada de “Uma Noite em Hollywood”²⁵.

²⁴ TONY, 46 anos, casado, esteticista. Entrevista realizada em: 18 Novembro 2005. Aprox. 120 minutos.

²⁵ UMA Noite em Hollywood. 1996, 1 videocassete (2h53 min), VHS, NTSC, sonoro, colorido.

A atmosfera diversa, de integração e de liberdade proporcionadas pela festa de Tony foi tão bem recebida que encontros como “Uma Noite em Hollywood” – mas sem o ambiente “hollywoodiano” da festa – passaram a ocorrer a cada quinze dias, aos sábados. O objetivo, desde a festa, era um só, segundo Tony: “ajuntar as bibas pra que elas mostrassem o que eram, sem medo e sem repressão”. As “bibas” de Tony eram seus amigos, que não dispunham de um espaço para mostrarem-se como eram “sem medo e sem repressão”. Não se tratava da reunião de “bichas” e “requinhos”, os soldados do quartel que Airton observou serem os “homens de verdade”, os objetos de caçadas sexuais nas festas de padroeiros em seus primeiros anos de Pouso Alegre. Assim, aquela “noite em Hollywood” ofereceu a muitos “entendidos”, àqueles que se tornariam drag queens, a homens afeminados e a muitas lésbicas, masculinizadas ou não, um espaço no qual era permitido experimentar identidades, abrir possibilidades. Talvez por isso o ponto alto da festa tenha sido a celebração do “casamento” entre dois “entendidos”, com direito a troca de alianças, juras de amor e beijos diante de todos os presentes em uma cerimônia celebrada por Tonya.

Depois daquela “Noite em Hollywood”, Tony passou a organizar recepções para os amigos – e os amigos de seus amigos – em sua casa. Como o número de pessoas só aumentava, Tony teve a idéia de alugar um imóvel exclusivamente para suas festas. O espaço escolhido foi o de um antigo restaurante da cidade, que estava fechado. Localizado em área residencial e nobre da cidade, o Varanda passou a funcionar aos fins de semana, com a casa sempre cheia. O sucesso da iniciativa revela, então, a demanda por um

terreno sobretudo simbólico que fosse capaz de abrigar múltiplas experiências homossexuais e prover-lhes um sentido que sobrepujasse-se à marginalidade. Uma demanda que acabou elegendo outros espaços na cidade, conforme pude apreender na narrativa de Airton.

Enquanto me contava um pouco da história do seu brechó, o QG Fashion, uma das recordações que foram mais caras a Airton teve a ver com o impacto de sua loja sobre a vida de muita gente na cidade. O caráter de novidade havia chamado a atenção do público em geral pela possibilidade de comprar roupas usadas, em bom estado, além de peças novas e de corte diferenciado, com preço baixo. Esse tipo de roupa, alternativa, também despertou o interesse de uma clientela que encontrou-se não apenas com a moda vendida no Mercado Mundo Mix, que Airton levou para Pouso Alegre, mas com a própria decoração do brechó, com seus murais cheios de panfletos das boates gays paulistanas.

Tais detalhes que garantiram um reconhecimento por parte de vários sujeitos que “faziam a linha” na cidade, mas liberavam-se na capital paulista nos fins de semana, explicavam, em parte, por que o brechó se tornou o ponto de referência gay – observado por mim, na década de 2000, durante o trabalho de campo. Entretanto, um outro fator, decisivo para que isso ocorresse pode ser encontrado na participação de Airton em um programa de entrevistas da TV local nos anos 1990²⁶. Ele relata o seguinte:

²⁶ O programa em questão chamava-se Programa Miriam Moraes e era exibido na década de 1990 na TV Libertas, hoje afiliada do SBT. Tratava-se de um programa de entrevistas e variedades sobre o que acontecia na cidade. Durante o trabalho de campo, a TV Libertas estava organizando sua mudança de endereço, não tendo sido obter dados mais precisos sobre o programa – quando foi ao ar, quando foi cancelado, por exemplo –, tampouco sobre a

“Eu lembro que tinha aquele programa da Miriam Morais na televisão e eles [a produção da TV libertas] foram me chamar; o brechó era uma novidade na cidade e eu fui na televisão dar a entrevista. Eu lembro que a Miriam até perguntou pra mim assim: ‘Mas e aí?! O seu público lá no brechó é bem diferenciado, né?’ E eu falei: ‘É, é bem diferenciado, sim. *Vai classe média, classe pobre, vão ricos, vai pobre, vai gay, vai sapatão, vão evangélicos, vai travesti, vai de tudo!*’ Lembro que eu falei assim pra ela e ela lá: ‘Nossa, sério?!’, fazendo assim ó [faz movimento de tesoura com os dedos], pra cortar. Aí eu falei: ‘Não pode falar bicha e sapatão, no ar?’, daí ela falou: ‘Vamos manear no linguajar, que isso pode chocar as pessoas.’ Aí, voltou [do intervalo] e eu peguei e falei: ‘Mas não pode falar bicha nem sapatão?’ [gargalhadas] (...) Nossa, eles ficaram assim, chocados! Foi o maior fuá na época. Aí, ligaram, na televisão, uma menina falava assim: ‘Ai, eu adorei você, porque eu sou lésbica!’ [risadas] E foi muito legal, todo mundo falava: ‘Nossa, te vi na TV ontem. Você é louco! [grifos meus]’”

As palavras que Airton usa no trecho para referir-se às reações da entrevistadora são significativas para apreender o que saturava as experiências homossexuais em Pouso Alegre de clandestinidade e de marginalidade. E é possível fazer uma lista delas: a possibilidade de “chocar” as pessoas levantada pelo uso de um vocabulário capaz de arrancar certos sujeitos e práticas da atmosfera de invisibilidade – que o recurso ao termo “diferenciado” traduz tão bem; o “fuá”, causado pela exposição de uma experiência até então, pelas convenções, vivida como segredo aberto; a “loucura” de Airton, por se expor na televisão e criar condições para que outras pessoas também se

entrevista de Airton. Recentemente, no entanto, de maneira informal, fui informado que o acervo da TV Libertas é formado apenas por programas mais recentes.

expusessem. Inclusive no ar, como a garota que se declarou lésbica pelo telefone, durante o programa.

A participação de Airton no Programa Miriam Moraes, no entanto, ganha outros contornos quando levada em consideração a relação entre a vizinhança e o brechó. A esse respeito, Airton diz:

“Eu sofri muito com isso quando eu vim pra cá, porque a cidade é pequena, é diferente, né? Na época eu sofri muito preconceito com a vizinhança quando eu tava com o brechó. Porque a vizinhança inteira lá, cara, achava que lá era um *antro gay*: só bicha e sapatão, bicha e sapatão entrando e saindo o dia inteiro. E o pessoal falava assim: ‘Nossa, Airton, assim *você vai queimar seu filme!*’ [risadas] Eu lembro que uma época, logo que eu vim pra cá eu saí; eu lembro que tinha aquele programa da Miriam Moraes na televisão e eles me chamaram, porque brechó era uma novidade na cidade. E eu fui, na televisão, dar entrevista. [grifos meus]”

Talvez Airton não tenha sido convidado a participar do programa de televisão para falar do brechó tão somente porque fosse uma novidade na cidade. O momento em que o convite ao Programa Miriam Moraes surge em seu relato é precedido por recordações da relação entre brechó e sua vizinhança. O brechó, nesse sentido, era uma novidade, mas incômoda. A entrevista, por esse prisma, soa como uma tentativa de justificar, de explicar o brechó e sua freqüência para o restante da cidade, para a vizinhança incomodada não mais como “antro gay”, mas como lugar de um público “diferenciado”. Em contrapartida a essa “suavização” dispensada pela apresentadora, Airton fez questão de misturar, sem subterfúgios, o “gay”, a “sapatão”, os “evangélicos”, as “travestis”, “ricos” e “pobres”.

O brechó de Airton e a festa de Tony, assim, são iniciativas que simbolizam o surgimento de um gueto gay²⁷ na cidade. Gueto gay como um circuito produtor de identificações e desidentificações, dotado de códigos, práticas e linguagens específicos, como um conjunto de “territórios marginais” (Perlongher, 2005) dotados de mobilidade, pelo qual os sujeitos deslizam em seus cotidianos. Desse gueto gay pouso-alegrense fazem parte, então, além das festas de Tony e do brechó de Airton, a praça principal da cidade – reapropriada altas horas da noite –, as boates que existiram – bem como aquelas que ainda existem – e os bares gays locais.

A consolidação desse circuito de sociabilidade homossexual²⁸ em Pouso Alegre, por sua vez, remonta ao final dos anos 1990, com a abertura da primeira boate gay da cidade, chamada Banana, em 1998. Consolidação, uma vez que, depois do Banana Pouso Alegre nunca deixou de contar com uma boate. Além disso, o clube noturno Banana também pode ser visto como marco de uma consolidação do gueto gay pouso alegrense na medida em que a boate representa um modelo de negócios e não mais as reuniões de amigos organizadas por Tony. Um reflexo disso é que, depois do Banana encerrar suas atividades em 2004, foi a vez de a Hype – inaugurada nos anos 2000 – se tornar a única boate gay local com programação fixa quinzenal.

²⁷ Compreendo como “gueto gay”, ou “gueto homossexual”, o conjunto de espaços onde pessoas que compartilham de uma vivência homossexual podem se encontrar. Esses espaços podem ser espaços públicos ou comerciais, como praças, ruas, quarteirões, estacionamentos, bares, restaurantes, boates, saunas, e não apresentam limites geográficos específicos, acompanhando a fluidez dos sujeitos que os freqüentam. Também entendo que o gueto possui um papel protetor, na medida em que possibilita experimentações identitárias. Acerca do “gueto gay” no Brasil, ver Simões e França (2005), Fry (2005) e Perlongher (2005, 2008).

²⁸ Para conferir a maneira como esses espaços estavam distribuídos na cidade, consultar mapa na sessão Anexos.

A Hype, em funcionamento até o presente – e que já foi batizada de Disco Hype, Mansão dos Nobres, Hype, Estação 459, Apple e Disco Hype novamente²⁹ – chegou a dividir espaço com outras iniciativas, itinerantes, como a DeLight. Surgida em 2005, por sua vez, a DeLight realizou entre 2005 e 2007 festas esporádicas³⁰ em lugares conhecidos e tradicionais da cidade – como o PA Shopping Center, na sua estréia, e o Clube Literário e Recreativo de Pouso Alegre, em 2006 – a qual pude acompanhar. No rastro das boates, também entre 2005 e 2007, ao longo do trabalho de campo, apareceram os primeiros bares gays de Pouso Alegre – como o Bar da Bel e o Fama Sauna Bar, gerenciados por lésbicas³¹.

Nesse breve histórico das boates e dos bares gays de Pouso Alegre³², a DeLight, cabe dizer, tem um papel importante. Suas festas itinerantes inverteram a lógica da invisibilidade que constitui a “festa gay” em Pouso

²⁹ As mudanças no nome da boate refletem as mudanças na gerencia do estabelecimento: a clientela, o funcionamento, as musicas e o local continuam os mesmos. Durante o trabalho de campo eu, insistentemente, tentei estabelecer contato com diferentes administradores, mas nunca consegui viabilizar uma entrevista. Em 2007, no entanto, ao entrevistar o então vereador Marcos Campanella, descobri o que inviabilizava os contatos: a boate não possuía alvará de funcionamento, tendo seus proprietários recorrido várias vezes ao vereador no sentido de evitar o fechamento do estabelecimento e a aplicação de multas. MARCOS CAMPANELLA, 35 anos, solteiro, dentista e ex-vereador. Entrevista realizada em: 10 Março 2005. Aprox. 90 minutos.

³⁰ A DeLight não é necessariamente uma boate, pois não tem endereço fixo. Trata-se de iniciativas isoladas, geralmente muito bem organizadas, e de grande sucesso de público. As informações mencionadas a respeito da DeLight estão restritas às primeiras festas e foram obtidas através de entrevista com um dos sócios no empreendimento. Isto porque os sócios em questão romperam relações após a segunda festa. Depois disso, o principal responsável mudou-se de Pouso Alegre para destino desconhecido. FLÁVIO, 23 anos, solteiro, promotor de eventos. Entrevista realizada em: 01 Novembro 2005. Aprox. 90 minutos.

³¹ A respeito desses bares, disponho de informação apenas sobre o Fama Sauna Bar. O bar é fruto da sociedade entre um casal de lésbicas, que gerencia o estabelecimento, e do dono do prédio, que não se envolve diretamente com o bar e prefere não ser identificado. O nome surgiu da iniciativa de juntar o espaço de um bar com uma sauna, no entanto, a sauna foi desativada na medida em que raríssimos clientes dispunham-se a freqüenta-la. No entanto, o “sauna” foi mantido no nome mesmo com sua desativação. Para conferir a maneira como esses espaços estavam distribuídos na cidade, conferir mapa na sessão Anexos.

³² Não é minha proposta escrever uma história pormenorizada dos espaços de sociabilidade homossexuais da e na cidade. Esta empreitada por si originaria uma tese ou dissertação, sendo uma possibilidade aberta para futuras pesquisas.

Alegre, baseada fundamentalmente no “boca-a-boca” entre aqueles que sabem quando será a próxima festa. Sem prescindir dos pontos de referência habituais aos freqüentadores da Hype – como o brechó de Airton – a DeLight somou ao material de divulgação impresso habitual anúncios em rádios regionais, como a Band FM. Outra iniciativa inédita foi afirmar-se como grande acontecimento através de outdoors dispostos nas saídas da cidade.

Flávio, um dos promotores da DeLight, revelou com um sorriso no rosto a repercussão que a atitude de anunciar nas rádios e utilizar veículos de mídia como outdoors gerou, particularmente, entre os freqüentadores das festas e pessoas conhecidas suas do “meio gay” local. Reações de “assombro”, segundo ele, relativas à “ousadia” do empreendimento. Um assombro que reflete continuidades que atravessam e acompanham transformações significativas do status da homossexualidade – não apenas localmente, mas em um contexto mais geral, conforme apresentado páginas.

Entre “Uma Noite em Hollywood” e os outdoors coloridos que anunciavam a primeira passagem de Léo Áquilla por Pouso Alegre lá se vão dez anos. Dez anos estes que contrastam a cartografia da clandestinidade à visibilidade de experiências homossexuais na cidade. Desse contraste, como também pelo assombro com a ousadia das propagandas, uma espécie de necessidade em manter as experiências homossexuais revestidas por uma aura de opacidade emerge como a continuidade em meio às rupturas representadas pelo surgimento e consolidação do gueto gay pouso-alegrense.

Ao longo de dez anos, as festas, as boates e os bares abandonam a região central. Há um deslizar, iniciado com a Hype, desses locais para a

periferia da cidade. As boates, as festas e os bares passam a preferir vizinhanças distantes, a movimentação de uma avenida e o isolamento de uma rodovia³³ como endereço. Um deslocamento que se torna patente quando contrastado à iniciativa ousada dos organizadores da DeLight de realizar uma festa gay no coração da cidade.

Vista como novidade e com uma agenda regular de festas quinzenais, a Hype, que desbancou o Banana, localiza-se desde sua inauguração, às margens da BR-459. Outras iniciativas, como os bares gays surgidos ao longo da década de 2000 reforçam a tendência pelo deslocamento da região central e pelo aumento da invisibilidade. O Fama Sauna Bar, nesse sentido, é a melhor representação desse fenômeno: suas proprietárias montaram um bar na garagem de um pequeno edifício localizado bem longe do centro. O bar em questão, na ocasião da minha visita, não tinha placa alguma que denotasse que ali havia um estabelecimento comercial. Também observei não ser possível utilizar a entrada do bar como ponto de encontro, tal como ocorre com a entrada da boate: o bar fica em uma avenida movimentada que conecta a periferia da cidade ao centro.

Ao delinear tanto a trajetória quanto esse percurso de invisibilização dos lugares gays em Pouso Alegre, eu, em momento algum, esqueço das palavras

³³ Vista como novidade e com uma agenda regular de festas quinzenais, a Hype, que desbancou o Banana, localiza-se desde sua inauguração, às margens da BR-459. Outras iniciativas, como os bares gays surgidos ao longo da década de 2000 reforçam a tendência pelo deslocamento da região central e pelo aumento da invisibilidade. O Fama Sauna Bar, nesse sentido, é a melhor representação desse fenômeno: suas proprietárias montaram um bar na garagem de um pequeno edifício localizado bem longe do centro. O bar em questão, na ocasião da minha visita, não tinha placa alguma que denotasse que ali havia um estabelecimento comercial. Também observei não ser possível utilizar a entrada do bar como ponto de encontro, tal como ocorre com a entrada da boate: o bar fica em uma avenida movimentada que conecta a periferia da cidade ao centro.

mencionadas por Tony – “só ia quem sabia” – para explicar o papel e a presença de público de suas festas. À exceção da DeLight, a mesma afirmação pode ser aplicada a todos os eventos e lugares gays na cidade. Observadas as especificidades de cada momento, é possível afirmar que, mesmo depois do que eu encaro como consolidação da boate, a informação e a visibilidade desses locais e das trocas contempladas por eles circulam em uma esfera restrita: o mundo gay. Os flyers das festas são distribuídos em locais bem específicos da cidade – comumente, pontos comerciais que patrocinam os eventos – bem como por pessoas que são próximas dos organizadores dos eventos – em termos locais e, principalmente, regionais. E essas particularidades reforçam e controlam os contornos – tanto quanto os acessos – ao “gueto gay” pouso alegreense, de passado recente.

A apreensão desse “passado recente” do “gueto gay”, no entanto, ao entrecruzar-se com a zona de prostituição, revela a cidade e, mais importante, as práticas e estratégias de sociabilidade de que desfrutavam homossexuais em um contexto onde não existiam boates gays e bares gays. Embora as quebradas façam parte dessas práticas e estratégias de sociabilidade às quais me refiro, minha intenção é matizar lugares onde a experimentação identitária enquanto parte dos processos de elaboração subjetiva dos sujeitos emergiram em meio a contextos tidos por “exclusivamente heterossexuais”, revelando a maneira – e o momento – em que a cidade passou a ser vivida como dois universos paralelos, interdependentes e ao mesmo tempo excludentes: nomeadamente, o “mundo gay” e o “mundo hétero”.

José Mário³⁴, que nasceu em Pouso Alegre e viveu na cidade até parte de sua adolescência, relembra suas aventuras na zona de prostituição. Era para lá, em uma época em que não havia bares e boates exclusivamente “gays” que alguns homens homossexuais se dirigiam. Conforme revelou José Mário, ao longo das décadas de 1970 e 1980, além dos bares – Sayonara, Recreio, Carlitos e Papillon³⁵ – concentrados na avenida principal da cidade e seus entornos, a zona de prostituição feminina também desempenhava um papel-chave para as sociabilidades dos homo-orientados da época, que se divertiam com as prostitutas e algumas travestis. Segundo ele:

“[As prostitutas] eram mais assim, amigas, amigas, né?! Amigas, porque adolescente, não tinha muita coisa na cabeça, né?! Ia lá, fumava maconha com elas, bebia também. [risadas] Ia lá, mas sem se envolver sexualmente com elas, porque eu não sou sapatão! [risadas] Era tudo falta de opção também, não tinha muita coisa aqui em Pouso Alegre. Era tudo concentrado ali na Dr. Lisboa [principal avenida da cidade] e não tinha esse negócio de gay, não-gay. Os gays iam lá [nos bares], assim, sem dar muita bandeira e lá dentro eles se revelavam. Bebiam e aí começavam a dar bandeira, caçavam, começavam a caçar, a dar em cima dos homens. [risadas] Aí... porrada! Muitas vezes, muitas vezes batiam. Mas nem todos cantavam. Acontecia, podia acontecer, só que tava sujeito a isso [às agressões]. Hoje tem mais liberdade, muito mais abertura pra esse lado...”

A fala de José Mário dá o tom de uma transição que dividiu a cidade de acordo com a lógica binária da sexualidade. Transição expressa quando ele explica que antes “não tinha esse negócio de gay, não gay”. A partir dessa

³⁴ JOSÉ MARIO, 50 anos, solteiro, advogado. Entrevista realizada em: 30 Julho 2006. Aprox. 50 minutos.

³⁵ Para conferir a maneira como esses espaços estavam distribuídos na cidade, consultar mapa na sessão Anexos.

divisão que José Mário observa inexistente durante sua juventude, suas lembranças descortinam os limites de uma convivência nem sempre pacífica do público dos bares da época com a diferença. Diferença manifesta, é preciso ressaltar. E chama muito a atenção no relato de José Mário uma espécie de resignação com relação às possibilidades de agressão, caso elas ocorressem: quando José Mário relata que as cantadas podiam acontecer, mas estavam sujeitas à agressão, fica clara a existência nas entrelinhas de um sentimento de desencaixe, de que a “incorreção” e os “excessos” partiam sempre daqueles sujeitos que não sabiam se portar nesses ambientes “heterossexuais” por excelência. São “limites” que fazem ecoar o “sem medo e sem repressão” mencionado por Tony sobre os objetivos por trás das festas organizadas por ele.

Esse clima de insegurança e de atenção às regras do jogo por parte dos homossexuais, contrastado à “liberdade” e à “abertura” que são notadas “hoje” por Marcos – como o faz Gustavo ao contextualizar sua versatilidade na cama – salienta a emergência do “gueto gay” em Pouso Alegre a partir do final da década de 1990, com o surgimento das boates e depois, na década de 2000, de bares gays na cidade. Espaços que serviram aos sujeitos como laboratórios identitários que os conduziram a uma imagem positivada da homossexualidade, a experiências menos marginais e clandestinas, e a uma visibilidade inexistente antes da segunda metade dos anos 1990.

Junto com o surgimento e a consolidação de lugares de sociabilidade homossexuais em Pouso Alegre, com seu papel positivador das experiências homossexuais, também emerge uma série de estranhamentos no vácuo de

alterações comportamentais muito profundas ocorridas em um curto espaço de tempo. Conforme eu menciono páginas adiante, a ampliação das possibilidades de experiências homossexuais difunde-se em Pouso Alegre em uma época marcada pela fragmentação identitária. Paradoxalmente, os mesmos veículos dessas transformações na cidade são também os reveladores dos novos descompassos e dos novos pontos de tensão que decorrem delas. As festas, que lentamente se consolidaram como um espaço necessário e libertador, onde novas identidades e experiências eram vividas, na mesma velocidade, passam a ser encaradas por alguns sujeitos como espaços onde predominam a confusão e transgressão das normas de gênero. Um cenário fugidio que dá-se a ver muito significativamente através das narrativas de sujeitos acima dos 30 anos.

Além disso, é nas falas daqueles colaboradores que circularam por várias cidades antes de chegarem a Pouso Alegre que o contraste entre as experiências – não apenas em termos temporais, mas também em termos espaciais –, torna ainda mais evidentes os pontos de tensão decorrentes das rupturas que eu introduzi nos parágrafos anteriores. Pontos de tensão que descortinam uma subjetividade homossexual, para a qual “visibilidade” tem seus limites postos à prova. Airton é quem dimensiona essas transformações ao dizer que:

“Na minha época, cara, não tinha nem drag queen. Drag queen é uma coisa recente, de agora; não tinha isso, dessas bichinhas coloridas, clubber, né!? Isso é tudo uma geração que veio agora. E isso queima um pouco o filme, o povo é preconceituoso. (...) No Banana; quando eu vim pra

cá eu comecei a pensar, quer dizer, prestar atenção. Sabe que que é, cara? São Paulo, cara, é uma cidade grande, você tem várias opções e se tinha essas bichinhas que eu to falando aqui, elas freqüentavam um lugar que eu não fui, que eu nunca vi. E aqui não tinha opção, era o Banana. Então, ia tudo e todos pra lá e você via muita coisa lá, cara. Eu cheguei a ver muita coisa, muita coisa! Teve uma vez que eu cheguei a ver uma bicha com uma saia de tule e de coturno! [risadas] E você não sabia o que que era, se era drag, travesti. E ela falava: “Eu sou moderna!” [risadas] E ela lá, jurando que era Marilyn Mason, sabe? Tipo Marilyn Mason, essas coisas assim, sabe? [risadas] Aí aquilo eu comecei a ver, a reparar nessas coisas, que tudo é geração.”

As diferenças geracionais somadas às experiências vividas de múltiplas formas e em múltiplos lugares pelos sujeitos salientam, a partir das observações feitas por Airton, o desconforto causado por novos referenciais identitários que misturam cada vez mais os papéis de gênero. Ao mesmo tempo, a tentativa de entendimento desses novos referenciais retoma as cristalizadas associações entre homossexualidade e afeminação, que aparecem no relato de Airton sob os termos “drag queen” e “travesti”. Aliás, essas duas figuras podem ser vistas a partir das narrativas dos participantes como elementos centrais em um caleidoscópio de desidentificações que resulta do cruzamento das fronteiras de gênero e da produção de dúvidas decorrentes desse zigue-zague entre seus limites bem demarcados. Um caleidoscópio em que todas as imagens parecem se fundir sob o “espectro” da afeminação – ou, para usar outros termos, sob a figura da “bicha”.

Wellington³⁶, nesse sentido, é quem dimensiona essas experiências tão locais e ao mesmo tempo tão difusas. Nascido em uma pequena cidade do sul de Minas Gerais próxima a Pouso Alegre, Wellington mudou-se para o interior de São Paulo para estudar e foi durante esses anos que conheceu e passou a freqüentar várias boates gays. Quando mudou-se para Pouso Alegre, também nos anos 1990, encontrou no Banana uma opção de lazer, acompanhando desde então as transformações comportamentais que se tornariam cada vez mais visíveis a partir das boates. A esse respeito ele revela o seguinte:

“Eu acho que evoluiu bastante [a vida gay] aqui. Acho que de quando eu vim p`ra cá p`ra hoje, o pessoal ficou mais tranqüilo, é mais resolvido. Acho que isso é pela própria evolução mesmo, né?! Agora, uma coisa que me espanta muito, me estranha muito e talvez nisso eu seja careta; não sei se te interessa saber disso; quando eu comecei a ir em boate os papéis eram mais definidos, quem é homem, quem [pausa curta] quem é ativo e quem é passivo, vamos colocar de uma maneira menos grosseira. E hoje, não: você vê rapazinho super delicadinho que é ativo e machos que são super passivos. E há dez anos atrás isso era mais definido. Você chegava numa boate, você sabia quem era quem, você não ficava, como diz uma amiga minha, não ficava dando varada n`água. [risos] Você sabia, você tinha um; sabe? Mas por outro lado, o lado feminino hoje, as mulheres hoje são muito mais femininas. Dificilmente; dificilmente, não; você encontra menos lésbicas daquele tipo ‘machonas’, tá uma coisa mais equilibrada.”

Em nenhuma outra história de vida produzida os impasses e estranhamentos causados pelo aumento da indefinição em torno dos papéis sexuais enquanto refletores dos papéis de gênero emergem de forma tão direta

³⁶ WELLINGTON, 41 anos, solteiro, professor. Entrevista realizada em: 16 Novembro 2005. Aprox. 60 minutos.

quanto na narrativa de Wellington. Ele expressa precisamente a preocupação crescente de determinados sujeitos com relação a um processo de transformação da imagem – e da experiência – da homossexualidade masculina que parece caminhar em direção oposta ao “equilíbrio”, segundo ele, presente na experiência lésbica – equilíbrio como sinônimo de feminilização. Embora eu não seja capaz – e nem seja meu propósito – de confirmar esse movimento na experiência lésbica, a comparação que ele faz é extremamente significativa. Significativa, pois identifica o ponto de tensão que a “indefinição” dos papéis de gênero – e, conseqüentemente, dos papéis sexuais a eles associados – instaura no interior da experiência homossexual masculina, cujo terreno privilegiado tornou-se a boate.

Nesse sentido, para entender o que levou a boate a se tornar uma espécie de território da indefinição, é a fala de Airton, citada alguns parágrafos atrás, que fornece as primeiras pistas que justificam a afirmação. Ao mencionar que em sua época “não tinha nem drag queen”, sua experiência se conecta às imagens registradas na filmagem daquela “noite em Hollywood”, em 1996, onde a maioria das pessoas presentes à festa conformava-se às normas de gênero. As exceções ficaram a cargo de alguns rapazes caracterizados com roupas femininas, sendo que alguns deles chegaram a apresentar pequenos shows de dublagem de cantoras como Madonna e Maria Bethânia na festa. Contudo, não se tratava, exatamente, de drag queens, mas de “caricatas”, conforme pude ouvir de Fabiano³⁷, um daqueles rapazes. Essas

³⁷ FABIANO, 34 anos, relação conjugal estável com outro homem, esteticista e balconista. Entrevista realizada em: 11 Novembro 2005. Aprox. 100 minutos.

caracterizações eram mais relacionadas a um ar teatral e cômico do feminino que com a figura da drag queen e sua performance da feminilidade. No contexto da boate Banana, por seu turno, as drag queens, de acordo com Fabiano, ganharam espaço tornando cada vez mais seus shows de dublagem o ponto alto da festa – cujo repertório abandonou a MPB, mas não Madonna, para se concentrar, definitivamente, em cantoras de musica pop.

Com o passar do tempo, não só a drag queen e seu show consolidaram-se como presença obrigatória nas boates, como se tornaram a própria imagem das festas. E o material de divulgação das festas reflete bem essa tendência das boates locais na década de 2000. Nos impressos levantados, a imagem da drag queen é presença cativa, comumente associada à cor rosa e à ênfase no aspecto luxuoso e na feminilidade evocadas pela drag queen –geralmente associada a palavras como “diva”³⁸, “glamour”³⁹, “aplausos”⁴⁰, “luxo”⁴¹, “belíssima”⁴². Já nos poucos panfletos onde não predomina ou não aparece a imagem da drag queen, é o apelo sexual de vários eventos que chama a atenção, seja pelo nome das festas – “Uma noite no cio”⁴³, “O pecado está aqui”⁴⁴, “Noite da luxúria”⁴⁵ – ou por suas atrações principais, fortemente associadas a um universo erotizado – como Marcelo Moreno, “modelo/gogo

³⁸ NOITE DAS DIVAS. [S.l.]; [s.n.], 2006.

³⁹ ABUSADA. [S.l.]; [s.n.], 2006

⁴⁰ ABUSADA BY NATHARA WELLS. [S.l.]; [s.n.], 2005.

⁴¹ SANTO LUXO. [S.l.];[s.n.], 2006.

⁴² BELISSIMA COM FERNANDA CARRARO. [s.n.t.]

⁴³ UMA NOITE NO CIO. [s.n.t.]

⁴⁴ O PECADO ESTÁ AQUI. [s.n.t.]

⁴⁵ LUXURIA. [s.n.t.]

boy (sp), garoto desejo g. magazine, ator das pegadinhas do programa João Kleber (rede TV) [sic]⁴⁶, Gretchen⁴⁷ ou Rita Cadillac⁴⁸.

Significativamente, ao mesmo passo em que a drag queen ganha visibilidade na boate, tornando-se sua imagem, as sociabilidades entre os sujeitos e a festa em si começam a passar por uma espécie de revisão de valores. A comparação entre um “antes” e um “depois” presente nas narrativas dos colaboradores acima dos 30 anos soa quase como uma trajetória de “ascensão” e “queda” da boate. Boate que nasce como um espaço “necessário” e que, anos depois, passou a ser encarada com reservas, vista como ambiente de frustração, relacionada a “promiscuidade” e à “afeminação”.

Sobre os primeiros eventos, é Alexandre⁴⁹ quem ilumina inicialmente algumas questões. Quando retornou a Pouso Alegre na década de 1980, ele já havia experimentado a vida gay em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, nas quais morou por alguns anos enquanto fazia sua graduação. Na década de 1990, Alexandre participou das primeiras festas, inclusive de “Uma Noite em Hollywood”. Assim, a respeito de suas primeiras experiências e do significado das festas e da boate ele explica o seguinte:

“No começo eu ia muito, porque eu achava que a cidade tinha que ter, assim, um espaço. Eu ia lá no Banana, ia lá no Varanda. Lá eu fui umas duas vezes, até que saiu de lá, acho que foi trocado, não lembro, só sei que eu fui lá. E ainda falava p`ros amigos que tinha que ter um espaço e a gente, que era mais velho, tinha como obrigação fortalecer

⁴⁶ MARCELO MORENO. [s.n.t.]

⁴⁷ A RAINHA DO BUMBUM GRETCHEN. [S.l.]: EXP Gráfica, s.d.

⁴⁸ RITA CADILLAC. [S.l.]: [s.n.], 2006.

⁴⁹ ALEXANDRE, 47 anos, solteiro, micro-empresário. Entrevista em: 13 Outubro 2005. Aprox. 90 minutos.

isso aí, porque, porque essas crianças não podem passar pelo que a gente passou. E eu acho também que a gente ganha com isso; tem que ter espaço p`ra eles, porque fica uma coisa mais diversificada. A gente tem que expandir a visão, o pensamento. Mas muitos não iam. “Ah, se meu sobrinho souber?!”; “Ah, se minha mãe souber?!” Então, é aquela coisa...”

A valorização que Alexandre prega do papel da boate como um espaço importante para as “crianças” não passarem pelo que ele e seus amigos passaram tem a ver com a sua própria história na cidade, perpassada por episódios de agressões verbais durante a juventude – inclusive nos bares freqüentados por ele e sua turma na avenida principal de Pouso Alegre. Tem a ver também com as histórias de todos que viveram na cidade antes do “gay, não-gay” mencionado por Marcos. A esse respeito, em sua turma de amigos, Alexandre mencionou que os mais velhos sempre comentavam sobre o peso que pairava sobre as experiências homossexuais na cidade durante os anos 1960, caracterizadas no seu relato como “...uma coisa assim, extremamente discreta: não podia dar pinta; tinha que encontrar nas quebradas; ninguém podia tá vendo, não podia nem ver um com o outro!”. Exatamente a atmosfera de vigilância e segredo constante – que eu abordo no começo do capítulo – considerada por Alexandre como algo a ser evitado através do suporte à festa. Até esbarrar na questão da visibilidade.

Muito além da chance de o “sobrinho” ou a “mãe” tomarem conhecimento, os sentidos que se somam à (in)visibilidade da experiência homossexual guardam estreita relação com os valores atribuídos às primeiras festas. Para os colaboradores na faixa entre os 30 e os 40 anos, esses

primeiros eventos e lugares – não somente na cidade, mas particularmente nela – são sempre lembrados como acontecimentos especiais. Assim, Airton revela:

“...eu peguei o auge do Banana... Era bom, cara! *E era bom porque vinha muita gente de fora daqui nesse Banana.* Muita gente de fora vinha. Eu cheguei a encontrar amigos meus lá, amigos de São Paulo, aqui no Banana, cara! Assim, ó, por acaso: ‘Cara, o que você tá fazendo por aqui?!’; ‘Ah, um amigo do amigo meu que conhece fulano que falou que ia ter uma festa aqui e a gente veio!’ E era legal isso, era muita gente bonita, sabe?[grifos meus]”

Antes do Banana, segundo Tony, os primeiros eventos “... eram festas p`ras bibas beijarem na boca, som techno, sabe? Tudo muito fechado: só ia quem sabia...”. Com o passar do tempo, o caráter “fechado” desses eventos continuou, reinventando-se, pois se o boca-a-boca trazia muita gente de fora de Pouso Alegre, também indicava – pela quantidade de “gente de fora daqui” – um ambiente ainda restritivo aos moradores locais: a pequenez da cidade e a velocidade com que as notícias circulavam justificam o receio dos amigos de Alexandre de serem descobertos por parentes.

Um outro traço muito importante desses eventos, em seus primórdios, era a aura de segredo que costurava relações de sociabilidade mais próximas entre os homo-orientados, o caráter exclusivista e intimista que marcava a realização dessas acontecimentos. E não apenas em Pouso Alegre, como observou Wellington em suas vivências no interior de São Paulo, onde clube noturno gay, segundo ele:

“Era uma coisa assim, meio underground mesmo... você chegava, batia: ‘Você é amigo de quem?’; ‘De fulano’; aí, olhava na lista e se o nome estivesse, você entrava. Não é como hoje, que entra quem quiser, como quiser. Não é como hoje. Foi aí que eu comecei e... conheci algumas pessoas também... Mas por eu ter começado a freqüentar boate desde 86, que foi a primeira vez que eu fui [no interior de São Paulo], então, é bem diferente de hoje, que é uma promiscuidade, né? É muita transa, é muito de eu estou aqui com um; sou contra. P`ra quem viveu o que eu vivi, é meio decepcionante você chegar hoje, na boate e ver o que acontece. Antes parecia aquela coisinha de; era inocente, sabe?, onde você; não de São Paulo, porque de São Paulo acontecia bem coisas; era onde você chegava, a pessoa chamava você pra dançar, tinha seleção de música lenta. Chamava você pra dançar, você dançava, ia p`ro bar, bebia alguma coisa, marcava de encontrar depois. Transar era assim, bem depois! E esse negócio de dark room, não existia. Nossa, você ouvia falar alguma coisa assim era de São Paulo, Rio, ou fora do país, porque aqui não tinha, não.”

As lembranças de Wellington, somadas aos relatos dos outros participantes, imprimem às primeiras festas, às primeiras boates e às primeiras experiências dos sujeitos nesses espaços de sociabilidade um romantismo contido em práticas e representações que se contrapõem dramaticamente à música, à forma de dançar, à interação entre as pessoas, ao flerte e à velocidade com que os sujeitos se envolvem em relações sexuais na atualidade. Um romantismo que guarda relações com a proximidade estabelecida entre os freqüentadores dos eventos e dos lugares costurados a uma identidade compartilhada por eles, constitutiva de uma territorialidade provida por uma atmosfera de solidariedade, de segredo dividido, praticamente uma confraria. Uma confraria que, sob os olhares dos participantes, se perdeu com o tempo, diante de uma experiência que se torna difícil de acompanhar,

uma vez que cada vez mais multifacetada e aberta. Dessa forma, à nostalgia cumpre o papel de purgar o erotismo e sacralizar as esferas do romance e do interdito, no sentido de salientar o contraponto entre um passado-melhor versus presente-pior.

Por isso, o significativo nesses relatos está menos na exatidão daquilo que me foi narrado que na circularidade desses traços românticos e nostálgicos (Portelli, 1996; 1997b) presentes não apenas nas falas de Alexandre, Airtton e Wellington, colaboradores com 45 anos, 40 anos e 39 anos de idade respectivamente, mas no relato de outras gerações, anteriores às deles, como é o caso de Lucas⁵⁰. Lucas, que é um estudante universitário nascido e criado em Pouso Alegre, com 21 anos de idade, para quem a boate vem se tornando território propício a frustrações, em particular, afetivas. Assim, sobre suas idas e vindas nas festas, ele revela o seguinte:

“...como eu falei p`ra você: dificilmente lá na festa vai ter a pessoa que eu quero, que eu procuro. Lá; *são pessoas assim, muito fúteis*; claro que não são todas, nem todo mundo; são muitas pessoas afeminadas, são pessoas que não estudam, só querem transar, só pensam em sexo; beijam você, daqui a pouco, dão uma desculpa, inventa que vai no banheiro e não volta mais. Muita promiscuidade! Por isso que eu acho que a palavra básica é promiscuidade. *Na minha inocência, eu ia pensando assim: ‘vou arrumar alguém para namorar’...* [grifos meus]”

Pouco a pouco, as expectativas e as impressões dos sujeitos com relação às festas vão revelando um crescente distanciamento entre a imagem

⁵⁰ LUCAS, 21 anos, solteiro, estudante universitário. Entrevista realizada em:14 Novembro 2005. Aprox. 40 minutos.

da boate no presente e sua capacidade de gerar identificação, associada ao passado. A esperança dos colaboradores – uma esperança que marca o relato de vários outros participantes – de encontrar um parceiro fixo na boate vem sendo solapada por um perfil de freqüentadores que não condiz com aquilo que esperam encontrar nas festas. E aqui está um ponto extremamente significativo: as frustrações dos sujeitos passam a iluminar muito mais diferentes níveis de abjeção produzida nas relações entre homossexuais que as idealizações do parceiro perfeito. É quando “as muitas pessoas afeminadas”, associadas à futilidade, à falta de gosto pelo estudo, e à promiscuidade, arrancam, definitivamente, as festas e as boates da cidade da atmosfera romântica do passado, encerrando possibilidades para os sujeitos, levando-os a diferenciarem do perfil de pessoas que, de acordo com suas palavras, passaram a dominar o espaço da boate.

Conforme as experiências homossexuais vão se tornando cada vez mais múltiplas, entra em cena a busca pela “normalidade” como uma diferenciação entre um “eu” – que, no caso aqui é um “nós” – e “eles”. A oposição ao repertório de representações negativas pairando sobre a homossexualidade, emanando da boate, particularmente como ameaça aos sujeitos que não se identificam com elas, caminha então, de encontro à idéia de “normalidade”. É Otávio⁵¹ quem dá uma dimensão desse movimento ao comparar suas experiências em boates do Triângulo Mineiro com o ambiente da festa em Pouso Alegre. Segundo ele:

⁵¹ OTÁVIO, 28 anos, solteiro, estudante universitário. Entrevista realizada em: 10 Novembro 2005. Aprox. 90 minutos.

“O povo [de Pouso Alegre] ainda é muito; tem a cabeça muito pequena, a cabeça ainda é muito fechada; a sociedade aqui é fechada. A gente faz as festas e não são divulgadas, os héteros não vão. Ocê vai; eu morei lá em Uberlândia e lá eu; eu tive a oportunidade de conhecer a boate de lá quando eu fui visitar o ano passado e lá a gente vê. A gente vai p`ra fora daqui, em barzinhos, boates gays, e a gente vê que parece que não é um barzinho, um lugar gay. É normal, vão muitos héteros, tudo normal, tanto a gente, o ambiente, público normal. Agora, aqui, não: parece que aqui só tem drag, travesti! [risos] Teve uma festa que teve aí que eu acho que tinha uns oito. (...) Aqui é bem separado, em Pouso Alegre é bem dividido, os héteros e os gays. É muito difícil você ver um hétero lá [na boate], muito difícil! Eu acho que deveria ser um ambiente normal, frequentado por todos. Mas eu acho que o comportamento aqui dos gays assusta o pessoal. Por ser uma cidade menor, a gente já conhece quase todo mundo, conhece muitos gays, então a gente vê muita promiscuidade, muita baixaria.”

Uma segunda leitura do trecho selecionado, partindo do seu fim para seu início, oferece algumas pontas de lança para o entendimento da emergência da palavra “promiscuidade” - e não apenas na narrativa de Otávio. A pequenez da cidade, a estreiteza das relações e o comportamento dos “gays” da cidade “assusta o pessoal” porque associados à afeminação, ao ambiente da boate que parece ser dominado por drags e travestis. Muito sutilmente, a presença de “héteros” emerge então como elemento capaz de dar uma outra cara à boate, uma cara mais normal, e não apenas aos freqüentadores, mas ao aspecto do lugar em si. Assim, a “promiscuidade” seria deixada de lado.

Porém, apesar da conotação sexual imediata, observei que o recurso à palavra “promiscuidade” tem menos a ver com o comportamento sexual

daqueles a quem visa designar que com o comportamento social daqueles que manipulam e usam o termo como um instrumental distintivo. Sempre que a palavra “promiscuidade” aparece nas narrativas de todos os sujeitos, não tarda a ser relacionada a afeminação – silenciosamente e fortemente relacionada a visibilidade –, para então ser contraposta a alguma idéia de distinção entre quem fala e quem é marcado pelo termo no discurso. Assim, a definição de “promiscuidade” a partir da fala dos sujeitos, se desdobra em uma categoria da prática social, um marcador poderoso, regulador das relações entre as pessoas e das imagens que essas pessoas querem construir de si, em relação às imagens que projetam de outras pessoas e outros lugares, sejam eles simbólicos ou reais.

Nesse sentido, a praça principal da cidade, Senador José Bento, emerge na fala dos participantes como lugar a ser evitado à noite, particularmente após as dez horas da noite. A partir desse horário, o movimento de carros e de pessoas diminui drasticamente e a praça torna-se ponto de encontro de homo-orientados. Não de todos os homo-orientados, cabe destacar. Trata-se de um ponto de encontro apenas daqueles sobre os quais recaem os mesmos termos usados para fazer referência a certos freqüentadores da boate. De acordo com os participantes, a praça vira ponto de caça, onde as “bichinhas” ficam à espera das suas “presas”, conforme relatou Airton. Ele diz:

“Tem um monte de gente que eu conheço que ainda; que vive, assim, nessa busca de um; eu também, eu também tô nessa busca por uma pessoa pra mim, sabe? Uma pessoa pra ficar do meu lado. Não é uma busca, assim, de, pra sexo, só sexo... porque eu procuro uma pessoa pra mim,

alguém, mas [pausa curta acompanhada de mudança no tom de voz]; eu moro no centro aqui, né? E às vezes eu passo aí na praça, cara!, eu vejo aquele bando de viado sentado na praça, ali, à noite, cara! Tipo assim: dez, onze da noite tá aquele monte de bicha lá, caçando. Eu falo assim pra mim: ‘que que é isso?!’, né, cara? Ta lá, na caça, atrás dos bofes. [risadas]”

Flávio⁵², no entanto, apresenta um outro ponto de vista sobre os usos da praça. Quando mencionei o assunto ele começou a rir e me explicou que o objetivo dos encontros noturnos não descartam a “pegação”, mas vão além do sexo. Segundo ele, a praça está relacionada à socialização, à reunião de turmas, “só p`ra curtidão”, “p`ra zuar mesmo”. E apesar da justificativa, foi importante observar como o próprio colaborador rapidamente tratou de desassociar-se desses encontros ao esclarecer que não frequenta mais a praça “faz tempo”. Os risos que introduziram sua fala e a rápida desvinculação com a imagem de “bicha da praça” são indícios do quão malvista – entre os próprios homossexuais da cidade – têm sido os usos da praça tarde da noite, algo que também aparece na fala de Wellington, que diz o seguinte:

“...eu fico muito na minha. Nunca gostei muito de sair assim, na rua. Às vezes você sai, vem um e já fala: ‘E aí? Tá caçando, né?!’ Então, você não pode nem sair na rua assim de boa que, sabe?, e geralmente é quem conhece que fala isso. E eu tenho amigos héteros! Eu acho bom que você mantenha o seu nível, senão você vai ser restringido a guetos; você só vai ter amigos gays e noventa [interrompe] 24 horas falando na sua cabeça só de homem, nossa, não agüenta, não dá. Ninguém agüenta! Você, logicamente, pode brincar, pode levar uma vida tranqüila, e outra: nem todo mundo tá interessado nesse

⁵² FLÁVIO, 23 anos, solteiro, promotor de eventos. Entrevista realizada em: 01 Novembro 2005. Aprox. 90 minutos.

tipo de assunto. Eu tenho amigos que eu conheci pela internet, sabem como eu sou, sabem quem eu sou, e em nenhum momento fazem brincadeiras. Porque eu não aceito esse tipo de coisa; brincadeira assim, do tipo: ‘E aí, biba!’, sabe essas coisas?’

Terreno escorregadio, a praça chega a ser ainda mais poderosa que a boate no sentido de homogeneizar as experiências homossexuais sob as imagens da abjeção associadas a afeminação e estabelecer marcos para distinção entre os sujeitos. Mais poderosa porque, embora a boate apareça nas falas dos colaboradores como um lugar associado a “promiscuidade” e “futilidade”, trata-se de um espaço frequentado por diversas pessoas e que não emerge imediatamente como lugar do abjeto, ao contrário da praça. Geográfica e simbolicamente situada no coração da cidade, a praça torna inescapáveis os sujeitos que a freqüentam – mesmo que a freqüência em questão se dê tarde da noite. O perigo está nos olhares que se buscam, que se cruzam e que retêm quem está lá, quem *também* está lá e quem *poderia* estar lá.

O perfil específico dos freqüentadores, o tipo de sociabilidade que se exerce ali, os outros usos do espaço e o conhecimento aberto da aglomeração das “bichinhas” depois das “dez, onze da noite” são os traços que tornam preciso estabelecer as distâncias capazes de proteger os sujeitos do enredamento pelos comentários que se espalham como rastilho de pólvora à luz do dia, quando “os amigos héteros” podem saber. Ocorre que aquilo que os amigos héteros não podem saber não é se Wellington é ou não homossexual: isso eles *já sabem*. O que está em questão é, exatamente, *que tipo de homossexual* viria a ser Wellington. Daí a repulsa pelas brincadeiras, que

podem borrar as fronteiras que separam as “bichinhas promiscuas” dos “homossexuais discretos”.

Pouso Alegre, já se sabe, aliás, tem um certo histórico quando o assunto é a mistura do “abjeto” com o “respeitável”. A história da prostituição feminina na cidade é um exemplo disso – e não apenas pelas questões já mencionadas anteriormente. Um processo importante derivado do fim da prostituição confinada que se une a essa história da visibilidade das experiências homossexuais na cidade é a presença de travestis fora da zona, onde ficavam restritas até o início dos anos 1990, quando ganharam as ruas – e a vista de todos, vale dizer.

O cruzamento das duas histórias – a da zona de prostituição e a das experiências homossexuais – igualmente emerge quando essas travestis são mencionadas pelos depoentes como presença constante à noite. Presença constante na rodoviária e seus arredores – onde prostituem-se –, ou mesmo na boate, percebidas como figuras desencaixadas. Até porque, são vários os momentos e os colaboradores que mencionam, em alguma medida, algum entendimento da representação homossexual como algo relacionado à imagem da travesti e, posteriormente, da drag queen. Alexandre, nesse sentido, foi o participante cuja associação foi a mais explícita. Segundo ele, somente no tempo em que morou no Rio de Janeiro é que se viu confrontado com outras representações e outras possibilidades de existência homossexuais que nada tinham a ver com afeminação. A esse respeito ele revela:

“...me passava pela cabeça que viado era aquele que tinha que colocar peito de silicone, que tinha que sair vestido de mulher; que tinha que viver à margem, sabe? Era o conceito que eu tinha. E quando eu cheguei lá [no Rio de Janeiro], vi que não era nada daquilo. Eu vi que eu era, que eu podia ser e que sou uma pessoa normal: que trabalha, tem sua vida, como outra qualquer...”

A mudança vivida por Alexandre no Rio de Janeiro entre o final da década de 1970 e começo dos anos 1980 traz à tona duas representações diametralmente opostas: a do “homossexual marginal”, sinônimo de travesti, e a da “homossexualidade normal”, distante das imagens de afeminação, compartilhando valores como “trabalho” e uma vida comezinha, típica de uma pessoa “normal, como outra qualquer”. Trata-se de uma oposição que diz muito sobre o contexto observado em Pouso Alegre, na medida em que dimensiona quais representações da homossexualidade orientavam o entendimento e o modo de ser dos sujeitos no mundo. Quando o relato de Alexandre é contrastado às impressões de Airton acerca da experiência homossexual na cidade, as estratégias de distanciamento, de repulsa e de distinção com relação a qualquer associação entre homossexualidade e afeminação iluminam, no entanto, outros problemas.

Diz Airton:

“Sabe o que eu acho? Que o povo daqui é muito recluso, muito fechado, muito camuflado, sabe? E eu não tava acostumado com isso, cara. E até hoje, até hoje eu quero morrer com esse negócio, cara! O que eu mais odeio e o que mais tem aqui, cara, é enrustido. É isso! Com o tempo eu fui me acostumando, né? Mas quando eu vim pra cá! Eu achava assim, horrível, cara. Porque aqui em Pouso Alegre, o que que acontece? Se você é gay, você é aquele

gay que a cidade inteira conhece: é o afeminado, é a bichinha, é o não sei o que, sabe? E eu não sei o que se passa na cabeça das pessoas que acham que p`ra ser gay tem que ser assim, cara. Não é isso! Eu vejo por mim, pelo meu irmão, pelos meus amigos em São Paulo. Eu não tenho nenhum amigo assim, é, é, mulher, fervida, que gosta de se montar de drag; eu não tenho nenhum amigo assim. E aqui é assim! (...) Então, eu conheci muita gente aqui em Pouso Alegre assim, cara enrustido. Muito cara casado, cara! Ocê entra na internet aqui e o que mais tem é cara casado querendo trepar com homem. Ou então, o cara é gay, mas a família não pode saber, fulano não pode saber. Sei lá, cara, eu quero é que se exploda!”

Existe, muito particularmente, nas falas de Alexandre e Airton , um confronto entre várias experiências identitárias – travestis, drag queens, gays, “homossexuais normais”, “camuflados”. Através desse confronto, observa-se não apenas a permanência da busca pela consolidação de uma identidade homossexual contraposta às imagens da “falsa mulher” – que mira, na atualidade e no contexto, a figura da drag queen e, com menos força, a travesti –, como também uma busca do olhar por “iguais”, por experiências mais próximas de uma idéia de “normal” – com suas regras de conduta, de fala, de vestimenta e de pensamento que submetem os contatos afetivo-sexuais a uma economia moral traduzida pela necessidade de ser “discreto”. E isso acaba colocando para os sujeitos uma série de questões e necessidades que afetam todas as esferas de suas vidas – mais sensivelmente a que diz respeito aos relacionamentos afetivo-sexuais

Como é muito forte no imaginário social o entendimento de que a homossexualidade simboliza exterioridade ao masculino, a busca por experiências anônimas por vários dos colaboradores permite que as relações

de mesmo sexo sejam vividas sob máximo sigilo. Posto que, uma vez tornadas públicas, sem o devido manejo do segredo, os anônimos correm o risco de serem tomados por “homossexuais” na sociedade, rompendo com os privilégios que desfrutavam enquanto “homens”. Experiências invisíveis, que atingiram uma nova dimensão com as infinitas possibilidades abertas pela internet, onde são privilegiados os contatos sexuais sem vínculos, sem nomes e sem exposição, reinventando a dinâmica da quermesse.

Quem oferece um panorama das práticas e possibilidades que orientam esse universo invisível da internet é André⁵³. Aos 27 anos, nascido e criado em Pouso Alegre, André recorre à internet quando está a procura de sexo anônimo e sem compromisso. A esse respeito ele diz que:

“[Pela internet] já rolou com caras que se diziam héteros. Não eram caras que eu tinha visto em boate gay; nunca tinha visto pela rua, e quando eu os via, ou estavam com meninas ou estavam em roda de homem. [risos] Mas eu acho que dessa historia toda o que interessa acho que é a parte mais prática. Entro [na sala de bate-papo]: ‘Vamos transar?’ A gente transa e acaba. É uma coisa informal. Comigo é o mais informal possível. Se é só pra transar, não precisa saber nem seu nome. E é muito pratico: ‘Ah, onde vai ser?’; ‘O lugar é tal’, a gente chega, não precisa nem bater papo. Quando eu to muito afim de transar com o cara; se eu to afim de transar com você, se antes a gente se encontra e começa a conversar, meu tesão acaba... Quando a gente começa a conversar demais, o negocio começa a ficar íntimo; não que o sexo não seja intimo, mas começa a entrar demais na vida sexual e começa a virar caso: aí eu sei qual é o seu nome, eu sei onde cê trabalha, eu sei o que você faz. Pouso Alegre é uma cidade pequena, então se você me fala onde cê trabalha, supostamente eu sei, eu descubro, ou eu deduzo, o seu

⁵³ ANDRÉ, 24 anos, solteiro, professor. Entrevista realizada em: 05 Janeiro 2007. Aprox. 90 minutos.

círculo de amizades, os ambientes que supostamente você possa frequentar ou não. Aí a coisa começa a virar um casinho e isso não me interessa. P`ra foder, não.”

Nessas experiências clandestinas, a maximização dos prazeres e a diminuição dos riscos encontra terreno fértil na internet. Em salas de bate papo onde nem mesmo um rosto é necessário, porém, um conjunto de cuidados organiza essa experiência: enquanto universo de possibilidades, a internet cruza diferentes círculos sociais e níveis de exposição. E isso em uma cidade onde, de acordo com André, a menor proximidade decorrente desses contatos é capaz de fazer grandes estragos nas relações sociais dos sujeitos expondo-os a pessoas e situações que os tornam visíveis.

Dessa forma, uma das lógicas dos contatos arranjados pela internet é aquela do não-contato, da não-proximidade, conforme se apreende da experiência de André. Uma proximidade que pode revelar, pelo menor dos detalhes, toda uma série de informações que permitem localizar o lugar social ocupado pelos envolvidos nos jogos afetivo-sexuais sob intermédio da internet. Essa possibilidade de localização faz com que a “regra de ouro” dessa experiência opaca seja aquela da discrição. Discrição como garantia de opacidade. Opacidade que possibilitou a André sair “com caras que se diziam héteros”; que levou Airton a deparar-se com muitos homens casados nas salas de bate-papo; que permitiu, inclusive, a padres e seminaristas terem experiências sexuais com outros homens de forma anônima e clandestina, como revelou Lucas em sua narrativa.

Lucas, por outro lado, também descortina uma outra faceta desse leque de arranjos orientados pelo anonimato e pela opacidade da internet. Ele manteve um relacionamento estável com um homem mais velho, de São Paulo, que conheceu através de uma sessão de perfis pessoais mantida pelo portal Mix Brasil, no começo da década de 2000. Além de Lucas, outros colaboradores buscam relacionamentos mais duradouros no mundo virtual, na medida em que a internet se torna um caminho mais seguro para se encontrar homens “normais”, conforme revelou Roberto⁵⁴.

Bastante conhecido na cidade por conta de seu emprego, Roberto conheceu uma pessoa “normal, que ninguém nota na multidão”, através de um encontro às cegas que aconteceu em um supermercado. O encontro, que ocorreu em um supermercado, foi descrito da seguinte forma:

“...ele [seu encontro] entrou, passou por mim e eu não sabia que era ele [pausa curta], não tinha visto, não bateu. Porque as pessoas mentem né? ‘Tô com camisa azul’, e eu, bobão aqui, sempre falo a verdade: ‘Então, tô com camisa tal, calça tal, pode ir lá que eu vou tá com aquela calça e aquela camisa’, e ele tinha mentido; ele não tava com a roupa que ele tinha falado. Aí, eu já tava indo embora, puto da vida; ‘Eu fui enganado de novo né?’; quando ele falou: “É o Roberto?” Aí foi legal: uma pessoa mais velha, de uns quarenta anos, mas que não era meu sonho de consumo, de beleza; que todo mundo tem um sonho, assim, de beleza, né?, que a gente viaja na maionese! [risos meus] Mas ele tinha algumas características que me fizeram olhar pra ele: ele era grisalho; uma pessoa mais velha; não era um homem imenso; não tinha aquela barriga daqueles caras que bebem cerveja todo dia, porque aquilo me afasta completamente; era igual eu, assim, magro, uma pessoa

⁵⁴ ROBERTO, 34 anos, solteiro, funcionário público. Entrevista realizada em: 17 Novembro 2005. Aprox. 120 minutos.

normal, que ninguém nota na multidão' mais um na multidão; aí me chamou atenção: por ser uma pessoa normal como eu.”

Nesses encontros às cegas a mentira – ou o gerenciamento de informações sobre si – torna-se uma estratégia necessária para evitar exposição. Uma vez que, caso o parceiro em potencial não se enquadre nas expectativas cultivadas a partir da internet, as informações truncadas, as omissões e as inverdades são usadas como estratégias de proteção, dando margem para que o encontro seja abortado sem que os sujeitos cheguem, de fato, a conhecerem-se pessoalmente. Nessa equação, a soma de “exposição” com “expectativas” passa por um multiplicador: a idéia de “normalidade”. Normalidade como sinônimo de “discrição”, como aquele atributo capaz de fazer com que os sujeitos passem despercebidos, diluídos na multidão. Subvertendo a frase célebre do poeta, o resultado dessa aritmética das relações subjetivas pede desculpa aos belos e toma a “discrição” como fundamental.

Longe de ser uma experiência perfeita, contudo, a internet também dispõe de suas armadilhas, como qualquer campo de possibilidades. Zona opaca, tida como protegida, as salas de bate-papo estão permeadas de indefinições e riscos, cuja expressão maior se encontra no desafio de saber se o parceiro – ou parceiros – em potencial será ou não discreto o suficiente. Quem traz essa questão à tona é André. Ele diz:

“[risadas] Na internet todo mundo é discreto, todo mundo quer homem discreto, mas ninguém fala [interrompe e

começa outra frase]; Eu acredito que a discrição, no caso da sexualidade, é você não precisar, não necessitar mostrar p`ro mundo que você é gay, sabe?, ter trejeitos, gritar, falar, mexer, escrachar e contar p`ra todo mundo que é gay. Eu acho que ser comedido é a discrição, agir naturalmente, sabe?, essa coisa de não levantar uma bandeira, eu acho que isso é a discrição. Sabe essa coisa do ‘eu sou gay!’ de ‘temos que assumir!’, ‘temos que traçar nosso espaço!’, ‘agente tem que criar um campo nosso!’, ‘a gente tem que reivindicar nossos direitos!’, ‘a gente tem que não sei o quê!’ e vai à luta? Eu acho bonito quem faz isso com uma certa consciência, mas daí ter que montar, ter que sair p`ra rua e grita e dá show e mostra p`ra todo mundo que é viado, ah, eu não entendo isso! Quer dizer, até entendo: uma carência gritante, assim, de atenção. Eu acho que é uma carência de alguém que me olhe, alguém que me toque, de alguém que tome conta de mim, senão eu grito, eu dou showzinho na rua, eu falo, eu gesticulo, ‘Ai! Ui!’ [muda voz para tom mais agudo e mais alto, como que imitando pequenos gritos] aquelas coisas que parece um monte de peru falando. Eu acho que é isso. E isso não me encanta, não me encanta. Eu acho que essa é a indiscrição.”

A definição de “discrição” – e, mais importante, tanto do homossexual “discreto” quanto daquilo que lhe é tomado por diametralmente oposto, “indiscrição” – torna-se um dos pontos-chave para o entendimento das transformações que se processam nas experiências homossexuais e na subjetividade dos sujeitos. Levando em conta que desde os anos 1990 o que se nota é um ganho de visibilidade e possibilidades de existência homossexuais significativo, “discrição” apreende não somente uma dessas novas possibilidades, como remonta ao próprio contexto abordado no presente capítulo.

Contrastes

A demanda por “discrição” presente nas falas dos colaboradores está invariavelmente relacionada àquilo que os sujeitos entendem como “visibilidade” da homossexualidade. Homossexualidade como “bandeira”, associada às imagens da bicha enquanto corporificação da afeminação, do escracho e, conseqüentemente, do escândalo. Corporificação de uma experiência que deve ser evitada, principalmente, em termos de contato. É preciso evitar as misturas, as confusões, as experiências ininteligíveis, a confusão das identidades, daquilo que antes, como disse Wellington, “era mais definido”.

Mas o que era mais definido?

Com possibilidades de existências homossexuais em expansão, as experiências passaram ir além do “passivo” ou “ativo”. As novas experimentações passaram a colocar muitas vezes juntos em um mesmo corpo feminino e masculino. Além disso – ou, talvez, por isso – até mesmo a expressão de outras masculinidades torna-se causadora de incômodos nos sujeitos – revelando apreensões, expectativas, frustrações ou gozos em potencial. Paradoxalmente, a experiência identitária que se observa ganhando corpo nas trajetórias dos colaboradores vai de encontro com o conceito de “masculinidade hegemônica”⁵⁵, cuja referência é heterossexual (Welzer-Lang, 2001, p.467-468).

⁵⁵ De acordo com Connel, “‘masculinidade hegemônica’ não é um tipo de caráter imutável, sempre o mesmo em qualquer lugar. Ao contrario, é a idéia de masculinidade que ocupa uma posição hegemônica em um determinado padrão de relações de gênero, uma posição sempre

A reapropriação e os usos que essa masculinidade modelar adquire será expressa através de termos como “discrição”, entre outros, ao longo de suas narrativas. É quando ser discreto torna-se um – se não “o” – distintivo-mor de uma experiência homossexual que deixa de ser genérica – homossexualidade masculina – e passa a ser vivida entre “homens”. Entre homens porque, na fala dos meus colaboradores, a masculinidade aparece como referência de naturalidade. “Natural” para os sujeitos é parecer heterossexual, é experimentar uma sexualidade que não precisa justificar-se, “levantar bandeira” ou “mostrar pra todo mundo que é gay”: é ser “normal”, “discreto”, conforme visto nas falas de André e de Roberto. A “normalidade” projetada sobre si e sobre outros homens com os quais relações de qualquer monta – embora, muito mais fortemente aquelas afetivo-sexuais – serão estabelecidas, faz parte de um rol de estratégias de distinção e de consolidação de identificações⁵⁶.

Nesse sentido, não é à toa que André utiliza-se de palavras como “escracho”, “trejeitos”, “naturalmente” e “carência” como representativas de contrapontos cujos eixos localizam-se na habilidade – ou não – dos sujeitos em serem opacos com relação às suas sexualidades no cotidiano. Por isso, me chamou muito a atenção a associação direta que André – a exemplo de outros colaboradores – estabeleceu entre visibilidade e afeminação ao conceber a idéia de homossexualidade como bandeira política. Ou melhor, de como

contestável”. Para apreender essa masculinidade hegemônica é preciso focar nas relações de gênero estabelecidas entre homens e entre as diferentes masculinidades. Masculinidades plurais, na medida em que se observa os relacionamentos entre gênero, raça e classe. Segundo Connel, é preciso se considerar as praticas e relações que constroem os padrões principais de masculinidade na atual ordem de gênero ocidental, a saber: hegemonia, subordinação, cumplicidade e marginalização. (Connel, 1995, p.77-81) (tradução livre)

⁵⁶ Eu me detenho a discussão no segundo capítulo.

engajamento político é separado por uma tênue linha do “escracho” tradutor de afeminação e visibilidade.

Para André, essa tênue linha está na “consciência”, ou melhor, na falta de “consciência” notada por ele entre os homossexuais de Pouso Alegre. Consciência que emerge do contraste entre o contexto pouso-alegrense e aquele da militância LGBTTT observada por André durante uma viagem à cidade mineira de Juiz de Fora. A esse respeito, ele esclarece que:

“...[em Juiz de Fora] têm uma coisa organizada. Eles [os militantes e os interessados] têm um ambiente lá que eles se encontram, tem uma reunião semanal; o cara que organiza isso, essa reunião semanal, põe vídeos, põe sites, põe notícias do mundo gay, do que tá sendo feito, do que não tá. Então, a galera que vai fica sabendo, debate, é uma coisa organizada. Não é simplesmente fazer uma parada gay na avenida Paulista. Tá certo que vão dois milhões de gays lá. Mas desses dois milhões, um milhão e novecentos vão pra beijar na boca, eles não tão nem aí, nem sabem o que é aquela parada, aquela coisa, aquele momento, aquele dia, que é pra reivindicar por alguma coisa. Tem um sentido, tem um significado. A maioria vai p`ra foder no meio da avenida e pronto.”

A ênfase na palavra “organizada”, relacionada às atividades LGBTTT de Juiz de Fora, porém, revela uma hierarquia de valores e distinções entre os homossexuais. Trata-se de estabelecer as fronteiras entre aqueles que se envolvem com “consciência” no “levantar bandeiras”, aqueles que – segundo ele, “a maioria” – vão a uma parada gay só “p`ra foder e pronto” e, por fim, entre aqueles outros tantos e tantos homossexuais que, assim como André, sentem “falta de um lado político mais forte” na cidade, mas que nada fariam por isso. As distinções resvalam então para o campo dos envolvimento

afetivo-sexuais, tornando aquelas experiências homossexuais mais erotizadas as mais desabonadas nessa escala de valores⁵⁷.

Após a crítica à falta de politização de Pouso Alegre em relação ao engajamento militante observado por ele em Juiz de Fora, André afirmou que não faria nada pela cidade. Indagado sobre o que o motivava a assumir essa postura em Pouso Alegre, André respondeu-me o seguinte:

“... não faria muita coisa, não, por Pouso Alegre... por causa da historia dos gays escrachados; eles pulam, eles são os bambis da praça... [risos] Porque a cidade, eu acredito, é uma cidade ortodoxa demais, por causa da história que tem, da formação, da colonização. Ou não é? Das pessoas que passaram por aqui, das famílias mais tradicionalistas que ainda regem essa cidade. Porque [pausa curta]; é esse o motivo. Porque, de repente, as pessoas podiam fazer alguma coisa. Os jovens, porque os velhos não vão fazer. Não vão mesmo, não querem fazer, e eu falo isso por experiência de trabalhar dentro da igreja; que a igreja, querendo ou não é um poder muito forte, muito grande em Pouso Alegre. Ela tem uma coisa;

⁵⁷ Rubin observa como as sociedades ocidentais modernas valorizam o sexo de acordo com uma sistema de valores sexuais hierarquizados. Casais heterossexuais reprodutivos ocupam sozinhos o topo do que a autora conceituou como “pirâmide erótica”. Logo em seguida deles estão casais heterossexuais monogâmicos, mas não oficialmente casados, seguidos pelos heterossexuais solteiros. A masturbação flutua de maneira ambígua nessa escala, tendo o estigma da masturbação, que remonta ao século XIX, sobrevivido de forma modificada, menos potente, como a idéia de que a masturbação é um substituto ao contato físico. Lésbicas e gays envolvidos em uniões duradouras e monogâmicas têm ganhado respeitabilidade. Mas lésbicas freqüentadoras de bares e gays promíscuos pairam bem perto do fundo dessa “pirâmide”. Os grupos sexuais mais desprezados freqüentemente incluem transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores do sexo (como prostitutas, michês, atrizes, atores e modelos pornográficos). E, ocupando a mais baixa de todas as posições, estão aqueles cujo desejo transgride as fronteiras geracionais, como os pedófilos. (Rubin, 1993, p.14-15) Com relação a essa hierarquia, Rubin observa as alterações no status de alguns sujeitos e práticas, como os casais heterossexuais que moram juntos embora comprometidos em uniões informais, a própria masturbação e algumas homossexualidades que estão caminhando em direção à respeitabilidade. A maioria das homossexualidades, no entanto, continua no lado negativo da pirâmide, a menos que seja monogâmica e que traduza uma união. Homossexuais promíscuos, sadomasoquismo, fetichismo, transsexualidade e encontros que cruzam as barreiras etárias continuam sendo vistos como horrores posto que são interpretados como relações incapazes de envolver afeição, amor, liberdade de escolha, ternura ou transcendência. (Rubin, ibid, p.18) (tradução livre)

porque o pessoal da Igreja aqui em Pouso Alegre só não faz trovejar ainda, porque chover eles já conseguem fazer!”

O leque de distinções traçado por André ecoa experiências e valores compartilhados pelos outros sujeitos cujas trajetórias constituem o núcleo dessa pesquisa. Essas experiências e valores guardam relação direta com o manejo da visibilidade da sexualidade em um contexto “ortodoxo”, “tradicional”, onde a Igreja “é um poder muito forte”. As ressalvas e as contradições que permeiam a fala – e as escolhas – dos sujeitos esbarram nas especificidades de um contexto saturado de vínculos entre religiosidade e política, onde o cotidiano parece sempre dizer “amém”. Desse modo, na experiência desses sujeitos, abraçar a homossexualidade como causa política inescapavelmente significa ser tomado por um dos “bambis da praça”, fazer parte da “história dos gays escrachados”. E quanto maior a visibilidade da experiência homossexual, maiores são as chances dos sujeitos de serem malvistas e mal falados. Mal vistos e mal-falados pelas costas, como destacou André ao dizer que “o povo [de Pouso Alegre] é baixo, né? O povo aqui faz as coisas por trás [risos]. Eles falam e falam mesmo. Por trás, sempre por trás.”

Apesar do contexto descrito por André e desse cuidado com a visibilidade observado na fala dos colaboradores, a cidade conta desde 2004 com uma lei que pune discriminação por orientação sexual. Trata-se da lei municipal 4.240/2004⁵⁸, de autoria do então vereador pelo PSDB, Marcos Campanella, cujo texto de Justificativa foi baseado em lei de caráter

⁵⁸ POUSO ALEGRE. Lei 4.240/ 2004. Dispõe sobre a ação do Município no combate às práticas discriminatórias, em seu território, por orientação sexual. 02 de abril de 2004. Prefeitura Municipal de Pouso Alegre-MG.

semelhante vigorando em Juiz de Fora desde o ano 2000. Conforme apresentado à Câmara Municipal de Pouso Alegre em 16 de fevereiro de 2004⁵⁹, o projeto levava ao conhecimento dos vereadores que:

“A presente proposição vem ao encontro dos anseios da cidadania e contra os atos discriminatórios contra os homossexuais, bissexuais e transgêneros, tal qual é preconizada pela Declaração Mundial dos Direitos Humanos.

Ressalta-se ainda, que a presente Lei é baseada na có-irmã lei 9791/2000 que foi sancionada pelo prefeito Tarcísio Delgado de Juiz de fora em 12/05/2000. Acreditando que estaremos promovendo maior igualdade dos semelhantes e acesso ao Direito, peço acolhida e votação favorável de nossos nobres pares neste Parlamento [sic]”

Contudo, do projeto à aplicação da lei em Pouso Alegre, o que não faltou foram objeções. A começar pela apreciação do projeto de lei em 2001, que encontrou forte resistência junto a vários vereadores. De acordo com Campanella, dos quinze vereadores que compunham a Câmara Municipal entre 2001 e 2004, treze deles tinham idades entre 50 e 60 anos – os outros dois contavam pouco mais de trinta anos, incluído aí o próprio autor da lei. E todos eram homens. Além disso, entre os vereadores, os mais ardorosos opositores à aprovação do projeto de lei eram aqueles que mantinham laços com a Igreja, que, conforme relatou Campanella, não fez oposição frontal à proposta.

⁵⁹ POUSO ALEGRE. Projeto de Lei 6131/ 2004. Dispõe sobre a ação do Município no combate às práticas discriminatórias, em seu território, por orientação sexual. 16 de fevereiro 2004. Câmara Municipal de Pouso Alegre-MG.

Proposta que o prefeito à época, o peemedebista Enéas Chiarini, opôs-se em 2001, mas não em 2004. A esse respeito, Marcos Campanella⁶⁰ revelou que:

“O prefeito, com medo da repercussão negativa, retirou o projeto [de lei] em 2001. Já em 2004, teve um súbito, digamos, interesse eleitoral, vendo que a população gay estava, assim, organizada. Já estavam acontecendo festas, já tinha festa na Hyppe e em outros lugares fechados aqui da cidade, então, ele viu que todas essas festas estavam sendo sucesso de público, viu que a comunidade gay estava se organizando, foi onde ele deu um coquetel no [restaurante] Maracanã, para alguns gays da cidade, os chamados ‘formadores de opinião’. [irônico] Eu estive lá como o autor da lei. Foi onde o prefeito apresentou todas as realizações de seu governo, primeiro, e depois anunciou que, *se ele fosse reeleito* [grifo meu], Pouso Alegre teria a sua primeira parada gay...”

A ironia de Campanella, por sua vez, aflora na narrativa no momento em que se refere aos “formadores de opinião”. Nesse jantar, classificado como “manobra eleitoreira”, mirando a reeleição, o prefeito havia convidado os promotores das festas gays na cidade. Considerando-os representativos daquilo que Campanella chama de “comunidade gay”, o prefeito lança mão da promessa de uma parada gay aos “formadores de opinião”. O interesse, no entanto, era mutuo: os formadores de opinião estavam naquela reunião interessados em obter verbas públicas para financiar suas festas, por todos

⁶⁰ Marcos Campanella aceitou conceder-me entrevista apenas se o assunto fosse sua atuação como vereador e a Lei Rosa. Durante a gravação, procurou ressaltar sua atuação e relevância política na Câmara Municipal de Pouso Alegre, onde exercia seu terceiro mandato como vereador. Na época, Campanella estava com os bens bloqueados e respondendo a processos por corrupção, correndo o risco de ter seu mandato caçado. Antes da entrevista, no entanto, Marcos Campanella, com o gravador desligado, fez questão de narrar quando e como havia descoberto sua homossexualidade, da mesma maneira que suas experiências sexuais de sua adolescência até 2005. Marcos Campanella foi assassinado brutalmente no dia 28 de dezembro de 2008 por dois rapazes, em uma de suas propriedades, localizada em uma área periférica da cidade. MARCOS CAMPANELLA, 35 anos, solteiro, dentista e ex-vereador. Entrevista realizada em: 10 Março 2005. Aprox. 90 minutos.

estavam envolvidos com a promoção das festas e boates. Porém, para que o dinheiro aparecesse, seria necessário criar e manter uma ONG voltada aos interesses GLBTT na cidade. Como isso envolvia mais que “boa vontade” – advogados, psicólogos, assistente sócial, conforme esclareceu Campanella – os “formadores de opinião logo deixaram a idéia da ONG.

Contudo, a ONG era um dos pilares da lei, em cujo Artigo 5º, lê-se que:

“O cidadão homossexual, bissexual ou transgênero que for vítima dos atos discriminatórios mencionados no artigo 2º desta Lei poderá apresentar sua denúncia pessoalmente ou por carta, telegrama, telex, via Internet ou fax ao órgão municipal competente e/ou organizações não-governamentais que lutam pela cidadania e direitos humanos.”

O artigo 2º da lei, mencionado no trecho acima, elencava os “atos atentatórios ou discriminatórios” contra “cidadãos homossexuais, bissexuais e transgêneros, dentre outros”. Assim o eram considerados “... qualquer tipo de ação violenta, constrangedora, intimidatória ou vexatória, de ordem moral, ética, filosófica ou psicológica”, a proibição do ingresso ou permanência “... em qualquer ambiente ou estabelecimento público ou privado”, “preferir, sobre-taxar ou impedir... (sic)” hospedagens em hotéis e pensões, bem como aluguel ou compra de imóveis na cidade, da mesma forma que o “atendimento selecionado que não esteja devidamente determinado em lei”, “atos de demissão direta ou indireta em função da orientação sexual do empregado” e a proibição de “livre expressão e manifestação de atividade do cidadão homossexual, bissexual ou transgênero, sendo estas expressões e

manifestações permitidas aos demais cidadãos”⁶¹. O golpe fatal à aplicabilidade dessas disposições, porém, seria dado pelo Executivo.

Vulgarmente apelidada de Lei Rosa, a lei 4.240/2004 foi inviabilizada pelo prefeito Eneas Chiarini, que encontrou em outra peça do Legislativo, a Lei de Responsabilidade Fiscal do Município, o pretexto para inviabilizar a criação do “Centro de Referência para Defesa e Valorização da Auto-Estima e Capacitação Profissional do Cidadão Homossexual, bissexual e transgênero [sic]”, mencionado no artigo 14º da lei. A alegação do prefeito para travar a lei, segundo relato de Campanella, foi a de que não havia recursos para a criação desse órgão municipal. Órgão este que, juntamente com as ONGs LGBTT locais, acolheriam as denúncias de atos discriminatórios. Dessa forma, a prefeitura encontrava meios de não apenas anular a lei, mas, através da anulação mesma, eximir-se de qualquer responsabilidade na punição a atos homofóbicos na cidade.

Além da politicagem nos bastidores, a trajetória da Lei Rosa ainda incluiu lances de desaprovação e desconfiança por parte da imprensa local e da população que visava proteger. De um lado, os jornais locais destacavam a aprovação da Lei em suas páginas, enfatizando mais as punições que o arco de proteção oferecido aos sujeitos⁶² – enquanto, também nos bastidores, como

⁶¹ O artigo 2º da Lei Rosa detalha os atos atentatórios ou discriminatórios que são objeto de punição através de nove incisos que eu preferi mencioná-los no texto, ao invés de usar a forma de citação regular. POUSO ALEGRE. Lei 4.240/ 2004. Dispõe sobre a ação do Município no combate às práticas discriminatórias, em seu território, por orientação sexual. 02 de abril de 2004. Prefeitura Municipal de Pouso Alegre-MG.

⁶² LEI municipal prevê punição para discriminação contra homossexuais. *Jornal do Estado*, Pouso Alegre, 23/03/2004. ed. 876, ano XVIII, p.12.; DISCRIMINAÇÃO sexual dá punição. *Jornal do Estado*, Pouso Alegre, 23/04/2004. ed. 881, ano XVIII, p.12.; SANCIONADA Lei que combate a discriminação de homossexuais em PA. *Diário do Sapucaí*, Pouso Alegre, 28/04/2004. ed. 83, ano 1, p.03.

revelou Campanella, consideravam que “a lei havia institucionalizado o homossexualismo na cidade. Do outro lado, a expectativa, o burburinho e a polêmica causadas pela lei foram substituídas pela descrença – como pude observar entre os 13 colaboradores, apesar de, curiosamente, nunca terem lido o texto da Lei Rosa. A iniciativa de Campanella começou a ser encarada em vários círculos homossexuais da cidade como “jogada eleitoreira”, “de interesse pessoal dele” – da mesma maneira como ele havia avaliado as escolhas do então prefeito Enéas Chiarini.

Quem ofereceu-me uma dimensão dessa descrença foi Roberto. Na ocasião em que a Lei Rosa tornou-se assunto em nossa conversa, Roberto questionava, justamente a dinâmica dos espaços para vivência de sua homossexualidade na cidade. Falava também do papel da Hypepe enquanto lugar de socialização, enquanto espaço protegido. Foi quando eu mencionei a existência da Lei 4.240/2004 e os direitos que ela assegurava, como a possibilidade de troca de afeto em locais públicos. Foi quando Roberto respondeu o seguinte:

“Você me desculpe minha ignorância. Se é a mesma lei que eu estou pensando, que é uma lei do vereador Marcos Campanella, né?!, que proíbe a discriminação de homossexuais em lugares públicos. É essa? [eu confirmo] Então eu tô certo. Aquilo, primeiro, que eu acho que é uma jogada política, essa lei que ele colocou. É puro interesse político dele. É uma lei, assim, meio sem fundamento, porque as pessoas não tem coragem [eleva o tom de voz, enfatizando a palavra ‘coragem’] de se dizerem homossexuais nessa cidade. Então, foi discriminada, dificilmente, né?! Porque ela é homossexual; [pausa curta] não rola, eu acho que dificilmente alguém vai ser enquadrado nessa lei, porque ninguém tem coragem de se

assumir, entendeu? Não sei se eu consegui me exprimir. Você acha que uma pessoa, um homem de quarenta anos, assim, que vai sair com o namoradinho num bar e vai beijar ele? Nasceu e cresceu aqui em Pouso Alegre, onde todas as famílias tradicionais se conhecem, você acha que ele vai se expor a tanto? Ninguém é louco de ir pra um lugar público aqui, porque todo mundo vai ficar sabendo que ele é gay... Eu conheço pessoas que são assumidamente gays, mas elas não demonstram na questão de estar abraçados com o namoradinho ou dando beijinho no namoradinho... e mesmo a bichinha que rebola, quá-quá-quá, de saltinho, eu nunca vi ela agarrando alguém no bar ou no cinema. Posso tá errado, cê me perdoe, eu mesmo nunca vi isso. Ela também não tem coragem: ela prefere ir p`ra praça à noite, depois da meia noite, caçar. Porque aí, tá todo mundo dormindo e quem tá na rua passando de carro pode se interessar por ela. Pouso Alegre, infelizmente, parece que vai ter que passar uns mil anos pra que as pessoas possam ser autênticas.”

Essa “autenticidade”, segundo Roberto, seria não negar “a verdade de cada um”, ou melhor, “assumir que é homossexual”. Em sua narrativa, ele argumenta que a cidade precisa de espaços nos quais possa haver “liberdade para assumir”. Todavia, o contexto delineado pelo próprio Roberto, a exemplo do que vem sendo abordado ao longo deste capítulo, está saturado de uma necessidade de ser “invisível” que chega a ser inescapável até mesmo à “bichinha que rebola, quá-quá-quá, de saltinho”, mas que “prefere ir p`ra praça à noite” quando está “todo mundo dormindo”. Mesmo em se tratando de uma cidade teoricamente dotada de recursos legais para punir discriminação baseada em orientação sexual. A “autenticidade” a que se refere Roberto, então, pode ser somada à “consciência” mencionada por André páginas atrás para descortinar – e retomar – algo que há anos orienta as experiências homossexuais na cidade: a atmosfera de “segredo aberto” (Sedgwick, 2008,

p.80). Segredo aberto como reflexo de uma espécie de “circulo vicioso” em que os cuidados para não ser confundido com os “bambis da praça” justificam e alimentam não apenas a recusa em fazer algo pela cidade, mas a associação entre engajamento político e visibilidade, entre visibilidade e afeminação, entre afeminação e homossexualidade.

A Lei Rosa, nesse sentido, no imaginário dos colaboradores, está relacionada a exposição, a um certo rompimento com a dinâmica paradoxal do segredo aberto. E é significativo o momento na fala de Roberto quando ele enfatiza que na cidade “ninguém tem coragem de se assumir”, ou que “as pessoas não têm coragem de se dizerem homossexuais nessa cidade”. Para fazer valer as prerrogativas da lei, é necessário algum grau de exposição, uma vez que os sujeitos teriam de registrar uma queixa – mesmo que por telefone, fax ou internet. A proteção da lei coloca em jogo uma informação cara aos sujeitos, sob constante gerenciamento por eles em diferentes círculos sociais. Dessa forma, a Lei Rosa e o seu fracasso, ou melhor dizendo, a existência de um mecanismo legal de proteção à diversidade sexual e o seu conseguinte esvaziamento político nos bastidores da política da cidade, são o ponto máximo de uma história atravessada por contradições que não se excluem. Antes inventam-se, complementam-se, confrontam-se em um campo de tensões onde subjetividades refletem e negociam com o segredo aberto o tempo todo.

A trajetória do mundo gay em Pouso Alegre reflete elaborações não apenas das possibilidades de existência homossexuais em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, mas de transformações profundas em torno das experiências homossexuais – que multifacetam-se cada vez mais – no

país. Transformações que fazem parte de embates subjetivos saturados por lugares, tempos, práticas, valores, representações e experiências diversas; dilemas que encontram-se, cruzam-se, atualizam-se – e reforçam-se – em um contexto onde família, religião e relações sociais mais estreitas tornam-se complicadores. Complicadores que validam o segredo aberto, o implícito, como estratégia de proteção por parte dos sujeitos.

As estratégias de distinção que são adotadas pelos sujeitos de modo a demarcarem identidades em meio a experiências diversas, as dificuldades em dizer que se é homossexual na cidade, somadas ao controle da exposição de suas sexualidades em meio a uma crescente visibilidade de experiências plurais conduzem, dessa forma, meu olhar a questões que estão implícitas e o são indissociáveis da elaboração de subjetividades homossexuais. Assim, no próximo capítulo, procurei problematizar a construção das subjetividades homossexuais compartilhadas pelos colaboradores em suas narrativas, partindo da experiência de (auto-)reconhecimento da diferença, que é comum entre os sujeitos, observando os impasses decorrentes tanto da relação entre homossexualidade, masculinidade e heterossexualidade como os sentidos atribuídos pelos colaboradores à assunção da homossexualidade.

Capítulo II

IMPASSES

(OU SOBRE OS FIOS E A URDIDURA)

“A gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num mim minuto, já está empurrado noutra galho. Acertasse eu com o que depois sabendo fiquei, para de lá de tantos assombros... Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está nem na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”

Trecho de *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa.

Desclocamentos

Alexandre nasceu em uma cidade próxima a Pouso Alegre, em 1960. Quarto de cinco irmãos – três moças, mais velhas, depois ele e, por último, outro irmão –, ele descreveu sua família como sendo “tradicional”: seu pai, um homem muito severo, filho de políticos locais; e sua mãe, dona de casa amorosa. Um “tradicional” que incluiu ainda a devoção dos pais ao catolicismo.

Aos quinze anos, Alexandre mudou-se com a família para Pouso Alegre, uma vez que seus pais buscavam dar-lhe uma educação melhor. Terminados

os anos de colégio, no final da década de 1970, então, foi fazer faculdade em São Paulo. Desistiu de um curso, começou outro – o de sua preferência – e nesse ínterim, voltou a Pouso Alegre para depois partir para o Rio de Janeiro. Já graduado, retornou a Pouso Alegre outra vez, estabelecendo-se definitivamente na cidade desde a segunda metade dos anos 1980, onde mora com os pais idosos.

Esse panorama da vida de Alexandre só foi apreendido a partir de um pedido aparentemente simples dirigido aos participantes: o de falarem sobre si, que contassem suas histórias. Como cada um deles sabia tratar-se de uma pesquisa sobre homossexualidade, suas narrativas adquiriram forma e densidade girando em torno de suas sexualidades.

Nesse processo de contar, memórias foram revisitadas, revisadas. Um mosaico intrincado de experiências responsáveis por dar sentido não apenas ao que era narrado, mas, particularmente, ao lugar dos sujeitos no mundo, então, foi confeccionado a partir de fragmentos de passado. E o primeiro deles diz respeito à infância. Ou melhor, a um senso de diferença moldado durante a infância, como revelou Alexandre ao dizer o seguinte:

“... eu sempre soube que eu era, eu só não sabia direito o que era. Eu era diferente e desde pequeno isso tava muito visível p`ra mim... eu gostava muito de desenhar, de pintar, aquela coisa toda... e por eu gostar dessas coisas, eu era, assim, muito mais sensível. Eu sacava, eu captava muitas coisas. Mas, assim, não tinha palavras p`ra falar o que eu estava sentindo. Eu só sentia que eu era diferente. Diferente como pessoa. Como pessoa porque, assim, os meus amigos; eu achava: ‘será que eu sou?’. Eu não entendia. Porque pra mim tava tão óbvio que eles sacavam, ou eu nem sei se eles não sacavam ou era uma

atitude. Eu colocava que era uma atitude. P`ra falar a verdade, eu nem sei explicar direito, eu nem sabia o que era gay, o que não era. Tive uma fase muito sofrida, né? Uma cidade pequena, a cidade não tinha um; um; nada, não tinha informação nenhuma (...) As pessoas passavam e diziam ‘viadinho’, ‘mariquinha’, só que eu não me sentia daquele jeito. Eu sentia e sabia que era mais sensível, que era diferente dos outros, mas não sabia. Aí, lá pelos 10 anos, por aí, que foi mais sofrido mesmo, porque aí deu p`ra eu distinguir: ‘O negócio é esse mesmo, eu gosto de homem e não adianta.’ [risadas]”

O sentimento de diferença experimentado por Alexandre é um processo iniciado de fora para dentro desde muito pouca idade. Nesse processo as palavras alcançam os sujeitos antes que eles saibam os sentidos exatos das interpelações que lhes são dirigidas. O peso – e o impacto, por conta desse peso mesmo – que as palavras têm sobre os sujeitos aos quais se destinam orientam o aprendizado da diferença através do choque da injúria. Injúria que define, pelos seus efeitos, uma consciência de si e um ponto de vista sobre o mundo (Eribon, 2008, p.27-29).

“Um mundo de injúrias”⁶³ cristaliza nos indivíduos uma sensação – a da diferença – que, racionalizada por aqueles por quem é vivida, torna-se uma espécie de “ida sem volta”. Não por menos Alexandre aponta seus dez anos como a idade em que “deu p`ra distinguir [que] o negócio é esse mesmo... e não adianta”, estabelecendo uma certa lógica explicativa de sua homossexualidade adulta a partir da experiência da diferença vivida em sua infância. Uma diferença, cabe dizer, a-sexual – ou pré-sexual –, uma vez que

⁶³ Para a relação – e os efeitos – desse “mundo de injúrias” e a formação de uma identidade homossexual, ver Eribon (*op.cit.*, p.27-170), que dedica toda uma parte de suas *Reflexões sobre a questão gay* ao assunto.

não é definida em termos sexuais, mas em termos de gênero (Plummer, 1999, p.208-210).

Nesse movimento, a aptidão para o desenho e a pintura, a sensibilidade e a capacidade de percepção de Alexandre vão sendo associados a outros nomes – “mariquinha”, “viadinho” – até encontrarem uma justificação sexual, sustentando o sentimento de desencaixe e a associação entre não-adequação às normas de gênero e identidade sexual adulta. Esse movimento ao qual me refiro aparece ainda com mais força na narrativa de Roberto quando ele diz que:

“Eu, desde pequeno, fui muito sensível. Em todos os sentidos. Era latente a minha diferença entre meus irmãos em termos de sensibilidade, de perceber as coisas de forma diferente. Eu sempre tive uma simbiose muito grande com a minha mãe e sempre tive um conflito muito grande com meu pai. Praticamente desde que me entendo por gente, assim, é muito claro isso... então, foi uma infância conflituosa com meu pai e uma adolescência terrível também com meus irmãos, né? A gente brigava e eu apanhei muito, muito, muito, muito dos três [irmãos] e do meu pai. Surras homéricas, de deixar marcas, tanto interiores quanto exteriores. (...) Eles eram muito durões, muito, assim, fechados, né? Então, desde pequeno eu fui meio que crescendo com aquela questão de ser o ajudante da minha mãe, a empregada da casa. Eu [risadas]! Eu levantava cedo, fazia café, comprava pão, arrumava o quarto dos meninos. Então você imagina três, quatro homens, no caso deles; eu ainda era criança; mas quatro adolescentes e meu pai, um homem já adulto, que bagunça eles faziam... Então era eu e a minha mãe, nós dois éramos os empregados da casa. E fui crescendo e foi desenvolvendo esse lado de servidão também. Acostumei a servir, a ser um servo nesse núcleo familiar. Hoje eu percebo que eu cresci nesse núcleo tendo um papel muito distinto: o de servo. Cada um cuidou da sua vida e eu tinha que cuidar da casa e de estar com meus pais. E aí isso juntou com a questão da sexualidade. Eu acho que é muito

claro p`ra eles que eu era diferente, acredito, p`ros meninos, p`ros meus irmãos, que eu chamo eles de meninos. Então, motivo a mais dessa richa era por eu ser diferente, por eu ser a bichinha, o gayzinho da casa. Nunca se foi dito isso na minha infância, mas existem coisas que são ditas com olhares e com atos. Você não precisa verbalizar. E a minha sexualidade era tão forte, a questão de ser um homem mais feminino, sentimentalmente falando, era muito clara. E havia um preconceito dentro da casa por eu ser assim, um preconceito muito forte da parte deles com relação a mim, a minha pessoa.”

Se na experiência de Alexandre a nomeação da diferença passa muito fortemente pela verbalização, na experiência de Roberto a consolidação da injúria dá-se através dos silêncios e daquilo que nunca precisou ser dito com palavras.

“Olhares” e “atos” foram os mecanismos que assinalaram para Roberto ao longo dos anos, desde a infância, sua distinção, seu lugar de “servo” nas relações familiares, bem como a sua vulnerabilidade frente a seu pai e seus irmãos e às agressões recebidas destes, que alcançam uma dimensão física. Ao não-dito cumpriu reforçar em Roberto o sentimento de ver-se como “a bichinha, o gayzinho da casa”, fosse pela sensibilidade “latente”, fosse por ajudar a mãe nas tarefas domésticas.

Porém, se há distinções nos modos como a experimentação da diferença foi vivida por Alexandre e por Roberto, o mesmo não pode ser dito sobre a maneira como a diferença é naturalizada em ambas as histórias como ponto de origem de suas homossexualidades. Expressões como “desde pequeno”, “desde que me entendo por gente”, ou “eu sempre soube que era” – presentes não apenas nos relatos de Roberto e Alexandre, mas na de todos os

colaboradores, sem distinções –, são elementos reveladores e constitutivos desse processo de naturalização que sobrepõe-se a uma experiência não raro compartilhada também por homens heterossexuais.

Ao olhar retrospectivo que os colaboradores lançam sobre seu passado mais remoto cabe, todavia, uma função que não é notada nas experiências da diferença vividas por homens heterossexuais: justificar a identidade homossexual na idade adulta. Até porque, é essa interpretação mesma do sentimento de diferença que remonta à infância presente nas narrativas de homens homossexuais que sustenta a formação da própria identidade homossexual moderna (Plummer, *op.cit.*, p.213-214), questão à qual me deterei um pouco mais adiante.

Parte desse movimento interpretativo da diferença, a localização dessas experiências de distinção no tempo e no espaço caminham junto à construção das identidades de gênero dos sujeitos. No tempo, porque relacionadas à infância e à adolescência; no espaço, por conta dos locais onde elas ocorrem. E nesse ponto, determinados lugares e situações se entrecruzam ao lúdico na articulação dos lugares sociais “de meninos” e “de meninas”. Nesse sentido, André conta o seguinte:

“Na escola era muito, muito na minha. Sempre fui muito na minha, o que foi sofrido na minha adolescência. Eu tinha grandes diferenças com meus colegas, muitas diferenças. Eu olhava; isso pensando nos meninos, as meninas até nem tanto; eu olhava p`ros meninos, eu me sentia anos-luz na frente deles. Algumas coisas que eles faziam não me interessava fazer. Por exemplo: jogar futebol. Isso nunca me interessou e eu não conseguia entender o por que que aquilo era tão encantador p`ra eles. E até hoje eu não

consigo, não consigo. Então, as primeiras crises que eu comecei a viver na minha adolescência foi, é, porque que os meninos gostavam de umas coisas e eu não. Eu nunca gostei de brincadeira de menina. Isso não! Não. Nunca não: tinha umas coisas que me encantavam. Eu adorava jogar vôlei com as meninas. Adorava. Mas eram muito poucas as coisas. E essas foram as primeiras coisas que foram crise mesmo. Então em função disso, de perceber que os moleques tinham umas coisas que eles curtiam e eu não, eu comecei a ficar à mercê dos grupos. À mercê não: eu era marginalizado. Por exemplo: tinha toda a educação física da escola, desde a quinta série, que foi quando começou essa mudança de criança pra adolescente; e toda educação física era futebol. Tinham seis quintas series, trinta, vinte moleques por turma, cento e vinte homens, e eu era o único que não jogava. Sempre era eu. Então eu sempre sobrava nas brincadeiras de menino. Isso era uma coisa que começou a ser sofrida quando começou a virar historinhas. ‘Ah, o André não vai jogar!’ Aí começou a ter umas coisas meio indelicadas. Eu não lembro exatamente as frases, não lembro exatamente as brincadeiras. Mas as brincadeiras eram a coisa que começava a me atormentar. Por que o povo queria só jogar futebol? Porque isso era jogo de homem. E eu querendo jogar vôlei e eles não queriam jogar porque era jogo de menina e eu era a menina da história. Nunca teve nenhuma brincadeira muito ofensiva nesse ponto, nunca foi taxativo de falar. Eles nunca apontavam o dedo. Isso eu não lembro. Mas o silêncio era muito grande e eles iam fechando entre eles e eu ia sobrando.”

Com o passar dos anos, os contrastes entre “meninos” e “meninas” vai afunilando-se, deixando cada vez mais claras e profundas aos sujeitos as diferenças entre atividades, valores e escolhas associados a masculino e feminino. Nesse aprendizado, sobre o qual o grupo – geralmente formado por indivíduos do mesmo sexo – desempenha papel chave, experiências comuns aglutinam-se em busca de apoio e reconhecimento entre aqueles tidos como “iguais”. A diferença de uns com relação ao grupo, assim, produz exclusões e isolamentos, como as vividas por André.

No caso dos meninos, a construção de suas masculinidades passa pelo esporte, e o futebol, como é possível perceber na fala de André, é eleito como um dos elementos de atribuição de pertencimento ao masculino. O sentimento da diferença que os colaboradores carregam consigo mesmo na idade adulta, nesse sentido, caminha lado a lado com o aprendizado da masculinidade. Nesse aprendizado, para ser ou se tornar um homem é necessário não ser associado a uma mulher, fazendo com que “o feminino [torne-se] até o pólo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal” (Welzer-Lang, 2001, p.465). Por isso é importante destacar que a idéia de masculinidade não existe sem o contraste com as noções de feminilidade e muito menos sem hierarquia, pois ela se sustenta sobre a polarização estabelecida entre homens e mulheres enquanto tipos específicos. Isso faz com que a masculinidade seja, simultaneamente, um *lugar* nas relações de gênero, as *práticas* através das quais homens e mulheres inserem-se nesses posicionamentos de gênero, e ainda, os próprios *efeitos* que tais práticas têm sobre experiências corporificadas, sobre a construção de personalidades e sobre as culturas (Connel, 1995, p.68-71).

Quando eu me refiro a essa “noção de masculinidade”, contudo, faço alusão a uma pluralidade de modos de ser homem, a uma multiplicidade de masculinidades⁶⁴. Todavia, para os propósitos da pesquisa, enfoco particularmente a idéia de “masculinidade hegemônica” na medida em que ela

⁶⁴ Acerca da discussão sobre masculinidades, seu caráter socialmente constituído e sua variabilidade cultural, ver os trabalhos de Badinter (1993), Bourdieu (2002), Gilmore (1990), Nolasco (1993, 1999) e Oliveira (2004).

relaciona-se diretamente à experiência das “masculinidades homossexuais”⁶⁵, por conta dos efeitos que exerce sobre a constituição de percepções da homossexualidade (Connel, *op.cit.*, p.156). Até porque, a opressão posiciona as masculinidades homossexuais no fundo de uma hierarquia de gênero *entre os homens*, fazendo com que a homossexualidade – facilmente associada a feminilidade – seja encarada como o ponto de acumulação simbólica de tudo aquilo que é rejeitado pela masculinidade hegemônica (ibid, p.78).

Desse modo, o sentimento de diferença experimentado pelos sujeitos na infância é parte do aprendizado da masculinidade. O desencaixe e sua naturalização presente nas falas de Alexandre, Roberto e André traduzem as fronteiras e as demandas da masculinidade hegemônica em relação a outras configurações não adequadas ao padrão que se exige dos sujeitos. Essas operações de delimitação, exclusão e afirmação, por seu turno, encontram sustentação, assim como a idéia de masculinidade hegemônica, na homofobia⁶⁶.

Antes da idade adulta, ao invés de mirar identidades sexuais, a homofobia dirige seu poder de fogo contra determinados comportamentos e aparências que, de algum modo, transgridem as expectativas de grupo, geralmente homosociais. E chama particularmente a atenção o fato de que

⁶⁵ A esse respeito, conferir os trabalhos de Levine (1998) e Nardi (2000).

⁶⁶ “Homofobia” é um conceito recente e não deve ser tomado literalmente. Foi usado pela primeira vez por George Weinberg em um estudo precursor chamado “*Society and the Healthy Homosexual*”, sendo entendido como “o temor de estar entre quatro paredes com homossexuais” – definição que está de acordo com os critérios de classificação psicológica de fobias. No entanto, desde seu *debut* o conceito passou a abarcar outras definições, sendo raramente usado hoje em dia, em seu sentido original, em escritos acadêmicos. Nesse sentido, compreendo “homofobia” como um conceito elástico e impreciso, “...capaz de abrigar uma grande gama de situações e processos caracterizados, pelo menos em parte, por uma tendência anti-homossexual”. Para mais detalhes sobre essa discussão, ver Plummer (ibid., p.3-6).

essas transgressões e inadequações ocorrem em momentos de mudanças na vida dos indivíduos, coincidindo com comportamentos que deixam de ser aceitos pelo grupo – que espera, então, que eles não sejam mais praticados (Plummer, *op.cit.*, p.138). Quando Alexandre avalia que aos 10 anos já era possível “distinguir” sua homossexualidade, ou mesmo quando Roberto é agredido fisicamente por seu pai e irmãos, o que vem à tona são experiências de comportamentos resistentes a momentos de transição no aprendizado da masculinidade hegemônica, os quais, por serem justamente resistentes, são alvo de manifestações homofóbicas.

A adolescência, no entanto, leva a experiência da diferença a um outro nível. As manifestações homofóbicas passam a dirigir-se também para identidades sexuais em formação, sem, implicar, contudo, o fim dos assédios sobre comportamentos e atitudes. Se na infância o sentimento de diferença aparecia nas experiências dos sujeitos como algo ainda sem nome – os nomes existiam, mas a compreensão da experiência era outra enquanto criança – na transição para a idade adulta, o momento da descoberta é também um momento de clivagem do mundo, que passa a ser dividido, nas lembranças dos sujeitos, em dois: heterossexual e homossexual.

Quem ilumina essa transição é Henrique. Na ocasião, eu havia perguntado a ele quando e como foi que descobriu gostar de rapazes, ao que me respondeu o seguinte:

“Até meus 15, 16 anos eu era hétero. P`ra mim eu era hétero. P`ra mim, eu acho, você já nasce com isso; você também homossexual, já nasce com isso também. Só que

demora, depende da pessoa, demora um certo tempo p`ra você ver que é homossexual... então eu me descobri com meus 16 anos. Até então eu tive as minhas namoradas, eu sentia prazer de estar com elas. Eu tinha prazer, eu tinha relação com elas. Não p`ra sociedade, mas p`ra mim mesmo. Eu não usava nenhuma máscara, ficava porque queria. Quase tive um filho até! Tive vários relacionamentos com mulher. Então, quando eu descobri mesmo que eu era homossexual foi aos 16 anos. Aí eu comecei a perceber, assim, quando eu estava com homem ou com mulher, qual eu sentia mesmo prazer, tentando entender. Aí eu descobri que era com homem. E foi muito difícil. Foi muito difícil quando eu descobri, porque o meu pai falava assim: 'Prefiro ter uma filha biscate, uma puta, do que um filho gay!' E eu sempre, assim, me vi casado, com filhos. Sempre pensei no meu futuro com uma esposa, ter minha vida, ter uma profissão legal, uma faculdade que eu goste. Então aquilo tudo era muito difícil de aceitar. Eu não aceitava de jeito nenhum. Foi difícil. Eu não saía, eu me trancava, não saía de casa. Na época eu já trabalhava... e era aquela rotina. Nessa fase que eu comecei a desconfiar, a achar; que eu comecei a sentir prazer com homens também, eu comecei a me distanciar de todo mundo. Eu não queria ter amizade com homem, com mulher, com nada. Não queria ter um relacionamento. Eu queria ser uma pessoa normal. Eu não queria entrar p`ra um convento, mas era mais ou menos assim: eu queria ficar na minha, nem com homem e nem com mulher. Eu não me aceitava, não aceitava de jeito algum que eu tava virando gay."

Outro relato significativo sobre a relação entre adolescência e descoberta da homossexualidade foi o de Gustavo, que em certos momentos ecoa alguns elementos presentes na experiência de Henrique, ao mesmo tempo em que faz emergir outras questões. Sobre sua descoberta, Gustavo revela:

"Eu tive uma infância tranqüila. Tive de tudo, não posso me queixar. Tive de tudo dentro das possibilidades do meu pai e da minha mãe. Fui mimado como todo homem é

mimado. Tive uma infância tranqüila, comum, como toda criança. Estudava, brincava. Isso até os 12, 13 anos. Que eu; que eu comecei a notar que tinha alguma coisa errada comigo. Digamos 'errada', né? Eu me tornei mais recluso com o passar da minha adolescência. Eu me tornava mais recluso. Eu não entendia o que estava acontecendo comigo, sabe? Conseqüentemente, passei a ser mais rebelde, a querer fazer estrepolia, a ser aquele ruim mesmo, sabe? De fazer ruindade mesmo. Eu sabia que era diferente de alguma forma. Eu acho que sempre fui, desde o momento em que nasci. Mas, assim, a partir do momento da adolescência você passa a evidenciar aquilo, que você, sabe? Não digo que sou anormal. Eu era especial. Como eu não consegui entender eu comecei a deixar do convívio com a molecada, com os meninos da minha faixa de idade, entendeu? E fiquei mais insociável (sic). E isso acarreta um monte de problemas, porque; a convivência com o pai, principalmente. Com a mãe, não. Pai exige mais, né?, principalmente por ser filho e mais velho.”

As experiências de Henrique e Gustavo encontram-se sob uma espécie de “ponto cego”, em que a sensação de desencaixe perpassa e orienta o processo de descoberta. Descoberta cujos primeiros momentos parecem evocar um caminhar na escuridão, marcado por solidão, desamparo e pela falta de conhecimento dos sujeitos, como observado na fala dos colaboradores, através de suas atitudes de isolamento, inconformismo e rebeldia. A descoberta da homossexualidade aparece como um momento de tensão, de ruptura com expectativas familiares, particularmente de pais, da mesma maneira que com sonhos pessoais, planos, idéias, crenças e valores construídos, ambicionados e vividos como único horizonte de possibilidades, como revelou Henrique. Ou pelo menos como a mais correta ou legítima das opções, uma vez que em torno da homossexualidade – e sua descoberta pelos sujeitos – gravita um arsenal de censuras morais prévias, explícitas e

implícitas, presentes nos pronunciamentos do pai de Henrique quando diz preferir ter uma filha “biscate” a um filho gay no seio familiar.

Tais censuras morais, por sua vez, servem para dimensionar primeiramente o papel crucial que as famílias exercem no reforço à conformidade sexual (Rubin, *op.cit.*, p.28). Nesse sentido, é preciso destacar o quanto a educação familiar recebida pelos colaboradores foi associada à palavra “tradição” – “família tradicional”, “educação tradicional” – e o quanto, nesse núcleo familiar “tradicional”, a figura do pai está investida de autoridade, severidade, dureza e responsabilidade diretamente opostas à serenidade, à suavidade, à devoção, à compreensão e à dedicação ao lar associadas à figura da mãe. Não obstante, tanto as censuras morais de que falo quanto as representações das figuras paterna e materna nas narrativas dos participantes revelam e reforçam a sexualidade e o gênero organizados como um “sistema de recompensas” que premia e encoraja algumas atividades ao mesmo tempo em que pune e suprime outras. Um sistema de poder, para colocar de outro modo, que camufla os conflitos em torno da sexualidade (*ibid.*, p.44).

Na fala de Gustavo, aliás, as dinâmicas desse sistema de poder estão bastante evidentes. Ao revisitar seu processo de descoberta, sexualidade e gênero percorrem um verdadeiro itinerário de valorações, indo dos privilégios ao descrédito, não sem antes passar pelas expectativas sociais. Nesse itinerário simbólico, primeiro percebe-se a posição privilegiada desfrutada pelos homens na hierarquia de gênero desde meninos – “fui mimado como todo homem é mimado”; depois, a frustração envolvida pela não-conformidade à ordem sexual – “comecei a notar que havia algo de errado comigo” – e as

expectativas que a família deposita nos sujeitos, especialmente o pai – “pai exige mais, né?, principalmente por ser filho e mais velho” – até chegar ao descrédito, sinônimo de desaprovação social – “[o isolamento] acarreta um monte de problemas... [sobre] a convivência com o pai, principalmente.”

Nesse sentido, é André quem oferece uma porta de entrada à questão das expectativas que o pai desenvolve com relação ao filho. O assunto surgiu no momento em que ele comentava o fato de que sua mãe já sabia sobre sua sexualidade, ao passo que seu pai ainda permanecia-lhe um mistério. A esse respeito, André diz:

“Meu pai nunca insinuou nada sobre mim. Nesse ponto meu pai é muito discreto. Mas o meu pai; eu acho que ele finge que não sabe. Porque, p`ro meu pai eu acho que ia ser uma facada muito grande, um golpe muito grande saber que eu sou gay. Meu pai é machista. Meu pai acredita que homem tem que ter filhos e viver com uma mulher. Meu pai é o tipo de homem que acredita que o homem tem que comer todas as mulheres da rua e ele joga isso de vez em quando na minha cara. ‘Eu, na sua idade, já tinha filho!’ Só que isso é mentira. Eu nasci quando ele tinha 24 anos! [risadas] então, assim, ele acredita que o homem tem que; e a minha vontade num momento de insanidade era falar: ‘Cê quer um filho? Eu vou e faço um e te dou! [risadas] Se o problema é esse, né? Mas eu acho que ele faz é jogo duro pra não querer saber, mas nunca tocou no assunto. E ele é meio sarcástico com algumas coisas. Por exemplo: quando ele paga alguma conta minha, meses depois a gente briga, ele joga aquilo na minha cara: ‘Sou eu que pago as tuas contas!’ isso mesmo que tenha sido uma só. Ele é muito irônico, sarcástico, então, eu acho que se ele, se fosse algo claro p`ra ele, se minha opção sexual fosse algo claro p`ra ele, ele já teria jogado na minha cara. Por isso eu acho que ele não quer, que ele finge; sei lá!”

No universo paterno, a expectativa com relação aos meninos dá-se principalmente com relação à descendência, conforme emerge da fala de André. Até porque, é preciso considerar o simbolismo investido sobre o nome do pai na determinação de uma filiação legítima no Brasil. Assim, quando os sujeitos descobrem-se homossexuais, descobrem, igualmente, que estão em oposição a todo um universo no qual foram criados como sendo a única referência aceitável de existência. Uma “heterossexualidade compulsória” (Rich, 1993, p.254), como evidencia Henrique ao dizer que foi “hétero” até seus 16 anos, expressando um processo de *transição* para a homossexualidade.

Aliás, a própria palavra “descoberta” indica uma experiência com a qual somente sujeitos “homossexuais” se deparam. Em seguida, “máscara” nuança o quanto a descoberta da sexualidade dissidente é exigida dos sujeitos. “Máscara” evoca uma certa verdade de si, e, através dessa verdade, demarcações entre sujeitos verdadeiramente “heterossexuais” e aqueles que, por não conformidade à sexualidade com a qual “nascem”, vivem uma espécie de “mentira” de modo a cumprir com o que socialmente é esperado deles. O contraste entre ser “hétero” e ser “gay” que emerge na adolescência encontra em “evidência” um outro termo indicativo de uma experiência unilateral – até porque, “heterossexuais” não descobrem suas “heterossexualidades”, nem o são exigidos a fazê-lo em algum momento de suas vidas.

Tal unilateralidade da “descoberta”, por seu turno, fica ainda mais evidente no relato de Lucas. Ao ser indagado se revelar-se homossexual às pessoas era prejudicial, ele respondeu:

“Depende. Mas você vai falar p`ra que? Isso é o que eu não entendo. Falar p`ra que? ‘Olha, fulano de tal, minha opção é essa.’ E daí? Que diferença isso faz? Que diferença isso faz p`ra ele ou p`ra você sair falando, saber disso? Eu acho que quem tem que saber disso é você e algumas pessoas, assim, mais próximas. Eu acho que não tem necessidade de sair p`ra rua, falando, tipo muitas pessoas fazem, espalhando p`ras pessoas. O hétero: ele não sai p`ra rua falando p`ro povo que é hétero. E por que o gay, o homossexual, vai sair falando o que é a sua opção? Se o hétero não faz isso, por que o homossexual vai fazer isso? Por que é diferente? Eu acho que não é. É homem do mesmo jeito! Então, não tem necessidade de espalhar.”

O contraste marcante entre as experiências de hétero e homossexuais na fala de Lucas traduz um incômodo: a maneira pela qual os indivíduos são distintamente chamados a viver suas sexualidades. Cabe observar, a partir da fala de Henrique, Gustavo e Lucas, que à descoberta da homossexualidade segue-se a conformação a uma nova posição de sujeito no mundo, cujos reflexos dão margem não apenas a isolamento e rebeldia, conforme já visto, mas também à solicitação – ou, em alguns casos, exigência – do manejo de uma informação sobre si. Trata-se, no entanto, de uma informação que, pela cultura na qual emerge – e pela maneira como desenvolve-se na vida dos sujeitos – é revestida por uma aura de segredo. Um segredo diferente.

Quando Lucas constata que o “hétero” não sai às ruas “falando p`ro povo que hétero”, diferentemente do “homossexual”, o que se nota é um paradoxo: o quanto se espera que esse segredo seja conhecido em algum grau em diferentes esferas do social, mesmo que ainda se acredite ser secreto – embora já o tenha se tornado em muitos aspectos, público. O desconforto de Lucas com relação a uma necessidade implícita nas relações sociais de o

sujeito declarar-se homossexual o leva à indagar: “por que [com o homossexual] é diferente?” Arditosamente, a pergunta contém em si sua resposta. Uma resposta que jaz na centralidade que a heterossexualidade ocupa na vida dos sujeitos e que encontra eco no relato de Lucas, na medida em que seu inconformismo salienta o quanto a heterossexualidade não precisa referir-se ou ser contada para as pessoas. Muito menos administrada como segredo público, por conta de sua posição privilegiada que encobre os mecanismos mesmos que sustentam-na como norma.

Posicionamentos

Os relatos de Lucas, Henrique e Gustavo, André, Roberto e Alexandre trazem à tona dimensões de uma “heterossexualidade compulsória” (Rich, 1993), indicativa da pressuposição de que todos os sujeitos são heterossexuais. As experiências da diferença e, posteriormente, da descoberta da homossexualidade, seus desdobramentos, problemas e demandas, localizam os fios soltos em uma urdidura que se pretende homogênea. Fios soltos, “sexualidades desparatadas” (Foucault, 2001, p.48), submetidas a uma cultura heterossexual cuja trama é pensada como a representação da sociedade, como a forma mais elementar de associação humana, o modelo mesmo das relações de gênero, a base indivisível sobre a qual se assentam todas as comunidades, bem como o meio de reprodução fundamental sem o qual a sociedade não existiria (Warner, 1993, p.xxi), uma vez que a heterossexualidade investe-se de um estado de neutralidade capaz de anular

questionamentos dirigidos contra si. Estado através do qual são exigidas – ou elaboradas – as explicações da e para a homossexualidade, sempre como seu oposto hierárquico – fazendo com que a heterossexualidade, então, dependa da homossexualidade para constituir-se como padrão, enquanto sinônimo de “...*falta de diferença* ou uma *ausência de anormalidade* [grifos do autor]” (Halperin, 1995, p.44).

A naturalização das sexualidades nesse processo atualiza e reforça tal hierarquização, uma vez que tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade são consideradas – e vividas – pelos sujeitos como sendo suas essências – recordando que nas falas dos sujeitos o entendimento de suas sexualidades dissidentes dá-se *desde pequenos, desde que entendem-se por gente*, associando sexualidade a nascimento invariavelmente. Dessa forma, a homossexualidade adquire um sentido auto-evidente e explicativo de certas práticas e identificações. E mais ainda a heterossexualidade, percebida então como uma forma de sexualidade neutra por si mesma (Jagose, 1996, p.17).

Homossexualidade e heterossexualidade, todavia, estão longe de serem atributos fixos e imutáveis, uma forma universal de sintaxe do desejo sexual. Historicamente, elas se inserem em um contexto de mudança conceitual na forma de se pensar sobre sexo que ocorreu em partes da Europa ao longo dos séculos XVIII e XIX. Essa nova conceitualização, por sua vez, coincide com a emergência, nesse mesmo período, de uma tipologia sexual. Com isso, o homossexual e o heterossexual passam a ser definidos não como pessoas envolvidas com a prática de certos atos – ou que aderem a este ou àquele

papel sexual, ou que são caracterizadas por seus desejos, ou que violam ou obedecem as fronteiras de gênero –, mas como pessoas dotadas de dois tipos distintos de subjetividade, interiormente orientadas por uma direção específica e que, portanto, constituem espécies humanas separadas. Não se trata, porém, de novas maneiras de classificar as pessoas, e sim da produção de novas formas de desejo e novos seres desejantes. (Foucault, *op.cit.*; Halperin, 1990, p.43).

A sexualidade moderna, como sistema produtor de sujeitos e, conseqüentemente, de subjetividades, constitui um mecanismo de controle das populações, de organização do mundo. Um aparato que incita toda uma produção discursiva sobre o sexo, que produz saberes, prazeres e poderes sobre os sujeitos, localizando-os, gerindo seus corpos, atravessando suas vidas (Foucault, *op.cit.*). Movendo o sujeito do sexo para o centro do discurso político e moral contemporâneo, é através dele que a sexualidade viabiliza a expressão de subjetividades e identidades. No entanto, é significativo observar tratar-se de uma experiência relativamente nova a divisão do mundo nos termos da heterossexualidade e da homossexualidade (Weeks, 1995, p.6).

Usado pela primeira vez em 1869, o termo “homossexualidade” figurou em dois panfletos anônimos publicados na Alemanha pelo húngaro Karl Maria Kertbeny. Naquele contexto, a nova palavra integrava uma campanha mal-sucedida contra a criminalização do sexo homossexual na recém formada Federação dos Estados Germânicos, ao mesmo tempo em que carregava um sentido distinto de outros termos e imagens que lhe eram contemporâneos – como “uranista” e as referências à figura do “invertido” ou à idéia de “terceiro

sexo”⁶⁷. A definição de “Homossexualidade” no panfleto de Kertbeny fazia referência a um impulso sexual dirigido a pessoas do mesmo sexo, um minimalismo conceitual que acabou tornando a palavra facilmente adaptável no correr dos anos a uma gama de propósitos ideológicos que investiram-lhe escritores e teóricos⁶⁸.

Paradoxalmente, o debut de “heterossexualidade” dá-se alguns anos *depois* do surgimento da categoria da “homossexualidade”, em 1886, com a publicação de *Psycopathya sexualis*, do médico Richard von Krafft-Ebing. Nesse inventário de novas “espécies” sexuais⁶⁹, “heterossexualidade” foi definida como um impulso erótico pelo sexo oposto.

Apesar de a idéia de “instinto procreativo” perpassar a recém criada noção de “heterossexualidade”, sua definição enquanto atração pelo sexo oposto versus atração pelo mesmo sexo lançou as bases para a o domínio de uma nova normalidade⁷⁰, que deixará de ser pensada nos termos de um modo

⁶⁷ O termo uranista, ou *urning*, remonta aos anos entre 1865 e 1875. Derivado de uma alusão a Urano no Simpósio, de Platão, foi usado para embasar o argumento de que os “instintos anormais” era inatos. Karl Henrich Ulrichs, seu idealizador, argumentava que os embriões eram iguais no principio do desenvolvimento fetal eram iguais e só depois é que dividiam-se em três: masculino, feminino e *urning*, o terceiro sexo. A idéia do terceiro sexo tinha um apelo humanitário, que não foi acolhido pela opinião medica no século XIX (Spencer, 1999, p.274-275).

⁶⁸ De acordo com Halperin, “homossexualidade” absorveu a noção psiquiátrica da *orientação* pervertida ou patológica, a noção psicanalítica elaborada por Freud e seus colaboradores de *escolha de objeto sexual de mesmo sexo*, bem como a noção sociológica de *comportamento sexualmente desviante*, derivada dos questionamentos forenses acerca dos “problemas sociais”. “Assim, nem a noção de orientação, nem a noção de objeto de escolha e menos ainda a noção de comportamento sozinha é capaz de gerar a moderna definição de ‘homossexualidade’; ao invés disso, o conceito parece depender da união de todas essas três noções. ‘Homossexualidade’ se tornou, então, a um só tempo uma condição psicológica, um desejo erótico e uma prática sexual (três coisas bastante diferentes entre si).” (Halperin, 2002, p.131)

⁶⁹ Sobre a significativa contribuição de Krafft-Ebing para a constituição de identidades sexuais, ver Oosterhuis (2000).

⁷⁰ De acordo com Katz, a associação entre heterossexualidade e normalidade deve muito à obra de Freud e sua difusão. Katz argumenta que, “ao longo de seus ensaios, Freud proclama o coito ‘normal’ de homens ‘normais’ com mulheres ‘normais’ como o objeto de desejo ‘normal’,

de reprodução para transformar-se, no século XX, em um modo de obtenção de prazer (Katz, 2007).

A história da heterossexualidade o é, assim, a história de um percurso de definição de convenções sexuais e de gênero, de padronização dos sujeitos; um processo complexo, que retirou a categoria da heterossexualidade do campo do discurso médico, definindo-a como “normal”⁷¹ – processo que será experimentado pela homossexualidade apenas na segunda metade do século XX⁷². Nesse sentido, o primeiro passo para que essa mudança ocorresse foi estabelecer a oposição entre os sexos como princípio de atração, de um erotismo legítimo – no rastro de transformações que remontam às primeiras décadas do século XX e dizem respeito inclusive à emergência de novos referenciais de masculinidade e feminilidade, particularmente frente à emancipação das mulheres⁷³. O segundo passo foi positivar as possibilidades hedonísticas das relações sexuais entre homens e mulheres – refletindo, por sua vez, não apenas uma reavaliação de noções como prazer e procriação, como também das próprias relações de consumo e trabalho na sociedade capitalista⁷⁴ (Katz, *op.cit.*, p.83-112).

o objetivo ‘normal’ e a finalidade ‘normal’ do desenvolvimento sexual ‘normal’ de indivíduos ‘normais’. Embora a palavra *heterossexual* não seja muito empregada por Freud, o termo *normal* é repetido à *exaustão* em referência ao envolvimento afetivo-sexual de homens e mulheres entre si. Enquanto um Freud rebelde frequentemente questiona de modo devastador a idéia de sexualidade normal, um Freud conformista foi o impulsionador de uma sexualidade normal. Na era da adoração da ciência, a palavra ‘normal’ substituiu ‘natural’ como o termo através do qual era invocada uma nova ética heterossexual [grifos do autor; tradução livre].” (Katz, *op.cit.*, p.81)

⁷¹ Para uma definição da idéia de *normal* ver Canguilhem (2010).

⁷² Essa discussão será aprofundada mais adiante.

⁷³ A esse respeito, ver também White (1993).

⁷⁴ Há historiadores que estabelecem uma relação entre identidade homossexual e capitalismo. Nesse sentido, ver D’Emilio (1993).

Parte significativa desse processo, cabe destacar, é a associação de valores como “bom” e “mau” à “heterossexualidade” e à “homossexualidade”. No século XX, categorias, conceitos e linguagens passam a organizar a vida sexual informando aos sujeitos o que é “bom” ou “mau”, “pernicioso” ou “saudável”, “normal ou anormal”, e qual comportamento é “apropriado ou inapropriado” (Weeks, *op.cit.*, p.7). Mediações, que contribuem para sustentar e definir a heterossexualidade como negação da homossexualidade através de uma relação de assimetria e natureza aparente, sobre a qual a homofobia exerce papel fundamental: é pela homofobia que são vinculadas intensamente conotações negativas a qualquer argumento relativo à homossexualidade ou aos homossexuais (Plummer, *op.cit.*, p.6-8, 36-37), como parte de uma estratégia de deslegitimação constante (Halperin, 1995, p.32).

No final dos anos 1960, seria a vez de a homossexualidade enfrentar essas estratégias de deslegitimação, empreendendo – como no caso da heterossexualidade – o seu processo de positivação. A partir de 1969, a emergência de uma concepção de “pessoa homossexual” capitaneou um poderoso movimento social de afirmação pública da homossexualidade – masculina e feminina – enquanto identidade. Influenciado particularmente pelo Movimento Negro, a estratégia de afirmação do Movimento Homossexual moderno inscreve-se na constituição da identidade homossexual como modelo étnico, norteados pela necessidade de assumir-se. A assunção pública da homossexualidade era vista como o único meio através do qual homens e mulheres estariam livres de um sentimento de vergonha e inferioridade profundo, doloroso e socialmente induzido por anos (Katz, *op.cit.*, p.98).

Iniciado nos Estados Unidos, o Movimento Homossexual difundiu-se pelo mundo – inspirando o surgimento do Movimento Homossexual Brasileiro em 1978, a partir da atuação de um grupo militante de afirmação homossexual, o SOMOS⁷⁵. Encorajando as pessoas a identificarem-se abertamente como gays, lésbicas e bissexuais⁷⁶, a “sair do armário”, o Movimento Homossexual buscava reverter a negatividade que carregava a categoria da homossexualidade⁷⁷. Falar sobre sua homossexualidade tornava-se, assim, o mais significativo ato na vida do sujeito homossexual, uma vez que às histórias de assunção cumpre a função de refletir uma outra maneira de essas pessoas existirem no mundo. Histórias de assunção, expressões afirmativas construídas em torno da sexualidade, a partir das quais a experiência dos sujeitos se torna uma essência, uma identidade que se pretende livre de imposições e estigmatizações, abraçada pelos sujeitos (Plummer, 1995, p.82, 86-87).

Essas narrativas de assunção, no entanto, não eram uma novidade na vida dos sujeitos. De fato, elas já existiam antes de o Movimento Homossexual abraçá-las como um de seus pilares. A grande diferença entre um contexto e outro está em *como* elas foram estruturadas anteriormente e a quais propósitos essa organização servia. Articuladas em torno da tragédia e do demérito da homossexualidade, no século passado, no período anterior ao Movimento

⁷⁵ A respeito do papel histórico do SOMOS, conferir os trabalhos de Bandeira (2006), Green (2000, p.391-449), MacRae (1990), MacRae e Fry (1983), Souza (1997) e Trevisan (2002).

⁷⁶ Posteriormente, outras denominação passam a fazer parte do leque de experiências identitárias conclamadas a tornarem-se visíveis.

⁷⁷ Por conta das conotações negativas que carregava a categoria “homossexual”, outros termos foram buscados no sentido de nomear o sujeito de uma experiência positivada. Nos Estados Unidos, o termo *gay*, que já era usado desde os anos 1920 como um código entre homossexuais – na década de 1960 o termo torna-se de conhecimento geral – foi o termo adotado e difundido pelo Movimento Homossexual (Chauncey, 1994, p.14-21). No Brasil, um dos termos foi “entendido”, conforme mencionado no primeiro capítulo.

Homossexual, as narrativas de assunção tinham como marca registrada a tragédia. A literatura sobre a experiência da homossexualidade apresentava histórias nas quais a revelação pública da homossexualidade conduzia à miséria, à loucura, ao suicídio, ao crime, ou – uma espécie de “final feliz” – à solidão⁷⁸.

Dos anos 1960 em diante, as narrativas de assunção ganham outras feições. Elas passam a oferecer perspectivas de futuro, de progresso e de soluções para problemas enfrentados pelos sujeitos. Dessa forma, as histórias de assunção tornaram-se centrais na experiência positivada da homossexualidade (ibid., p.84), oferecendo aos sujeitos, a partir de uma “... trama que estrutura os acontecimentos numa narrativa mais ou menos coerente... um senso de continuidade de si e do lugar social...” de quem narra e de quem ouve essas histórias (Simões, 2003, p.432).

Construídas mais claramente entre homens que entre mulheres, essas narrativas de assunção fluem a partir da infância, de forma linear. Nessa progressão, a infância é investida como a origem da homossexualidade, marcada por um senso de diferença justificado pela percepção de que se nasce homossexual. Por sua vez, a adolescência emerge como uma fase cheia de problemas relativos à descoberta da homossexualidade – acompanhada por

⁷⁸ No Brasil, a literatura sobre homossexualidade era escassa na primeira metade do século XX, mas nem por isso menos trágica. Os livros, por exemplo, de educação sexual reproduziam julgamentos morais dos anos 1930, que “ainda forneciam as concepções da profissão médico-legal a respeito da homossexualidade”. No âmbito da literatura ficcional o romance *Lady Hamilton*, o livro de poemas *O monstro que chora* e a novela *Internato* introduzem histórias de solidão, doenças, vícios e suicídio, metáforas negativas sobre a homossexualidade – nos termos da “monstruosidade” – e, no caso de *Internato*, embora a história do protagonista termine com o resgate de sua auto-estima, uma boa dose de sofrimento não é descartada até que se dê o desfecho. Para maiores detalhes sobre a essa relação entre literatura e narrativas sobre a homossexualidade, ver Green (op.cit., p.281-290).

sentimentos de vergonha, de culpa, além de medo e de uma busca pelo segredo. Posteriormente, essas questões se resolvem – geralmente através da integração com outros homossexuais – para, então, a narrativa culminar no reconhecimento do sujeito como sendo homossexual (Plummer, *op.cit.*, p.83; Simões, *op.cit.*, pp.431-432).

Esse roteiro constitutivo das narrativas de assunção dá conta de um processo de transição complexo da heterossexualidade para a homossexualidade, simbolizando uma experiência dramática de reconfiguração da trajetória de vida dos sujeitos (Plummer, *op.cit.*, p.84, 5). Perpassadas por relações de poder, as narrativas de assunção podem ser vistas como portas de entrada para a apreensão do modo como as subjetividades homossexuais são elaboradas. Os relatos de assumir-se constituem o mecanismo cultural pelo qual as sexualidades são essencializadas. Mecanismo de produção de discursos sobre si, de localização dos sujeitos, que faz gravitar uma miríade de representações cuja função é atribuir significados – positivos e negativos – às experiências e memórias dos sujeitos, incidindo fortemente sobre suas subjetividades.

Entendendo subjetividade como “...um certo universo imaginário da experiência vivida, em que o indivíduo percebe-se como unidade separada e diferenciada ao lado de outros com os quais partilha o mesmo espaço social de confrontos e coerções” (Souza, *op.cit.*, p.11), é preciso perguntar com quais confrontos e coerções os sujeitos se deparam ao longo de suas narrativas de assunção. Bem como a quais confrontos e coerções eles dão margem em suas relações sociais, particularmente aquelas com outros homossexuais. Desse

modo, me interessa menos o “roteiro” estruturador das narrativas de assunção que a substância simbólica que os preenche. Parafraseando Riobaldo, o jagunço que conta a história de Grande Sertão: Veredas, meu objeto de interesse encontra-se naquilo que emerge no meio da travessia dos sujeitos.

Rearticulações

É certo que todos os colaboradores compartilham a maneira de narrar, concebendo a sexualidade como verdade de si e eixo de seus relatos. Conforme já mencionado na introdução, os participantes têm idades variadas, que vão dos 21 aos 50 anos e este é um detalhe significativo. A diferença geracional evidencia mudanças na maneira de se experimentar a homossexualidade, ao mesmo tempo em que iluminam a permanência de modelos e imagens com os quais todos são confrontados em vários momentos de suas vidas – particularmente naqueles que se seguem à fase da descoberta.

Se a primeira “fase” nas narrativas de assunção diz respeito à experimentação da diferença, os eventos aos quais me refiro como posteriores à descoberta poderiam ser pensados como uma fase de *diferenciação*. Uma fase de duração indeterminada, mas que corre sobreposta à minimização dos sentimentos de vergonha que se seguem ao *debut* no meio gay, à interação com outros homossexuais e que acompanha, inclusive, tanto a luta para assumir-se diante de diferentes círculos sociais quanto a busca por relações afetivas (Simões, *op.cit.*, p.432). No entanto, essa fase só pode ser apreendida

enquanto tal se consideradas as figuras da homossexualidade com as quais se deparam os sujeitos – e com as quais negociam o entendimento de si mesmos como homossexuais.

Nesse sentido, retorno ao relato de Roberto.

Recordando-se do contexto de sua descoberta ele conta o seguinte:

“Bom, você é bem mais jovem do que eu, mas quando eu era adolescente, o Clodovil tinha um programa que chamava Clô para os íntimos, da tevê Manchete, que nem existe mais. Eu estudava de manhã e não perdia o programa dele. Assim: eu ficava na frente da televisão! Com 14 anos meu pai perguntou pra mim se eu era gay. ‘Você é gay? Por que você assiste Clodovil? Você gosta de desenhar vestido?’ Eu sempre gostei de desenhar; particularmente, adorava desenhar vestido. E aí, ele perguntou. Perguntou na lata. Na lata, na lata, na lata e eu, cheio de conflitos na minha cabeça, não sabia direito o que eu era, quem eu era e o que eu queria, vivendo nessa estrutura familiar capenga, com problemas com pai autoritário e mãe submissa, irmãos desunidos, né? A Igreja influenciando negativamente minha condição de me descobrir gay. Olha, desde que eu nasci eu estou dentro da Igreja e a Igreja é uma das maiores castradoras da sexualidade humana. Você ouvir da boca de freiras, de padres que ser gay é pecado e que você vai p`ro inferno, que isso é errado, que isso não é divino. Eu já ouvi isso dentro da minha igreja: Igreja Católica Apostólica Romana, participando de grupo de jovens, participando de movimentos p`ra ajudar pessoas carentes. Sempre ouvindo isso, sempre ouvindo isso dentro de casa. Como é que se forma a cabeça de uma pessoa completamente cheia de dúvidas? Por isso que com 14 anos eu falei p`ro meu pai que não era gay. É lógico que eu era gay, evidente que eu era. Mas eu não sabia se eu era gay, a ficha não tinha caído ainda.”

A primeira figura que emerge no relato de Roberto como associação à homossexualidade é a do apresentador de televisão Clodovil. A pergunta do pai

confronta o colaborador com um imaginário acerca da homossexualidade – a associação entre Clodovil, o gosto por seu programa e a inclinação para o desenho, particularmente de vestidos, como sinônimos de homossexualidade – intimamente associado à não observação dos papéis de gênero. Imaginário no qual uma atração televisiva já era mais que suficiente para levantar dúvidas sobre a sexualidade de Roberto.

Mas em se tratando de imaginário, talvez nem a figura de Clodovil à época fosse capaz de suscitar um arsenal tão farto de reações à homossexualidade quanto o discurso religioso católico. “Pecado”, “erro”, ausência de divindade e “inferno” são apenas algumas das interdições mais imediatas oferecidas por uma atuação pastoral cujas raízes regulavam o ambiente doméstico em que foi criado Roberto. Um ambiente no qual a estrutura familiar também oferecia sua contribuição à censura à homossexualidade. A própria palavra “estrutura”, nesse sentido, sugere um limite de atuação aos sujeitos, uma ordenação de papéis, um esboço de expectativas. Pois, mesmo “capenga” – ou, talvez, por conta dessa característica mesma – o que se nota é uma profunda adequação a um modelo patriarcal de família.

Essa somatória de fatores apenas aumentava o sentimento de confusão e desentendimento do momento vivido por Roberto. Um momento de transição, para o qual falta explicação, enquanto abundam elementos que ressaltam sua inadequação à realidade na qual era criado.

Clodovil, por sua vez, não habita apenas as lembranças de Roberto. Mário, em seus tempos de colégio, também viu-se confrontado, ou melhor,

associado, à imagem do estilista e apresentador de televisão. A esse respeito ele diz:

“Na escola, na adolescência, o pessoal zoava muito. Muito, viu? Era o maior sofrimento. Ali na escola... eu tinha o apelido de Clodovil [risadas]. Nossa, era um horror! Pichavam muito a gente, insultava, era um horror, sabe? Por causa do cabelo, tinha muita semelhança, por causa do corte. Eu usava aquele cabelo separado no meio, sabe? Aquele cabelo repartido no meio que tava surgindo na época, sabe? E eu logo reparti o meu. Na época eu tinha um cabelão [risadas]. E era só homem que zuava. Era só homem; mulher não tinha esse tipo de preconceito, não!”

Um corte de cabelo e todo um conjunto de reações. Reprovações alimentadas entre os rapazes apenas: sanções que o são de grupo, entre iguais, e que não focam na idéia de homossexualidade diretamente. As brincadeiras, piadas e insultos dirigidos a Mário, classificadas por ele como “horror” – buscam reforçar os limites das aparências socialmente aceitas, dos códigos de apresentação pessoal entre pares e do papel exercido por esses pares, que se tornam uma espécie de “policia do gênero” (Kimmel, 2009, p.65).

O papel dos pares no aprendizado da masculinidade, no entanto, vai além da vigilância às normas de gênero. A importância de um grupo de iguais sobre a experiência homosocial da masculinidade é também aquela da demarcação de exterioridade ao masculino pelo não-pertencimento a um grupo de meninos ou homens, como revelou Alexandre. De acordo com ele:

“Quando a gente é adolescente a gente sempre anda em grupo, né? Eu nem grupo tinha! Porque nenhum falava que eu era gay. Não tinha amigos p`ra trocar informações, idéias, aquela coisa. E as informações que eu tinha, porque eu gostava muito de ler, então, eu buscava em

revistas, em livros, porque eu nem sonhava com internet, né? Era tudo por carta. Tudo por meio de carta mesmo. Então, era uma informação ou outra. Foi quando eu mudei de cidade. Eu não tinha amigos, não tinha com quem trocar informações, alguma coisa. Isso era [1976, 1977], eu tava com 15 anos. Tinha os viados da época, que não tinha esse termo gay; tinha pessoas, lógico. Eu só não vou citar nomes, que é só p`ra você saber... Eram pessoas assim, estereótipos, sabe? Estereótipos de Pouso Alegre. A gente não tinha contato. E eles eram senhores, já. Tinham mais de 30 anos naquela época. E dentro da minha faixa etária não tinha ninguém que eu pudesse comentar, falar sobre a minha vida, começar a me abrir.”

É importante destacar o contraste de experiências que emerge na fala de Alexandre. A experiência do grupo de pares – desde que os regulamentos do grupo sejam observados – é uma experiência aglutinadora, que oferece amparo aos envolvidos. Nesse sentido, vale recordar a fala de André, citada no começo deste capítulo. Nela, ele conta que nas sessões de educação física, o grupo dos meninos foi se fechando cada vez mais até ele perceber-se isolado dos demais por distinguir-se deles ao preferir jogar vôlei a futebol.

No caso de Alexandre, a falta de amigos e o não pertencimento a grupos durante a infância são elementos que pesam muito sobre os ombros dos sujeitos durante a experiência da descoberta. E a falta de informação compartilhada, de uma sociabilidade entre iguais, une-se à falta de modelos homossexuais tidos como positivos.

É importante notar que os modelos de homossexuais disponíveis com os quais os sujeitos têm o primeiro contato são vistos, no presente, como estereotipados. Estereotipia notada também no relato de Roberto, encarnada de forma velada na figura de Clodovil. De forma velada porque, embora não

seja dita, a associação que faz o pai de Roberto entre Clodovil, determinado tipo de comportamento e homossexualidade é como que instantânea, e automaticamente transferida ao seu filho. Além disso, a questão em torno dos estereótipos diz muito sobre o contexto no qual os sujeitos se vêem confrontados à homossexualidade, como no caso de Roberto, Alexandre e Valter.

Recordando seu tempo de escola, Roberto identificou a primeira amizade que teve com outro homossexual e o impacto que isso teve sobre sua vida. A esse respeito ele narra o seguinte:

“No segundo ano eu encontrei uma pessoa que mudou minha vida completamente. Então; no segundo ano, eu tava com 16 anos, no terceiro eu tava com 17; eu nunca tinha tido um amigo gay, eu nunca tinha convivido com um homossexual. O que eu sabia de homossexuais era o que minha família tinha passado, o que os filmes, né? O que livros, revistas. Às vezes tinha que ler escondido. Não eram revistas eróticas: eram matérias! Uma matéria sobre gay você tinha que ler escondido, p`ras pessoas não acharem que você era gay! Na escola, toda vez que se tocava nesse assunto, nossa, era sempre depreciativo. Eu sempre estudei em escolas estaduais, a vida inteira, então havia pessoas de baixo nível e pessoas de nível médio, e sempre que se tocava nesse assunto era gozação na certa. Tudo depreciativo. Nunca ouvia falar bem de um homossexual quando eu tava na escola. Mas quando chegou no segundo ano eu conheci um homem que mudou minha referência. Completamente. E é evidente que quando eu conheci esse homem, eu me apaixonei por ele.”

Já Alexandre, ao ser questionado sobre como era ser gay na época de sua adolescência, respondeu-me:

“Olha, não era ser uma pessoa normal. Era como ser um criminoso, um débil. Não. Eu não colocaria um débil, porque é uma coisa patológica. Mas era uma coisa pejorativa. Era uma coisa do mal, mesmo. Hoje, não. É normal. Super normal, muito normal. Até, assim, é chique ser gay hoje. Ta na mídia, as pessoas discutem. Eu tenho amigas, por exemplo, que falam: ‘Ai, acho que meu filho é gay! Se for, vou dar carinho do mesmo jeito, não vou cobrar nada. Vai ser meu filho do mesmo jeito.’ Então, é assim que tem que ser! E a aceitação ta mais alta hoje também.”

Por fim, Valter, ao recordar como se percebia na época em que se descobriu, bem como no correr de sua adolescência, revelou o seguinte:

“Eu sempre achei que eu era doente, por eu ter atração por outros homens. Eu servi o Exército e no Exército eu tive um caso. Eu tive um caso lá durante todo o período lá. Todo período é exagero. Mas uma boa parte do tempo que eu servi, dez meses e treze dias, eu tive alguém lá dentro. E era p`ra todo lado, a gente trabalhava na mesma seção, então, sobrava tempo... mas eu não me aceitava. Ainda não me aceitava. De forma nenhuma. Ainda que eu tivesse tido esse caso no Exército eu achava que eu era doente, que tinha cura, que não; ou que. Mesmo porque, dentro da minha família católica, radicalmente católica, minha mãe não pode nem ouvir falar em homossexualismo. Então, você se põe numa redoma. Putz, eu era a ovelha negra. Até hoje me encaro assim dentro da minha casa.”

Valter, Roberto e Alexandre tinham, no momento em que suas narrativas foram produzidas, 41, 34 e 45 anos, respectivamente. Por essa razão é significativo notar que apesar de onze anos separarem o nascimento de Alexandre, o mais velho, do de Roberto, o mais novo, a diferença entre o universo simbólico no qual percebem-se homossexuais é mínima.

O mosaico tripartite de experiências constituído pelos relatos dá conta de uma homossexualidade constantemente desabonada e de subjetividades que se formam em meio a uma forte pressão moral. Pressão moral que se faz notar quando contrastada às alterações no status da homossexualidade presentes na fala de Alexandre; através das muitas interdições – seja através dos silêncios, da “gozação”, ou da clandestinidade que envolvia o acesso à informação no tocante à homossexualidade – presentes no relato de Roberto; ou ainda, por figuras familiares que não podem “nem ouvir falar em homossexualismo”, como a mãe de Valter.

Essa profusão de coerções sustentadas por uma infinidade de imagens e valores negativos associada à homossexualidade produz um vácuo subjetivo sobre o qual pesa – e muito – a escassez de modelos positivos de identificação homossexual. Daí o caráter profundamente transformador da primeira amizade com outro homossexual, como menciona Roberto, uma vez que a existência de semelhantes abriu-lhe outras possibilidades de identificação. Pois, aquilo que chega aos sujeitos o tempo todo, de diversas frentes – escola, família, religião, como explicação do que seria a homossexualidade não corresponde à maneira como os sujeitos ouvidos percebem-se em seus mundos. Mundos margeados por expectativas familiares que se entrecruzam ao apego religioso, resultando em uma mistura potencialmente eficaz no sentido de reforçar sentimentos de inadequação. De onde emergem percepções de si enquanto “ovelha negra da família” ou a compreensão de sua sexualidade dissidente nos termos da doença, conforme a narrativa de Valter, a exemplo de vários outros

colaboradores que também associaram homossexualidade a doença em um contexto de descoberta.

Entretanto, se a doença e a criminalidade perderam espaço para uma representação do homossexual “chique”, assim como se nota uma maior aceitação da homossexualidade na atualidade, seja na mídia, seja no seio familiar, como revela Alexandre, tal movimento de positivação ainda esbarra na maneira como a descoberta é vivida pelos sujeitos. Henrique, 21 anos, é quem dimensiona essa permanência e seus significados simbólicos ao falar sobre a reação de sua família frente à revelação de sua sexualidade. Segundo ele:

“Eu era assim, totalmente grilado com isso de deixar minha mãe, meus irmãos, meu pai, desconfiarem de alguma coisa, entendeu? Eu não queria de jeito nenhum que eles desconfiassem de alguma coisa, pelo meu pai ser preconceituoso. E eu não queria dar essa decepção p`ra minha família. Porque eu achava que eu sendo assim seria uma decepção p`ra eles. O que não foi. Conhecendo o Bruno a gente tomou a decisão de morar junto e eu cheguei p`ra minha mãe p`ra falar que eu ia morar numa república. Ela perguntou com quem e eu falei que era com o Bruno. Só que ela falou assim: ‘Eu preciso falar uma coisa p`ra você, mas eu não sei como.’ Só que eu ia falar p`ra ela que eu ia falar que ia sair de casa p`ra morar numa república quando ela falou: ‘Você é namorado do Bruno?’ Eu lembro que eu tava com um boné, na hora eu abaixei o boné na cara e fiquei constrangido. Aí ela falou: ‘Henrique, p`ra que se esconder disso? Se você é, tem que assumir.’ Aí ela chamou meu irmão, minha irmã e falou assim: ‘Olha que bobeira, o Henrique sofreu tanto por uma coisa que nós já sabíamos!’ porque, assim, desde criança eles já sabiam que eu era. Eu nunca entrei em detalhes com a minha mãe sobre porque ela desconfiava, porque eu jogava bola, normal. ‘Você é bobo, não precisa ficar grilado. A gente aceita você, a gente vai gostar de você do mesmo jeito. Não vai mudar nada o amor que eu sinto por você”, meu irmão falou. Aí, a princípio eu assustei. Será

que eu sofri por nada? Será? Aí eu entrei em depressão e tive que tomar remédio. Tive várias crises, de me cortar.”

Henrique oferece uma perspectiva interessante sobre a homossexualidade em um contexto de aprovação e suporte. Mesmo amparado, o colaborador lida o tempo todo com uma esfera secreta e negativa na qual o armário emerge como uma estrutura definidora da opressão homossexual (Sedgwick, 2008, p.71). No entanto, o amparo lhe é desconhecido, posto que a aceitação mencionada é orientada por uma lógica de *troca*. O apoio familiar não se faz conhecer ao colaborador, da mesma forma que a homossexualidade não dá-se a ver à família, sustentando uma densa e cara atmosfera de segredo aberto. Dar-se a ver aqui traduz *revelação*, relaciona-se a uma demanda de assunção homossexual na qual a homossexualidade revelada é pensada como salvação contra a enganosa privacidade oferecida pelo armário (ibid., *idem*). O que faz com que a homossexualidade continue a ser *convocada* a explicar-se, a contextualizar-se frente à heterossexualidade em um contexto de aceitação, da mesma forma que em um contexto de reprovação e desamparo. O grande paradoxo dessa convocação reside na sua capacidade de ser ao mesmo tempo obrigatória e proibida (ibid., p.70), de onde resulta a confusão de Henrique manifesta ao final do trecho quando pergunta-se: “será que eu sofri por nada?”

O sofrimento de Henrique, não obstante, está relacionado a uma série de expectativas. De seus pais e dele mesmo, recordando que Henrique vislumbrava um futuro no qual estaria casado, com filhos, com um bom emprego e feliz. É quando a descoberta de sua homossexualidade passa a ser

interpretada por ele como algo que o desvia do – teoricamente – esperado: vide o uso da palavra “decepção” pelo colaborador, como a ponte entre sua sexualidade e a possível frustração dos pais frente a ela.

Essa relação entre homossexualidade e expectativas familiares, por sua vez, também aparece na narrativa de Alexandre, embutida na descrição do tipo de educação que recebeu de seus pais. Ele, a esse respeito, diz o seguinte:

“Eu vim de uma família tradicional. Meu avô era político, o meu pai cuidava da fazenda do meu bisavô. E a educação nossa foi assim muito rígida. O meu pai não admitia um filho comer na mesa sem camisa ou de boné. Na hora das refeições tinha que estar todo mundo junto, que o meu pai... enquanto ele não abria o almoço ninguém começava a comer. E ninguém falava durante as refeições, ninguém podia sair antes dele terminar a refeição. Não se bebia durante a refeição. E era aquele negócio de sentar, manusear talher; era uma coisa que já vinha do meu pai e da minha família, já vinha assim, né? E o meu pai era muito bravo, muito enérgico. P`ra ele deve ter sido a morte [ter um filho homossexual] porque ele nunca admitia isso. E hoje eu paro e penso: ‘nossa, como será que deve ter sido p`ra ele naquela época, com os amigos, com as pessoas, assim, né? Porque minha mãe sempre cobrava uma postura. ‘Larga disso! Vai brincar com seus amigos! Larga dessas coisas das suas irmãs, isso é coisa de mulher! Não faz isso, não faz aquilo!’ E aquela coisa de cidade pequena: ‘o que os outros iriam falar?’ e também a falta de informação, que eles não tinham noção nenhuma de como criar um filho gay. Hoje é totalmente diferente, uma relação super amigável. Mas eu nunca tive necessidade de falar: ‘Papai, mamãe, eu sou gay.’ Eles sempre souberam e nunca me cobraram nada. Eu sou o quarto [filho]. Eram três meninas e eles estavam esperando um homem. Aí, veio uma florzinha [risadas]. E eu acho que por isso deve ter sido muito difícil p`ra eles.”

A origem familiar “tradicional” na narrativa de Alexandre vem carregada de uma série de restrições que vão desde o tipo de educação recebida pelo

colaborador e seus irmãos até o nível de visibilidade que sua família desfrutava na cidade. A rigidez da educação reflete a rigidez moral do pai, associada a uma reprovação da homossexualidade. Uma reprovação que é *presumida* durante a narração, uma vez que nada foi dito diretamente, nem por parte de seus pais, nem por parte de Alexandre. Indiretamente, entretanto, a cobrança era clara – a mãe exigia “postura”. Postura como adequação aos papéis de gênero refletidos em brinquedos e brincadeiras específicas de meninos e de meninas. A preocupação com o que “os outros iriam falar”, por sua vez, parece exercer um papel essencial na cobrança dessa “postura” que, depois, encontra-se refletida na representação que Alexandre faz de si mesmo quando nasceu enquanto “florzinha”, fortemente contraposta ao “homem” que era aguardado pelos seus pais.

Essa tensão que se observa entre masculinidade e homossexualidade atravessa a trajetória de Alexandre impondo-lhe um dilema no momento de escolha de sua formação profissional. Com um pendor para o mundo das artes, Alexandre, ainda adolescente, enfrentou períodos de crises com relação ao curso superior de sua preferência, porque sobre ele recaía “...aquela idéia, aquele papo de que quem fazia... era viado...”. Por isso escolheu uma outra graduação, da qual desistiu pouco tempo depois. Superadas as crises e o dilema, graduou-se naquele curso tido como “de viado”.

Ora, os dilemas que gravitam em torno da tensa relação entre homossexualidade e masculinidade, por sua vez, guiam o entendimento e a experiência de assunção dos sujeitos. Cabe dizer que dentre as representações e mediações com as quais os sujeitos negociam suas

subjetividades, a associação entre homossexualidade e afeminação aparece como a mais poderosa delas⁷⁹, sobrepondo-se, inclusive, às imagens que conectam homossexualidade a doença e marginalidade. E isso adquire uma dimensão significativa na experiência de assunção.

Se a fase da descoberta nos relatos dos colaboradores é marcada por uma série de questionamentos e dúvidas, a experiência da assunção apresenta-se como um trabalho de consolidação da posição de sujeito homossexual no mundo. Um processo complexo, onde o que está em jogo é a opção por uma perspectiva de existência, como argumentou Alexandre. Indagado sobre o que era assumir – uma pergunta feita a todos os colaboradores – ele respondeu o seguinte:

“Eu acho que assumir que é gay não é nem assumir que é gay, eu acho que é uma coisa mais complexa do que isso. É você assumir o que você é em todos os níveis de sua vida. Acho que a coisa vai mais além do que as pessoas saberem que você é. É você aceitar a sua pessoa, como você é, seus defeitos, suas qualidades. Porque eu sou gay, mas eu não vivo gay 24 horas por dia. Como eu vou te falar? Eu não vivo de viadagem 24 horas por dia. Eu tenho tantas coisas na minha cabeça tão mais importantes pra resolver que às vezes eu até esqueço que eu sou. São tantas coisas mais importantes do que o mundinho gay. Então eu acho que se assumir gay não é só assumir que gosta de homem e aceitar isso. É um conhecimento maior de você mesmo, entendeu? Eu acho que a verdade extrapola muito esse mundinho que é muita purpurina, muito paetê, muita festa, muito auê. Acho que é muito

⁷⁹ Não pressuponho que essa seja uma experiência comum a todas as homossexualidades. O conjunto de narrativas biográficas trabalhado nesta foi delimitado de forma a apreender uma experiência compartilhada por um grupo de colaboradores cujas práticas e valores apresentam uma homogeneidade que sobrepõe-se às diferenças geracionais entre eles. Estender as observações tecidas nesta pesquisa para além dos recortes aqui estabelecidos só é possível quando ampliados o número de colaboradores e de experiências identitárias, abordando-as comparativamente.

foguete p`ra pouca festa, sabe? [risadas] acho que viadagem é mais ou menos por aí. Ou maior um pouquinho! [risadas]”

É significativo destacar que os colaboradores da pesquisa compartilham esse sentido sobre o que vem a ser a assunção da homossexualidade, expresso por Alexandre. Mais que a aceitação do desejo por pessoas do mesmo sexo ou a revelação pública da homossexualidade, assumir-se traduz uma jornada de auto-conhecimento. A essa dimensão introspectiva conferida ao enunciado da homossexualidade, contudo, cumpre uma função: contrapor-se ao entendimento da assunção como o engajamento a modo de vida representado por imagens de futilidade e vazio existencial. Quando Alexandre diz “eu sou gay, mas não vivo gay 24 horas por dia”, ou emprega termos como “viadagem”, mundinho”, “purpurina”, “paetê”, “festa” e “auê”, sua experiência de assunção conecta sua homossexualidade a um mundo de responsabilidades, no qual “a coisa vai mais além do que as pessoas saberem que você é”. Dessa forma, a experiência do assumir-se é transferida para o âmbito da intimidade, sem significar, contudo, que ela seja negada ou clandestina.

O que torna a experiência da assunção comum aos sujeitos desta pesquisa é a maneira como eles vivem-na: administrando-a como contraponto a uma outra experiência de assunção, que é amplamente visível. Nessa experiência, o silêncio é compreendido como uma forma de enunciar a sexualidade sem o uso de palavras, sem chamar a atenção, de onde decorre o movimento inverso à ideologia do assumir-se que orientou o surgimento e a atuação do moderno Movimento Homossexual. Na experiência compartilhada

pelos sujeitos, a assunção pública da homossexualidade é dispensada, em favor de uma abertura ao questionamento como estratégia de conhecimento para além da esfera do eu. O paradoxo dessa experiência é que *os sujeitos dão a conhecer suas sexualidades publicamente de uma forma que elas não se tornem de conhecimento geral*, uma vez que ser *publicamente* assumido equivale, no entendimento dos colaboradores, a ser afeminado. Uma associação feita tanto por André⁸⁰, 27 anos, quanto por Wellington, 40 anos, quando ele questiona o seguinte:

“O que é ser assumido? Assumido é sair aí na rua rebolando? Usar algum tipo de maquiagem? Cortar cabelinho, pintar as unhas? É ficar: ‘E aí, biu!?’ [afina a voz] se isso for ser assumido, eu não sou. Não sou nem um pouco fresco [risadas]. É tanto que quando eu vou à boate, do jeito que eu converso com você eu converso lá se alguém me interessar, converso com a minha família, meus amigos hétero. Eu não divido isso. Na minha família algumas pessoas sabem. Algumas pessoas sabem, outras, se não sabem, estão perdendo tempo de querer saber, né?”

O questionamento de Wellington a respeito do que vem a ser ou não uma pessoa assumida indica com quais representações a experiência do assumir – compartilhada pelos depoentes – negocia. Sua resposta associa, a um só tempo, o espectro da afeminação à visibilidade de uma homossexualidade da qual os colaboradores querem manter-se distanciados e distintos. Assim, fazendo eco à fala de Alexandre – quando ele menciona a “festa”, o “paetê” e a “viadagem” – a descrição de um homossexual assumido

⁸⁰ VER PRIMEIRO CAPITULO, PAGINA...

utiliza argumentos do discurso homofóbico para localizar os sujeitos e estabelecer as linhas de oposição a uma experiência tida pelos sujeitos como abjeta.

Trata-se, todavia, da reverberação de um discurso homofóbico *pré-sexual* – como aquele responsável por produzir os sentimentos de diferença e desencaixe vividos pelos meninos na infância – cujo poder de fogo está voltado contra comportamentos e aparências que não se enquadram ou não são mais autorizados pelo grupo de pares. Quem acrescenta uma nova dimensão à essa questão é Roberto, ao criticar, justamente, o comportamento da “bicha”. A esse respeito ele revela o seguinte:

“... a impressão que eu tenho, que é fruto da minha própria história, é de que aniquilamos dentro da gente tudo que fosse masculino porque a gente era gay... então, a bichinha precisa ser ajudada. A bichinha sempre é ajudada. Mulheres, crianças e bichas vão ser salvas primeiro, sabe?! [risadas] acredito que ela foi formada para ser frágil, porque ela se identificou com o feminino, com a mulher. A mulher é estereotipada como sexo frágil e a bichinha foi estereotipada também p`ra ser frágil, para ser delicada, p`ra ser uma mocinha. E eu passei por isso. Eu me achava delicado, frágil e deixei p`ra segundo plano as atividades que dizem respeito à condição do homem hétero... Eu acho que se fosse mais valorizada a questão do masculino dentro da gente; a gente não vai perder a ternura valorizando o masculino da gente. Eu acho que a gente se fortalece um pouco. A gente pode ser bicha, mas a gente pode trocar um pneu no meio da rua, a gente pode subir num telhado e arrumar uma telha. Você não deixa de ser bicha e eu acho que isso resgata um lado que tá perdido, de valorização. Por que a sociedade critica tanto a bicha? porque ela é muito delicada, ela quer ser uma mulher... a maioria quer se vestir como mulher. Ela quer se portar como uma mulher, ela quer usar roupas de mulher. Por isso eu acho que as pessoas que são, os homens que são, os héteros, né?, ficam putos da vida. A sociedade fica

puta. Ela é inteligente o bastante p`ra trocar um pneu, arrumar uma antena, p`ra entender de carro, não é burra. A bicha tem que ser burra? Puxa, além de ser bicha, ainda tem que ser burra? Bebê, bicha e burra? Puta merda, é muita sacanagem! E ela veste essa capa de burrice com alegria! É uma coisa, assim, que eu não me conformo: ela achar bonito ser burra! [risadas] Posso estar sendo preconceituoso, mas a maioria das bichas fúteis são burras. Elas acham que o mundo é uma pista de dança. Porque ela não é aceita mesmo, ninguém respeita ela, quem respeita são as coleguinhas, que são iguaizinhas a ela, então é só isso que importa.”

O relato de Roberto é representativo de um processo de positivação que perpassa as narrativas dos demais colaboradores. Ele é indicativo de uma experiência de superação do lugar simbólico da “bichinha”, a partir da qual o homossexual torna-se digno de ser respeitado. O caminho para que esse processo de positivação se dê é aquele da instrumentalização de atributos da masculinidade tradicional, heterossexual, que passam a ser misturados a uma masculinidade gay, mais emocional (Nardi, 2000, p.2) – conforme esclarece Roberto ao dizer: “a gente pode ser bicha, mas a gente pode trocar um pneu no meio da rua, a gente pode subir num telhado e arrumar uma telha. Você não deixa de ser bicha e eu acho que isso resgata um lado que tá perdido, de valorização.” Nessa rearticulação da experiência homossexual, que se consolida durante o ato de narrar, os pontos de virada são localizados para reforçar as positivações da imagem de si construída em torno da sexualidade. A crítica à afeminação somada à masculinização da imagem de si, assim, conduz a experiência dos sujeitos a uma outra dimensão.

Trata-se de um universo subjetivo no qual a masculinidade – que lhes aparecia como contrapostas à homossexualidade – torna-se parte

imprescindível do entendimento que passam a ter de si: o de *homens* homossexuais. E esse é um fenômeno significativo. No seu rastro vem também uma concepção homogeneizadora de outras experiências homossexuais a partir do processo de masculinização da homossexualidade, organizada, reiterada, distribuída e avaliada nos termos da *discrção*. Discrção que simboliza apenas uma das operações subjetivas que fazem parte dos modos de existência do *homossexual respeitável*, conforme será visto no capítulo a seguir.

Capítulo III

MODOS

(OU SOBRE O HOMOSSEXUAL *RESPEITÁVEL*)

“This is a scene a sailor`d give his eyes for.
The ship`s ignored. The iceberg rises
and sinks again; its glassy pinnacles
correct elliptics in the Sky.
This is a scene where he who threads the boards
is artlessly rhetorical. The curtain
is light enough to rise on finest ropes
that airy twists of snow provide.
The wits of these peaks
spar with the Sun. Its weight the iceberg dares
upon a shifting stage and stands and stares.”

Trecho do poema *The Imaginary Iceberg*, de Elizabeth Bishop

Descompassos

Certo dia uma garota disse a Airton o seguinte: “a minha vida gay se limita a antes e depois do brechó.” Com o passar do tempo, a garota em questão tornou-se amiga de Airton e, de acordo com ele, várias foram as pessoas que fizeram-lhe esse mesmo tipo de confiança ou prestaram-lhe algum tipo de agradecimento pelo significado do brechó em suas trajetórias.

Não há como negar que o brechó assumiu um papel importante para a “vida gay” na cidade – a exemplo de outros lugares de sociabilidade homossexual, como foi explorado no primeiro capítulo. No entanto, a figura de Airton adquiriu uma dimensão simbólica maior que sua loja. Pois, se no brechó as pessoas podiam desfrutar de um espaço de sociabilidade homossexual, na figura de Airton muitas e muitos viram um “porto seguro”, uma pessoa com a qual compartilhar alegrias e dilemas.

Essas muitas e muitos que se identificaram com o brechó e seu proprietário eram, freqüentemente, pessoas de gerações diferentes da de Airton. Eram, em sua maioria, adolescentes ou jovens de vinte e poucos anos que encontravam no colaborador alguém para dar conselho, conversar, falar sobre experiências em comum – descobrir-se, assumir-se, preconceitos. No brechó ou pela internet, via MSN, Airton costumava conversar e aconselhar quem estivesse às voltas com a descoberta de suas sexualidades dissidentes. Mas a figura amiga simbolizada por ele também tinha suas próprias questões – e algumas delas diziam respeito, justamente, à diferença entre contextos e valores orientando as suas experiências homossexuais e as daqueles jovens que lhe procuravam. Esse choque de gerações veio à tona em sua narrativa quando o assunto orientou-se em direção à assunção da homossexualidade, recordando-se de um cliente seu. A esse respeito ele disse o seguinte:

“Eu sou meio caretão, cara. Na minha época não era assim como hoje. Hoje é muita bichinha e é engraçado que elas aparecem assim, do nada, né? Tem um menino, que é cliente meu, filho de uma cliente minha. Ele chegou aqui um dia e falou: ‘Ai, amiga! Eu posso te chamar assim?’

Amiga! Eu fiquei olhando p`ro menino! [risadas] ‘Eu posso te chamar de amiga?’ ‘Mas por que?’ ‘Ah, porque agora minha mãe já sabe e eu não preciso esconder mais; que não sei o que, que não sei o que.’ Não sei, sabe? Eu perguntei p`ra ele: ‘Cara, quantos anos você tem?’ ‘tenho 15!’ ‘Eu acho assim: é legal você ter se assumido p`ra família; se bem que eu não aconselho ninguém a se assumir p`ra família. Eu, até hoje, não assumi p`ra minha mãe que sou gay.’ Eu não incentivo ninguém a falar e ele chegou e falou que a família descobriu e tê-tê-tê. ‘Eu até falei p`ra minha mãe que eu ia vir aqui no brechó falar com você.’ Aí eu falei: ‘Cara, você só tem 15 anos. E agora, o que a tua mãe vai pensar de mim?’ ‘Ah, não tem nada a ver. Eu queria vir conversar, falar’ Eu falei: ‘Olha, eu te dou meu e-mail e a gente conversa, cara. A gente vai conversando.’ E ele agora fica peitando a mãe, peitando de frente a família, tipo: ‘Ai, agora eu sou mulher!’ Não, não é assim, cara! Não começa assim! Tem coisas que você não precisa escancarar. Não precisa escandalizar, mostrar. Eu sou assumido. Eu sou gay. Mas eu não saio na rua, assim, falando: ‘Eu sou gay! Gay! Gaaaaay!’ Nada disso. Porque o que é o gay? É um homem que gosta de outro homem e uma mulher que gosta de outra mulher. Isso quer dizer: no quarto, na cama. É a sua opção sexual. Acho que se você é afeminado ou não, é você que tem que ver isso. Eu não curto. Eu acho que não precisa ser aquela flor passando na rua. Você vê, assim, que é muito de geração mesmo, né? E isso é que tem muito aqui. Tem muito novinho, meu! [risadas]”

A experiência de assunção de Airton é, acima de tudo, *contemporizadora*.

Embora não esconda de ninguém sua sexualidade, Airton nunca levantou a questão com sua mãe. Para ele, a distensão na esfera familiar deve ser evitada e essa é a mensagem que procura reforçar junto ao jovem que o procurou quando diz, com todas as letras: “eu não aconselho ninguém a assumir p`ra família” ou “até hoje eu não assumi p`ra minha mãe’. O propósito

é manter a visibilidade de sua sexualidade sob controle, trabalhando com uma margem de aceitação das pessoas.

Essa margem de aceitação ultrapassa as entrelinhas no momento em que Airton pergunta ao seu cliente: “e agora, o que sua mãe vai pensar de mim?”, como se recaísse sobre ele a decisão do menino de revelar-se para a família. O risco em ser associado ao tipo de experiência que passa a ser vivida pelo seu cliente orienta o receio expresso pela pergunta, bem como a decisão de deslocar os encontros entre eles da esfera pública para o mundo virtual. O e-mail e as conversas pelo MSN retiram sua figura do campo de visão da mãe do garoto, na tentativa de reduzir as generalizações; uma estratégia de distanciamento entre a sua experiência e aquela vivida pelo adolescente.

O distanciamento que Airton estabelece, contudo, vai além. Durante o relato, a diferença geracional é chamada à cena como um princípio norteador das distinções. Mas logo as distinções revelam-se *descompassos*. Primeiro, descompasso entre as esferas da vida dos sujeitos: ser gay é algo que se faz “na cama, no quarto”, portanto, na intimidade. Depois, porque é uma experiência entre iguais: uma vez que o gay é um “homem que gosta de outro homem”, o descompasso é de gênero.

Na somatória dos descompassos, na fala de Airton, as diferenças geracionais servem então para fixar as distinções entre as “bichinhas” que “escancaram”, “escandalizam”, “se mostram”, e a sua geração – cuja marca, segundo ele, é o comedimento; entre a visibilidade incômoda e a observação das convenções. E isso se reforça particularmente quando se apreende que o argumento geracional serve para sustentar um certo temor de que as

conquistas alcançadas pelos homossexuais nos últimos anos caíam por terra, conforme revelou Gustavo ao dizer que:

“Há 15 anos atrás o preconceito era extremo. Era extremo o preconceito. Hoje é mais liberal. Até eu acredito que a abertura que os novos, né?, que as pessoas que estão tendo agora; que essas bichinhas que tão tendo agora, com idade de 13, 14 anos; eles tão tendo uma abertura maior do que nós tivemos, entendeu? Só que eu nunca choquei ninguém. Eu nunca busquei chocar as pessoas. Eu tinha amizades que chocavam as pessoas, mas eu não. Hoje em dia, a maioria das bichinhas choca, né? (...) Na minha época já havia aqui em Pouso Alegre gays assumidos, alguns mais, outros nem tanto, mas que sofriam como a maioria do pessoal na época. Então, p`ra gente chegar nessa liberdade que chegou hoje [não completa a frase]. Eu acho que tá começando a ficar banal. Eu acho que *nós conquistamos um respeito* com a abertura das pessoas. As pessoas com uma nova mentalidade. Mas se a coisa pender p`ro banal, p`ro chocar, p`ro abusar, eu acho que as pessoas vão retroceder em tudo que eles liberaram até hoje, sabe? Océ tá entendendo? Eles vão, de repente, pensar: ‘Eu achava que não fosse esse tipo de coisa, que fossem pessoas legais, mas, de repente, vai começar a atacar. Atacar minha família.’ Então, se não houver um limite, e rápido, as coisas vão começar a piorar novamente.”

No relato de Gustavo, as conquistas dos homossexuais estão por um fio. A abertura de que desfrutaram os mais jovens, em contraste com a cena de quinze anos atrás – na qual “o preconceito era extremo” –, aparece como uma concessão de pessoas que, em um gesto altruísta, de repente decidiram abrir suas mentes ao entendimento e à aceitação da homossexualidade. Abertura condicional, é preciso reconhecer, como se o respeito conquistado fosse garantido pela observação às “regras do jogo”, ou seja: que os homossexuais fossem “pessoas legais”, não pessoas que podem “atacar a família”. Um

ataque simbólico expresso pelo choque que a experiência aberta das “bichinhas” tem causado nas pessoas. Choque, porque no presente elas se tornaram mais numerosas – e portanto, mais visíveis – em contraste com um passado no qual “gays assumidos” existiam na cidade, embora fossem apenas “alguns”.

A idéia de que as conquistas de direitos homossexuais passa por uma aprovação que não depende da agência dos sujeitos, por sua vez, elimina do horizonte a luta política que abre espaço à afirmação de diferentes expressões identitárias enquanto possibilidades de existência. E, junto com ela, a legitimidade de outras homossexualidades, mais visíveis, numa clara associação entre ser assumido e ser uma “bichinha”. “Bichinha” que parece não merecer o contexto liberal no qual vive, vide a exigência de controle.

A necessidade de um controle “rápido” dessas experiências ameaçadoras – que são múltiplas, embora representadas unicamente pela imagem da “bichinha” na fala dos colaboradores –, desestabiliza o argumento geracional no qual está baseado. O controle pressupõe uma estratégia de homogeneização de experiências vividas *no presente*. Afinal, não se trata do contraste entre a “época” de Airton e o presente, ou entre “os novos” e o preconceito extremo de uma década e meia atrás.

Trata-se de experiências que constituem-se, atualizam-se, enfrentam-se *no presente*, de valores que não são estanques, pertencentes a essa ou àquela geração, mas que circulam por diferentes faixas etárias. Para tanto, basta lembrar das falas de Lucas mencionadas no capítulo anterior: elas

organizam-se em torno das mesmas noções de assunção sem grandes rupturas presente no relato de Airton, como algo que não precisa ser mostrado.

Aliás, é Lucas inclusive faz quem oferece uma ponte entre a necessidade de controle das “bichinhas” e as formas mesmas desse controle. O contexto em que essa conexão surge na narrativa de Lucas remete diretamente à questão da visibilidade da homossexualidade. Indagado se ele já havia ido à Parada Gay de São Paulo, Lucas respondeu:

“Não, nunca fui. Eu até iria, mas assim, uns dois dias antes p`ra ir nas boates de São Paulo, porque ia ter muito mais gente interessante do que lá [na Parada]. Eu não acho isso necessário. Eu não critico essas pessoas que têm esse pensamento, mas acho *desnecessário* quem fica tentando *impor* p`ros outros a sua opção sexual. Acho que você não tem que impor nada. O que vai mudar na vida das pessoas a minha opção sexual? Qual diferença vai fazer impor? Pelo contrario! Tem pessoas que gostam de falar p`ros outros a sua opção sexual. Ela tá querendo *se exhibir*. Ela tá querendo *afrontar a sociedade*. Ela tá querendo impor à sociedade a sua opção sexual. Só que eu acho importante ela impor, acima de tudo, o seu *profissionalismo*, acima da sua opção sexual. Eu acho errado que ela imponha sua opção sexual abaixo do seu profissionalismo. Eu acho que *primeiro ela tem que mostrar seu profissionalismo, p`ra que as pessoas respeitem ela*. Aí, sim, depois, se ela quiser impor sua opção sexual, tudo bem. Mas se ela chegar querendo impor sua opção sexual, falar p`ra todo mundo, querendo *se mostrar*, sem mostrar seu profissionalismo, aí sim que as pessoas vão ter preconceito. Porque se torna *ridículo* a pessoa ficar espalhando p`ros quatro ventos a sua opção. Se quer impor sua opção, que imponha primeiro o seu profissionalismo. Todo mundo percebe quando você é homossexual. A maioria dá na cara. Então, eu acho melhor ela, com seu jeito, assim, mais *discreto*, ir mostrando seu profissionalismo. As pessoas vão percebendo o jeito, a opção sexual dela, só que junto com a opção, vai percebendo o *trabalho* dela. Agora, mostrar só a opção não dá certo. Se ela quiser mostrar só a opção, tudo bem, só que ela não vai conseguir o *respeito*, porque

a única coisa que ela tá mostrando é sua opção sexual. Ela não ta mostrando *como ela é, se ela é uma pessoa boa, uma pessoa inteligente, se ela é educada.*” [grifos meus]

A fala de Lucas descreve um poderoso circuito regulador da experiência homossexual. Mas não daquela das “bichinhas”, tão criticadas ao longo das páginas anteriores. Esse circuito regulador que vem à tona no relato de Lucas é o princípio – talvez seja apropriado afirmá-lo até como uma espécie de cartilha – da experiência homossexual compartilhada pelos colaboradores: a do *homossexual respeitável*.

Opacidade

Respeito traduz a condição primeira para que a homossexualidade desses sujeitos seja aceita socialmente. Seus sentidos são aqueles de uma profunda recusa em afrontar a sociedade, ao mesmo tempo que os de uma profunda ânsia por inclusão. Uma inclusão construída passo a passo, sem choques, onde cada conquista tem um que de benção e de aprovação de um comportamento o mais próximo possível do heterossexual, quase uma heterossexualização da homossexualidade – por mais paradoxal ou controverso que isso possa parecer.

Quando Lucas exulta o “profissionalismo” frente à revelação da “opção sexual”, ele evoca um mundo de responsabilidades, de trabalho, que se contrapõe diretamente à concepção de *viadagem* expressa por Alexandre. Viadagem como “muita purpurina, muito paetê, muita festa, muito auê”,

representação de um mundo hedonista e vazio. As evocações prosseguem e vão de encontro àquilo que definiria a “bichinha”: uma “capa de burrice”, como disse Roberto, uma figura “fútil”, mergulhada em um mundo onde sua aprovação depende de suas companheiras, as outras “bichas”, tão frágeis e afeminadas quanto ela.

Levando-se em consideração a associação constante entre afeminação e visibilidade presente nas narrativas dos colaboradores, os valores que definem o homossexual respeitável ainda dizem respeito à discrição, à inteligência, à bondade e à educação. Enfim, à *postura* cobrada constantemente dos sujeitos desde crianças, como a mãe de Alexandre o fazia, por exemplo. No entanto, agora, a postura é cobrada dos pares, outros homossexuais, os homossexuais *respeitáveis*.

Ao mencionar que o homossexual deve mostrar ao mundo ser uma pessoa “boa”, “inteligente” e “educada”, Lucas revisita os discursos homofóbicos que atribuem à homossexualidade uma negatividade que faz parte do processo de subjetivação dos meninos – enquanto “homens” e também enquanto “homossexuais”. Como a sexualidade é pensada em termos binários, operando uma distribuição de valores positivos e negativos à hétero e à homossexualidade, respectivamente, os discursos homofóbicos que perpassam a experiência do homossexual respeitável oferecem-lhe o instrumental para a produção de um referencial de normalidade nos termos da positividade e da negatividade, dos comportamentos bons e maus, e assim por diante. Dizendo de outra forma: os mesmos discursos homofóbicos que atacam a homossexualidade são reatualizados na experiência da homossexualidade

respeitável, no sentido de prover-lhe os seus valores, as suas imagens e as suas práticas referenciais *em relação* às demais homossexualidades, então desabonadas⁸¹.

Seria um erro, contudo, dizer que a experiência do homossexual respeitável seria aquela da “homofobia internalizada”. A idéia de homofobia internalizada possui uma retórica fácil: ao sustentar que homossexuais internalizam ações homofóbicas, pressupõe-se que a homossexualidade em si não seja homofóbica, uma vez que os atos homofóbicos vêm de fora. O argumento da “internalização”, por seu turno, desconsidera a homofobia enquanto um processo homosocial, ou seja, *entre homens* (Kimmel, *op.cit.*), o que, em certo sentido, parece reforçar – como os próprios atos homofóbicos o fazem, aliás – que homossexuais não são homens.

Nesse sentido, é preciso considerar que os indivíduos tornam-se homens e mulheres no discurso, uma vez que no momento de seus nascimentos ocorre uma nomeação – quando o bebê nasce e o médico diz: “é menina!”, por exemplo – criadora de posições constantemente reiteradas através de atos performativos que reforçam os códigos culturais tidos como formadores do gênero (Butler, 2005, p.324-325). Nesse processo de produção de gêneros inteligíveis, que são aqueles que “... instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (Butler, 2003, p.38), a homofobia estabelece um vínculo entre sexualidade e

⁸¹ Não se trata de afirmar, contudo, que a homossexualidade respeitável esteja hierarquicamente em posição superior às outras homossexualidades. Sua superioridade em relação às outras maneiras de ser homossexual existe apenas para aqueles sujeitos respeitáveis, pois trata-se de normalidades em disputa por legitimidade – e são muitas as homossexualidades que se querem “normais”. Nesse sentido, ver França (2010).

gênero, pois seu funcionamento atribui frequentemente aos homossexuais um gênero prejudicado, fracassado ou abjeto, associando os homens homossexuais a afeminação – e as mulheres lésbicas à masculinização. A homofobia, assim, faz com que o horror aos atos homossexuais frequentemente coincidam com o horror a perder o gênero apropriado, indicando como a sexualidade é regulada sob os termos da vigilância e da humilhação de gênero (Butler, 2005, p.334).

Por isso, *discrição* é outro termo-chave para a formulação da experiência do homossexual respeitável: ser discreto é visto como o contraponto legítimo àquelas pessoas que, como mencionou Lucas, “dão na cara que são [homossexuais]”. Trata-se de perceber a discrição como performance de uma masculinidade vista como heterossexual em sua “origem”, como valorização da *ficção reguladora* que é a postulação de uma identidade de gênero verdadeira (Butler, 2003, p.201), cujo objetivo estratégico é “... manter o gênero em sua estrutura binária – um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito” (ibid., p.200). Dessa forma, a experiência do homossexual respeitável é aquela de uma *homossexualidade entre homens* – vide a idéia de que o “gay é um *homem* que gosta de outro *homem*”, expressa por Airton, uma estratégia para tentar preencher de alguma inteligibilidade a homossexualidade respeitável – apesar de a prática e o desejo sexuais continuarem direcionadas ao mesmo sexo biológico e ao mesmo gênero.

Por último, na cartilha da experiência do homossexual respeitável está o cuidado em não afrontar a sociedade também no que concerne à assunção da sexualidade dissidente. E este me parece ser o ponto fundente de todos os reguladores desse circuito, uma vez que os modos de assumir e seus desdobramentos sustentam e são sustentados pelas performances de gênero, pelo manejo da visibilidade, bem como pela busca por legitimidade do próprio homossexual respeitável como sujeito pleno.

Já é sabido que a experiência do homossexual respeitável é inseparável de um manejo da informação sobre si. O cuidado com a exposição e a idéia de que visibilidade é sinônimo de afeminação, contudo, não devem ser percebidas como constituintes de uma experiência clandestina. A idéia de assunção compartilhada pelos colaboradores está longe de ser um total segredo, na mesma proporção em que não é completamente aberta. Nesse sentido, o assumir-se configura-se como uma experiência opaca. Opaca não no sentido literal da palavra, de algo que não se deixa atravessar pela luz, ou que é turvo, impenetrável ou mesmo insondável. A experiência de assunção na homossexualidade respeitável é opaca no sentido de uma contenção, de uma otimização das possibilidades de distensão. E essa contenção também pode ser lida como uma espécie de planejamento dos modos de existência, na medida em que cria imagens, projeta expectativas e estabelece relações de proteção que têm menos a ver com os sujeitos em si que com as pessoas que fazem parte de seus círculos sociais. Estratégias de resistência visando a posituação da experiência homossexual.

Respeitabilidade

Conforme é possível observar nas falas dos colaboradores, particularmente no segundo capítulo, a assunção na experiência do homossexual normal não significa revelação pública da sexualidade em todas as esferas da vida dos sujeitos. O enunciado da sexualidade está condicionado a uma distinção do mundo entre as esferas do público e do privado⁸², conforme revelou Lucas. Indagado sobre o que era assumir-se, ele respondeu o seguinte:

“Então, depende. Assumir-se pode ser se o p`ra mim ou se assumir p`ra sociedade. Eu acho que é isso. Sobre ser assumido p`ra sociedade, é como eu te falei: eu acho que não tem necessidade disso. Não vai fazer diferença nenhuma o padeiro, o açougueiro da esquina saber da minha vida, da minha opção sexual. Isso é muito uma coisa minha. Não há necessidade de ficar falando. A não ser, assim, que *as pessoas vão sabendo naturalmente*. Aí é outra história. Se você tem um namorado: você sai com ele naturalmente, *como se fosse amigo* durante muito tempo. Então, as pessoas já vão ficando, sabe? É uma coisa gradativa, né? Você não vai sair assim, beijando ele p`ro meio da rua. As pessoas vão acostumando aos poucos. Naturalmente elas vão *te assumindo*.”

É interessante observar que a revelação da homossexualidade não o é negada, mas subentendida. Nessa relação, é a leitura nas entrelinhas que conduz à conclusão – da sociedade – que o sujeito é homossexual. No caso de Lucas, o caminho para o conhecimento público da homossexualidade dá-se pela repetição de um comportamento: sair com o namorado como se ele fosse um amigo por muito tempo poderá levar as pessoas ao raciocínio – implícito –

⁸² A esse respeito, conferir o trabalho de Souza (*op.cit.*)

de que se o sujeito não é visto nunca em companhia feminina, logo, ele é homossexual. Implícito porque as pessoas vão se acostumando a vê-lo frequentemente na companhia de outro homem. Dessa forma não é o sujeito que assume para a sociedade, mas a sociedade que assume o sujeito, um *outing* silencioso.

Outra modalidade de revelação da homossexualidade em que a responsabilidade de “fazer-se conhecer” homossexual recai sobre pessoas do círculo social é aquela em que uma pergunta confirma uma “suspeita”, como revelou Bruno⁸³ ao responder se ele se considerava assumido. A esse respeito ele diz:

“Eu, com 34 anos, não tenho o que esconder de mais ninguém. A minha preocupação maior era com a minha mãe mesmo. Não, assim, em questão dela aceitar ou não, mas em questão de respeito por ela. Mas desde o momento em que ela aceitou, do momento em que eles aceitaram o Gustavo, então, não tem mais nada p`ra esconder, sabe? Se a pessoa chegar e falar assim: ‘Você é gay?’ [Em um outro trabalho meu] tinha uma menina... que sentava do meu lado. Um dia ela virou p`ra mim e falou: ‘Marcelo, se eu te fizer uma pergunta, você não vai achar ruim?’ Eu falei: ‘Não. Pode fazer,’ Aí ela falou: ‘Você tem certeza?’ Aí eu falei: ‘Você vai perguntar se eu sou gay?’ e ela falou assim: ‘É’. Eu falei: ‘Você pode fazer essa pergunta que eu vou responder p`ra você que eu sou!’ Então, tem gente que fica sem graça de perguntar, sabe? Agora, [onde eu trabalho hoje], todo mundo sabe. Só que é assim: eu nunca cheguei e falei abertamente p`ra todo mundo. Acho, assim, que a pessoa acaba, sabe? Ela acaba desconfiando. P`ra algumas pessoas, sim, algumas pessoas de quem eu gosto muito, que eu tenho uma intimidade maior, aí eu falo. Lá onde eu trabalho o pessoal me respeita numa boa, sabe? Isso nunca atrapalhou em nada o meu desempenho profissional. E eu nunca fui de

⁸³ Bruno, 35 anos

esconder mesmo. Até a minha mãe descobrir, eu fui sempre assim, na minha. Eu nunca escondi. Mas depois que ela descobriu mesmo, aí não tem mais sentido você ficar escondendo.”

Na fala de Marcelo há uma série de questões significativas. A primeira delas diz respeito à atmosfera de dúvida que acaba circulando os sujeitos. Mesmo que Marcelo o seja assumido e não esconda sua sexualidade nos círculos sociais dos quais faz parte, a desconfiança das pessoas assinala uma cobrança simbólica, sutil, mas constante, para que o sujeito fale de si de alguma maneira. Em outras palavras: o sujeito homossexual é convocado a falar de si e reiterar seu lugar social, ser localizado como diferença. Mesmo que o contexto seja de aceitação a demanda pelo enunciado da homossexualidade está lá. Por isso, chama atenção a maneira como Marcelo maneja sua visibilidade: ele não nega, mas também não diz abertamente, investindo a esfera da desconfiança como o primeiro passo para sua revelação.

No entanto, há algo significativo na experiência de Marcelo, que é a noção de respeito como sinônimo de resguardo da mãe e da família com relação aos desdobramentos de sua homossexualidade. Uma noção igualmente compartilhada por André, na qual nota-se não apenas um cuidado com a família, mas um sentido de preservação de expectativas nutridas pelos pais. Ele coloca a questão da seguinte forma:

“Eu nunca vivi essa crise que vários amigos gays que eu tenho vivem, sabe? ‘Como eu vou me comportar diante da sociedade?’ Eu nunca tive isso. Outro dia mesmo eu conversava com uma colega minha e eu falava p`ra ela que nessa questão homossexual tem coisa mais séria p`ra

pensar. Por exemplo: como eu vou me portar diante da sociedade de forma que eu não atinja a minha família. Isso é uma coisa séria p`ra mim: como a minha opção vai ou não afetar a minha família. Até um certo ponto eu sei que afeta, eu não posso evitar. Mas eu tento pensar de uma forma que isso possa ser menos agressivo, entendeu? Então eu acho que o cuidado com a família vem por diversos fatores. Um fator seria esse: eles não têm por que pagar por diversas coisas que eu faço. Eu não acredito que minha opção sexual seja um problema. Eu não acredito, mas a sociedade recrimina e recrimina de uma forma muito baixa. As pessoas podem não atingir a mim, mas podem atingir a minha família. ‘Ah, [José] cê tem um filho viadinho, né?!’ meu pai não tem por que ouvir isso por minha causa, entendeu? Então, eu penso um pouco na minha postura p`ra que meu pai não precise ouvir essas coisas. Então, eu penso muito nas minhas atitudes p`ra eles não viverem isso. E de repente, eles não querem saber se eu sou gay também. Eles querem que eu seja feliz, mas eles não querem saber que eu sou gay. É uma coisa que eu penso. Talvez minha família não precise que eu conte p`ra ela: esse é o não precisar. Agora, tem o não querer e o não querer é: minha mãe gerou um filho homem, meu pai teve um filho homem; eles vão querer que esse filho seja homem e dê netos p`ra eles; onde eles não querem ter um filho gay. Por isso que eu tento poupá-los. Agora, a minha mãe sabe. Ela já deu indícios que sabe, mas ela nunca tocou no assunto.”

André faz conjecturas acerca de possibilidades de descoberta de sua sexualidade por parte de sua família e manifesta preocupações com relação a sua postura, no sentido de preservar seus pais de serem eles o destino de um mundo de injúrias destinado a atingi-lo indiretamente. É significativo observar que as avaliações sobre os riscos da visibilidade de sua homossexualidade dizem respeito não a ele, mas diretamente à família. Existe uma posição respeitável em suas reflexões, no sentido de que a revelação da sexualidade vai de encontro a expectativas dos pais, particularmente naquela em que a

possibilidade de ter filhos é levantada: a mãe sabe que ele é homossexual, mas tudo fica na esfera do não-dito.

A história de descoberta de André tem a ver com um de seus encontros casuais combinados pela internet. Como não havia ninguém em casa, André o levou para lá. Como sua mãe chegou se avisar, o rapaz foi obrigado a esconder-se embaixo da cama, no quarto de André, mas devido a sua altura, as pernas ficaram visíveis. Quando sua mãe entrou no quarto, ela viu o rapaz, retirou-se do quarto e foi para outro cômodo, de modo a dar tempo para que o rapaz fosse embora. Depois disso, André levou uma reprimenda, cuja mensagem era, em linhas gerais: não traga estranhos para casa. E nada mais foi falado a respeito.

A experiência de André, por sua vez, tem em comum com o relato de Alexandre o não-dito. Depois de ter uma decepção amorosa, Alexandre recebeu conforto da irmã. Um conforto inesperado, uma vez que nunca precisou “verbalizar” sua sexualidade, embora afirmasse que seus pais sempre souberam que ele era homossexual. De acordo com ele:

“Esses tempos atrás, que eu estava me relacionando com uma pessoa e tal, minha irmã chegou quando acabou e ela falou: ‘Alexandre, você vai ver, essa pessoa não era p`ra você. A gente tá aqui de fora, a gente vê melhor as coisas. Fica frio, se tiver que aparecer uma pessoa, vai aparecer. Então, ela tava me dando apoio. Mas eu nunca precisei verbalizar: ‘Ó, to com essa pessoa’ ou ‘Ah, tô namorando.’ Nunca precisou. A situação em si já diz tudo. ‘Mas aquela pessoa também não era aquilo tudo.’ E hoje eu acho que hoje é normal. Tem horas agora que eu acho que é até chique ser gay!”

Para Alexandre, a não-verbalização de sua homossexualidade não é tida como empecilho para que sua família saiba de sua sexualidade, tanto que o apoio de sua irmã foi acolhido com certa surpresa. Dessa forma, o silêncio é visto também como uma forma de assunção. Além disso, a acolhida da irmã indica que os tempos são outros, que o homossexual deixou de ser um sujeito “poluído” para tornar-se “normal”. Uma transformação profunda que lhe permite pensar, inclusive, que na atualidade ser gay é chique⁸⁴.

No entanto, mesmo com as transformações que positivaram a homossexualidade, à assunção ainda são requeridas algumas precauções, no sentido de evitar problemas àqueles sujeitos que pensam em assumir-se, como revelou Roberto. Segundo ele, não foram poucas as vezes em que precisou aconselhar amigos seus ou pessoas que precisavam de ajuda a refletirem melhor acerca das implicações e limitações que acompanham a revelação da homossexualidade, particularmente à família. A esse respeito ele conta o seguinte:

“Olha, naquele banco ali [aponta banco no alpendre de sua casa] já sentou tanta gente chorando, em prantos, porque tinha se descoberto gay e hoje está tão feliz. Pessoas que vieram me pedir ajuda. Eu não tenho muita coisa a dizer, mas o primeiro passo é aceitar, sabe? E aquela coisa: ‘Ai, eu vou contar p`ra todo mundo! Eu vou falar com a minha família!’ E eu falei: ‘Vai com calma, né? Você tem

⁸⁴ Sobre a passagem de uma imagem poluída para uma imagem normal da homossexualidade, ver Seidman (2002), particularmente o quarto capítulo, *From the Polluted Homosexual to the Normal Gay*, no qual o autor explora como Hollywood retratou o homossexual nos Estados Unidos, localizando a homossexualidade normal a partir da década de 1990. No Brasil, também é possível notar uma transformação na maneira como o homossexual tem sido retratado. Trevisan observa, nesse sentido, que a positivação por aqui dá-se também na década de 1990, com novelas como *A Próxima Vítima*, que apresentou um casal de homossexuais livre de caricatura. Nesse sentido, conferir Trevisan (2002).

condições de sair de casa? De morar sozinho? Tem um emprego bacana? Você tem condições de se sustentar?’ ‘Não.’ ‘Então pensa bem na hora em que você for falar com a sua família, porque tem gente que vai te acolher, mas tem gente que pode te expulsar de casa.’ Você tem que pensar em algumas coisas, você não pode sair com uma plaquinha, né? ‘Ó, sou gay’ Mas não seja mentiroso com você. Não dá p`ra sair assim na rua: ‘Eu sou gay! Eu sou gay! Eu sou gay! A sociedade não está preparada p`ra isso. A sociedade pode acabar com você. Então, é deixa as pessoas acharem que você é gay e aí revele sua condição. Isso é assumir-se. Porque na hora que você vê uma injustiça, você pode ajudar aquela pessoa que tá sendo injustiçada.”

Aos poucos, as diferentes concepções de assunção vão entrecruzando-se, produzindo a percepção de que a sociedade ainda resiste aos homossexuais, apesar da maior aceitação. O manejo da informação sobre si é uma estratégia de sobrevivência frente às restrições que podem acompanhar a revelação da homossexualidade na família.

No entanto, se de um lado há um movimento nos sujeitos para preservarem suas famílias, há que se considerar que a família também representa um risco aos sujeitos, uma vez que nunca se sabe como poderão reagir seus membros frente à assunção. Estabilidade financeira aparece, então, como um considerável minimizador de distensões, uma vez que a mudança da casa da família pode ser uma alternativa frente a possibilidade de expulsão por algum parente.

Contudo, de todas os conselhos mencionados por Roberto, é a recomendação de um assumir-se que acontece espontaneamente que chama atenção. Primeiramente, por repetir a idéia de Lucas – de que as pessoas devem assumir os homossexuais e não o homossexual assumir-se

publicamente. Depois, por conta do contexto, uma cidade pequena, onde as pessoas se conhecem e “a fofoca rola solto”, para usar as palavras de Roberto. O próprio colaborador é quem revela outra série de cuidados que perpassam a experiência do homossexual respeitável em um contexto marcado pela estreiteza das relações sociais e à alta circulação de informações sobre as pessoas através da fofoca. Os cuidados a que se refere, dizem respeito às amizades entre homossexuais respeitáveis e heterossexuais, em especial homens. Ao ser questionado sobre como era ser gay em Pouso Alegre, o colaborador respondeu:

“Não, não é. E não é porque você tem que ter um cuidado, sabe? Eu não preciso me proteger mais, né? Minha vida é um livro aberto, eu não uso mascaras, mas os outros que são gays e precisam dessa mascara estão fodidos, porque ele tem que se proteger e proteger o outro também. Eu mesmo me vi algumas vezes, e agora você vai entender: eu tenho muitos amigos casados, homens casados, com esposas, filhos, né? E eu sou amigo deles, amigo das esposas. Você sabe que eu me vejo às vezes com um cuidado com eles? Eu não quero queimar o filme deles. As outras pessoas vão pensar assim: ‘Ih, convive com o Roberto. Será que ele é gay também? Será que a mulher, e tal’ Porque como eu sou assumido, então as pessoas vêm alguém conversando comigo e podem pensar: ‘Será que fulano é gay também? Será que é namorado dele?’ sabe esse tipo de coisa? Não sei o que, não sei o que: ‘Será que fulano é caso dele?’ Eu tenho meus amigos casados e eu sou uma pessoa muito afetuosa, de abraçar. Se é amigo, assim, eu abraço. Abraço meus amigos na rua, na igreja no cinema. E eu fico pensando assim: ‘nossa, às vezes eu tô expondo eles a uma coisa que eles não querem, né?’ e isso por causa da fofoca. A fofoca aqui rola solta. ‘É família de quem que você é?’ Isso quando eu vim de Belo Horizonte p`ra cá. ‘Quem é o seu avô? Quem é a sua avó?’ quer dizer, aqui tem um ranso muito grande de cidadezinha de uns mil habitantes. A família é mais importante que caráter. Então, ser gay aqui é muito difícil

por isso. Porque você tem que tomar cuidado p`ra não deixar o outro mal falado, entendeu? Cê tem que ter cuidado com o outro que não é gay. Porque vão pensar que ele é gay. Vão falar p`ra mulher dele que ele é gay e aí, vira aquela confusão. E você tem que pensar, tudo você tem que pensar. E é lógico que o povo fala!”

O cuidado com o outro que não é gay é uma questão significativa por revelar tanto o peso das estreitas relações sociais em Pouso Alegre quanto a vulnerabilidade da heterossexualidade. As relações baseadas no parentesco são um poderoso instrumento de identificação capaz de localizar e controlar os sujeitos. Dessa forma o escrutínio em torno da sexualidade dos sujeitos é levado para a dimensão da fofoca, fazendo com que o manejo da informação sobre si e o controle sobre a assunção se justifiquem.

A fofoca, no entanto, representa talvez ameaça maior aos heterossexuais os quais, por associação, podem ser alçados à esfera da suspeita por estarem em companhia de homossexuais. No caso da fofoca, como revelou Roberto, a presença de um discurso homofóbico estruturado em torno da idéia que a homossexualidade em alguma medida pode ser transferida ou transmitida aos indivíduos heterossexuais é marcante. Nesse sentido, o discurso homofóbico da transmissão atribui à homossexualidade uma capacidade progressiva de “corromper, arruinar, denegrir, poluir, recrutar, converter, perverter, contaminar, bem como de ser perniciososa, infecciosa e opressora” (Plummer, 1999, p.34).

Obviamente, o discurso homofóbico possui uma multiplicidade de variações que se somam àquela da “homossexualidade transmissível”, produzindo e reforçando imagens desabonadoras da homossexualidade. Ao

sustentar representações negativas sobre a homossexualidade e sobre os homossexuais, esse discurso perpassa as relações sociais entre homo e heterossexuais dando margem desgastes e preconceitos muitas vezes expressos de maneira velada, geralmente através de comentários e brincadeiras. Indagado se já havia sofrido algum tipo de preconceito, Wellington disse:

“Já sofri preconceito. Velado, sim. Explícito, não. Não me lembro exatamente como foi. Mas são coisas como amigas que dizem: ‘Conheci um cara, mas não vai dar em cima dele, não!’ Ou ainda: ‘Olha lá aquele cara ali! É da tua turma, ó o jeitinho dele!’ Então são brincadeiras desse tipo. Ou aquele tipo de pessoa que te cumprimenta na rua, diz: ‘Oi, tudo bem?! Como vai?’, mas não te convida p`ra sair por medo de você dar bandeira, sabe? Isso sempre teve e sempre vai ter. E o jeito que eu acho melhor p`ra resolver isso é procurar novas amizades, porque a carruagem anda. Não é assim que diz no bang-bang? [risadas]”

No relato de Wellington os comentários ouvidos de suas amigas são aqueles que relacionam homossexualidade a comportamento – nas entrelinhas, inclusive sexual – “inadequado” e a afeminação, também representada pelo “dar bandeira”. Trata-se de imagens com as quais os colaboradores não se identificam e que, por essa razão, passam a orientar uma experiência de afirmação de uma imagem de si em oposição direta àquilo que Roberto denominou como sendo a “bicha do mal”. Valores como “caráter”, “trabalho”, “profissionalismo”, “discrção” e “respeito”, que marcam os relatos dos sujeitos ao longo do capítulo, passam a funcionar como roteiros afirmativos, conforme é possível perceber no relato de Roberto, quando ele

comenta sobre a relação entre as pessoas do seu trabalho e sua homossexualidade. Ele diz:

“Todo mundo no meu trabalho sabe. Todas as pessoas do meu trabalho sabem: o meu chefe, a minha secretária, o meu diretor sabe. E as pessoas me respeitam muito muito. Porque eu impus um respeito. Por que as pessoas me respeitam? Porque eu não sou promíscuo, porque eu não dou em cima de todo mundo, porque eu não fico caçando no meu ambiente de trabalho e por que eu respeito muito os outros. Eu respeito o colega chato, a outra que é viúva; eu respeito a outra que é crente, respeito a outra que é uma galinha [risadas]. Eu não quero saber da vida delas, não quero jogo com ninguém. E no meu trabalho tem mais mulheres que homens, por isso a gente tem que deixar claro. Porque as mulheres respeitam muito mais a gente do que os colegas homens, porque eles têm medo da gente, né? Os meus colegas hétero morrem de medo, né? (...) E eu tenho amigos que vão me visitar lá e eu não faço por menos. Quando [um amigo vai me visitar] eu faço questão de beijar no rosto. Eu não acho que é uma forma de desrespeito: é um amigo que tá chegando ali. Eu fui assumindo isso eles aceitaram super, né? A minha chefe hoje, atualmente, ela fala que é diferente, porque eu não sou uma bicha do mal, aquela bicha que faz qualquer coisa pra conseguir aquele homem ou pisa, sacaneia, mente, inventa, que tá com os outros por puro capricho e que odeia mulher.”

Na fala de Roberto, assim como na narrativa de todos os colaboradores, respeito configura uma ética pautada pela não-interferência na vida alheia. Nessa ética, espera-se não apenas a reciprocidade das pessoas envolvidas nos intercâmbios sociais, mas principalmente o reconhecimento de que há o respeito por parte daquele que é homossexual. Dessa forma, Roberto respeita as diferenças no ambiente de trabalho e espera ser respeitado da mesma forma quando um amigo o visita e é exatamente esta *postura* que constitui

investe o colaborador de um status *respeitável*. Até porque, sua ética o posiciona em exterioridade à uma idéia do homossexual como alguém que ultrapassa os limites de uma convivência harmônica.

Os estereótipos abundam nesse sentido e são eles que constituem o fio condutor da homofobia. Tanto que Roberto estabelece uma linha de atuação para homens e outra para mulheres, no que se refere à aceitação da homossexualidade e um convívio respeitoso. Até porque, no caso dos homens, o medo antecede o respeito. E o medo é aquele de ser associado à homossexualidade.

Nesse sentido, outro relato que dimensiona essa relação entre preconceito, medo, ética respeitosa e aceitação pode ser encontrado na história de vida de Gustavo. Falando a respeito de como sua vida mudou depois que se assumiu, ele revela o seguinte:

“Eu me sinto mais livre: é como se tivessem tirado um peso das costas, entendeu? Mas é aquilo: desde que você tenha o seu lugar na sociedade. Eu acho assim: eu cresci respeitando p`ra ser respeitado e eu sempre enfatizo esse tipo de coisa. Então, as pessoas me vêem e não olham p`ra mim como aquela figura fervida, caricata. Elas olham p`ra mim como o Gustavo, cara gente fina p`ra caramba. Então elas conhecem e me conhecem pela minha personalidade, não pelo que eu fiz, mas pelo que sou, pelo que eu faço. E é interessante esse tipo de coisa, porque até hoje, na minha convivência as pessoas falavam assim: ‘Nossa, eu não imaginava que você tivesse um papo legal desse jeito.’ É isso que as pessoas falam. Elas se surpreendem quando têm a oportunidade de conhecer o homossexual. A visão, até pouco tempo atrás, era a de que todos eram do oba-oba. Continuam ainda com ela, infelizmente vai continuar. Acham que não tem nada na cabeça, que não tem sentimento e que só pensa em farrear. E foi onde varias pessoas vieram pedir desculpas

p`ra mim porque faziam um mau gênero de mim totalmente. Achavam que eu fosse cantar a pessoa. Por exemplo: já falaram p`ra mim assim: ‘Nossa, eu não pensava que você fosse tão legal.’ E eu sempre fui prestativo p`ra qualquer pessoa, sem discriminar ninguém, homem mulher. Então, as pessoas chegavam, casal, casal de hétero, eu conhecia ela, mas tinha uma certa distancia dele. E quando eles brigavam, ele me procurava pra conversar e tudo. De repente, eu dava apoio p`ra ele e a pessoa ficava super sem graça e falava: ‘Nossa, eu tinha uma outra idéia de você. Uma outra idéia das pessoas como você’, entendeu? Mas aí eu falava: ‘Mas não é todo mundo. Você tem que saber que não é todo mundo. Tem que saber que há pessoas e pessoas.’”

A assunção na fala de Gustavo assume um caráter libertador. No entanto, esse caráter libertador também é condicional e refere-se ao reconhecimento de um lugar social do sujeito no mundo. Esse lugar social tem a ver na experiência do colaborador com uma relação de reciprocidade fundada sobre o respeito – “respeito para ser respeitado” – em que ele introduz uma mudança de comportamento responsável por torná-lo respeitável. Contudo, o conhecimento prévio das pessoas acerca de seu estigma⁸⁵ – homossexual “fervido” – o transformaram em um indivíduo desacreditado (Goffman, *op.cit.*, p.51), o que iria influir sobremaneira no modo como as pessoas, particularmente os homens, se relacionavam com Gustavo. E aqui é importante observar quais imagens da homossexualidade são evocadas como atributos que desacreditam o homossexual: o “oba-oba”, a idéia de que são pessoas sem sentimentos, hedonistas, “caricatas”. Daí a ênfase tanto na surpresa que as pessoas têm quando “passam a conhecer o homossexual”, quanto na

⁸⁵ Considerando estigma como um tipo de relação social através da qual se estabelece a distinção de uns em favor da normalidade de outros, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo (Goffman, 1988, p.13).

ressalva que estabelece uma diferenciação entre o tipo de homossexual que é Gustavo e os outros homossexuais.

Quando Gustavo menciona, no seu relato, que as pessoas passaram a conhecê-lo por sua personalidade e não pelo que ele fez, o colaborador faz menção às vezes em que, quando era mais jovem, segundo ele, vestiu-se de mulher nas primeiras festas gays de Pouso Alegre. O que era apenas diversão, entretanto, tornou-se um motivo de preocupação para Gustavo, que começou, então, a repensar sua postura. A esse respeito ele diz:

“... naquela época eu estava alheio ao futuro. Eu vivia no oba-oba, na farra, vamos dizer assim. Não pensava que existiria um futuro e eu arrependo disso. Não do que eu fiz, porque eu aproveitei muito a vida. Mas se fosse hoje eu seria *comedido*. Porque, futuramente, isso prejudica a sua convivência. De repente, as pessoas não respeitam você se você obtém um cargo de confiança, por exemplo, em uma faculdade. As pessoas vão lembrar de você pelo que? Pela farra que você fazia, sabe? As pessoas não vão ter um passado bom p`ra lembrar de você e falam: ‘Nossa, esse aí ferveu horrores!’ Então, o que você faz pesa muito (...) E eu estava trabalhando no comércio já. Eu já conhecia várias pessoas. Então, não achava que ficava bem p`ra mim, sabe? Nem p`ra mim, nem p`ra imagem da loja. E eu, de repente, estava misturando tudo isso. Eu acho que uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa. E você, fazendo esse tipo de coisa, acaba envolvendo outras pessoas, você envolve outras pessoas. Porque a pessoa podia ligar e pensar assim: ‘Ah, aquele que ta vestido de mulher não trabalha em tal loja?’ Então, eu não queria isso p`ra mim.”

Outro relato que parece ecoar essa demanda por transformação vivida por Gustavo é Alexandre. Durante sua juventude, Alexandre rebelou-se e decidiu, como estratégia de resistência, “afrontar a sociedade”, radicalizando

na performance de uma feminilidade que tinha o objetivo mesmo de chocar as pessoas, devolvendo para a sociedade, de acordo com ele, todo o preconceito que sofrido até então. Sobre essa fase de sua vida ele revela o seguinte:

“Na época que eu voltei p`ra cá eu escandalizei um pouco. Eu acho que eu fui meio agressivo com os outros. Sabe aquilo: “Não era isso que vocês queriam que eu fosse? Não era isso que a vida inteira diziam que eu era? Então! Eu sou!” Eu acho que eu fui mais queimado, tipo bichona mesmo. Eu desde criança queria fazer balé. Imagina se eu ia falar p`ro meu pai e p`ra minha mãe que eu queria fazer balé? Imagina? Aí, quando eu voltei p`ra Pouso Alegre eu comecei a fazer. Foi quando eu tava fazendo terapia. Lá na academia tinham dois homens fazendo balé também. Nossa Senhora! A mulherada não tava nem aí. Mas os homens ficavam olhando no espelho a gente lá, de malha, sapatilha, ralando na barra. A gente lá, fazendo aula e o povo tudo olhando e falando: ‘Alá, os viados!’ e rindo. E às vezes a gente fazia aula de manhã e subia; nossa, tenho até vergonha de falar isso! [risadas]; a gente subia a avenida de sapatilha, aquele frio, e ia tomar chá no Bar Recreio. Era p`ra afrontar mesmo, p`ra agredir! ‘Era viado, não era isso? Então é isso mesmo que vocês vão ter!’ hoje eu sinto que foi mais para devolver aquela agressão. Era agressão mesmo, porque no balé tinha aqueles movimentos afeminados. Porque eu nunca fui daquele jeito que eu tava sendo: eu fiquei daquele jeito. Aí, chegou uma certa hora, que ninguém tava nem aí mais, aí eu pensei: ‘Bom, não adianta ficar desse jeito do qual eu não sou’, e fui mudando, mantendo a postura, essa que eu tenho hoje, o jeito que eu sou mesmo.”

As falas de Alexandre e Gustavo apresentam um movimento compartilhado de mudança de *postura*; um movimento que assinala o abandono de comportamentos e atitudes perseguidas pelo discurso homofóbico. Os dois colaboradores assim passam a adotar uma postura mais masculinizada, refletindo uma preocupação com o futuro – explícita no relato de

Gustavo – e uma imagem mais socialmente adequada deles enquanto sujeitos dignos de respeito. No caso específico de Alexandre, há o componente da afronta, da agressividade, que, no presente, é narrada com vergonha, devidamente contextualizada e diminuída pelo colaborador por conta de uma imagem de si assumida na época – a do tipo “queimado”, de “bichona” – que não corresponde ao seu universo subjetivo atual. Gustavo e Alexandre são os exemplos mais extremos de um comportamento que masculiniza-se, privilegiando uma postura e um comedimento que encontrarão na palavra *discreto* a expressão de uma referência de comportamento central para o homossexual respeitável. Central porque, a partir dela não apenas os níveis de discrição são identificados, mas também os “níveis de viadagem”, como mencionou Henrique, enquanto fazia uma crítica à afeminação. Segundo ele:

“O ponto é o seguinte: se você tenta se vestir de mulher, ser drag; isso não entra na minha cabeça!; eu respeito. Porque eu tenho que respeitar. Respeito. Só que eu não acho direito. Você quer ser gay? Quer? Então vai ser um gay discreto. Eu não gosto de pessoas afeminadas. Eu tenho amigos afeminados, mas eu não gosto daqueles que passam na rua, passa um homem e mexe, que anda rebolando. Isso p`ra mim não entra na minha cabeça. Acho ridículo. Eu não sei o que o levou a ser assim, mas vamos dizer que o nível dele é maior que o meu. Vamos dizer assim, que seja um nível; vamos colocar dessa forma, vamos dizer que cada pessoa, cada gay tem um nível. Vamos colocar assim, p`ra dar o exemplo, vamos colocar assim: um *nível de viadagem*. Então, eu acredito que o nível daquela pessoa é mais alto que o meu. Talvez ela tenha necessidade daquilo. A necessidade de ser assim. Eu não gosto, mas se ela tá bem, se ela se sente bem, se ela não tem, se ela encara o preconceito, tudo bem, a vida é dela. Ela faz o que ela quiser, mas comigo não.”

Os graus de viadagem a que se refere Henrique refletem diferentes performances de gênero e o quão bem sucedidas elas o são. Critério de avaliação, esses níveis de viadagem são níveis de reconhecimento e também de normatização, uma vez que acabam por estabelecer padrões de comportamento não apenas para a relação entre os homossexuais e a sociedade, mas também- ou principalmente – nas relações entre homossexuais. A associação direta entre afeminação e preconceito investe a discrição de uma função protetora, uma vez que os discretos, ao conformarem-se aos padrões de gênero têm mais chances de serem tidos, dependendo do contexto, como heterossexuais. Nesse sentido, cabe citar novamente a fala de Lucas, quando este questiona a forma pela qual um sujeito é ou não considerado discreto. Ele diz o seguinte:

“Tem pessoas que me acham discreto, outras me acham super discreto *em vista de outras pessoas*. Não sei o que querem dizer com isso. Não sei quais pessoas elas conhecem e que estão se referindo. Tem pessoas que falam que a minha voz é meio afeminada. E eu me importo um pouco com isso, porque a minha voz não é bem a minha voz. Porque na adolescência, naquele período de transição, eu fiquei com um pouco de medo de ser homossexual e ter uma voz máscula. Então, eu meio que bloqueei psicologicamente pra não amadurecer muito a voz. Aí, acabei ficando com essa voz meio que de criança, meio afeminada. Então, o que me incomoda um pouquinho é a voz. Não pelo que as pessoas dizem, também porque eu não gosto. Eu acho que eu podia ter um outro timbre de voz, não afeminado, como as pessoas falam que é... [grifo meu]”

Discrição – conforme o próprio relato de Lucas ilumina – é um processo, que nunca dá-se isoladamente, mas sempre dependendo de algum nível de

comparação, de uma relação que define pontos de conformações e de estranhamentos em uma escala sem fim. Economia performática, a discrição indica a existência de todo um conjunto de posturas: as brincadeiras, os cumprimentos, os lugares, os assuntos, o tom de voz adequados – bem como as pessoas adequadas, os comportamentos adequados, os valores e pensamentos adequados – de modo a salientar o que torna um homossexual respeitável e outros não. Dessa forma, discrição regula e autoriza a constituição dos círculos de sociabilidade entre homossexuais, como revelou Henrique, ao comentar o que espera de suas amigadas. A esse respeito ele diz:

“Eu tenho alguns amigos gays e o que eu procuro mais é que seja o máximo de discrição, que use palavras mais do meio hétero. Assim, que não use esses termos tipo: ‘E aí, bicha!? Como cê tá?’ não gosto disso. Já perdi amigo por causa disso, sabe? Ele tinha mania de chegar comigo e uma vez ele chegou e a sorte dele era que ele era um amigo que me conhecia bem. Ele chegou e disse: ‘E aí, bicha?!’ e eu falei pra ele: ‘Ou você para com isso ou infelizmente a amizade não tem mais.’ Eu sou assim, sem meio termo. Não gosto. Eu não gosto de ser tratado desse jeito. Se eu não gosto, não vou te tratar assim: o que eu não gosto eu não vou fazer com você. Mesmo que você goste, eu não vou tratar assim. Eu não consigo.”

Outro colaborador que também falou sobre como suas amigadas deveriam ser foi Wellington, que comentou o seguinte:

“Estou tentando manter um equilíbrio de ter amigos de vários grupos, sabe? A maioria dos meus amigos é hétero. Eu não evito os gays, mas eu evito frescura. Por isso eu acho que as pessoas me evitam também. Pra mim, frescura é ficar de trejeitos. Trejeitos, voz afeminada. Essa

coisa de ficar dando bandeira, ficar se expondo muito. Agora, se me cativa e eu tenho uma amizade, independente do que a pessoa faça eu tô ali seu amigo. Mas ser coleguinha de bichinha, não. Nunca gostei disso. Isso me dá nos nervos. Nunca gostei disso. E amizade p`ra mim é importante.”

Nos dois relatos há uma ojeriza aos termos provenientes do “meio gay” que associam os sujeitos àquelas palavras que compõem o mundo das injúrias. É como se os sujeitos evitassem ser definidos pelo discurso como parte daquilo que elegem como abjeto: a saber, a figura da bicha.

Na experiência do homossexual respeitável a necessidade de discrição não busca tornar os sujeitos invisíveis, mas projetar a visibilidade deles como sendo uma experiência entre homens. Levando-se em consideração os modos de assumir, particularmente aquele através do qual são as pessoas que assumem o homossexual, as pessoas das quais fazem acompanhar-se os colaboradores revelam muito sobre que tipo de homossexuais eles o são. De onde decorre que as expectativas afetivas e os intercâmbios sexuais também tenham invistam a discrição como seu objeto de desejo. A respeito de como seria o companheiro ideal, Wellington traz à tona algumas exigências e expectativas, ao afirmar que gostaria de ter um relacionamento estável. Ele diz:

“Claro que eu queria ter alguém. Com certeza. Mas desde que eu moro aqui eu moro sozinho e isso contribui p`ra que você;eu não sei se as pessoas estão interessadas. Como você quer um papel mais definido, quer dizer, hoje em dia eu não vejo mais isso. Porque eu nunca vou olhar um carinha na boate cheio de piercings, bonezinho, com uma calça tal. Eu não vou olhar p`ra ele porque não me interessa aquele tipo: eu busco uma pessoa mais definida, uma pessoa que saiba o que ela é. Porque se você tem um

tipo que você gosta; por exemplo: falou mole p`ra mim, xii!, pode ser o homem mais ativo do mundo que fica meio assim, 'ai!', sabe? Não me interessa. Como diz um amigo, isso corta, corta pela raiz. Às vezes você pode até conhecer a pessoa e ver que aquilo é o natural da pessoa, mas não interessa. Eu procuro pessoas que são do meu jeito.”

Já Valter, a respeito da mesma questão, diz o seguinte:

“Eu tenho um amigo... que de vez em quando ele vem aqui em casa. Essa semana ele veio aqui e me fez essa pergunta, sobre afetividade. Ele vai muito em casa e me perguntou. Não me lembro o que a gente tava conversando, só sei que ele perguntou: ‘você não tem vontade de ter alguém?’ ‘Lógico que eu tenho vontade de ter alguém. Tô esperando você se assumir’, brinquei com ele, né? E o pior é que ele é a pessoa ideal mesmo. Ele é correto, gosta das coisas certas, sabe? Ele é muito honesto, uma pessoa muito parecida comigo, sabe? Sofre com as mesmas coisas que eu sofro.”

Discrição, nesse sentido, observando os relatos de Valter e Wellington, torna-se objeto de desejo, na medida em que as expectativas projetam o parceiro ideal como um igual. Além disso, esboçam-se os contornos de uma afetividade cujo ideal passa a ser simbolizado por uniões monogâmicas e estáveis. Um aspecto que torna a homossexualidade respeitável, na medida em que contrapõe-se à idéia de promiscuidade associada aos homossexuais, como observado na crítica feita por Bruno a essa generalização. A esse respeito ele comenta:

“Eu acho que as pessoas têm esse grande preconceito: por a pessoa ser gay, ser homossexual, o pessoal pensa assim que é sujo, que é promíscuo, que sai p`ra rua p`ra

fazer, sabe? Tem quem faça isso. Claro que tem! Só que tem o povo que é mais na dele e aquele pessoal que é mais absurdo. Isso no mundo inteiro. Todo mundo sabe que tem. Mas é por causa de uns que todos levam a fama, entendeu?”

Com relação à imagem de promiscuidade, os colaboradores estabelecem suas distinções também sobre o espaço da boate, associando às festas uma atmosfera de sexo fácil e de pessoas promíscuas, conforme já mencionado no primeiro capítulo. O que não pressupõe, porém, que os contatos sexuais casuais esteja fora da experiência do homossexual responsável. O que precisa ser levado em consideração nessa dimensão da experiência é como a “caça” se organiza. Nesse sentido, a internet torna-se um ambiente privilegiado, pela aura de invisibilidade que confere às possibilidades de encontro entre os sujeitos, conforme foi abordado no primeiro capítulo. Encontros que, como quaisquer interações na experiência respeitável, são mediados pela discrição. Fora da internet, obviamente, os contatos são regidos pelas mesmas regras, com o diferencial de contarem com estratégias de preservação, como aventuras em outras cidades, para evitar que haja qualquer associação entre a homossexualidade e as suspeitas de uma vida “irresponsável”, como revelou Alexandre. A respeito de sua vida sexual ele revela:

“Rapaz, eu tenho um problema sério em relação a isso aqui em Pouso Alegre. Porque minha clientela é classe A e não dá p`ra ficar aí, assim, me expondo, sabe? Isso nem é legal p`ra mim. Eu vou p`ra lugares onde as pessoas não me conhecem. Porque se eu vou no Costela [restaurante famoso na cidade] ou se eu vou em outro lugar, eu chego e

não consigo sentar. Eu tenho que fazer o meu social. Eu nem sento. Por isso eu acabo nem gostando de sair. Então é uma loucura. Às vezes, final de semana que eu estou desocupado eu vou p`ra Poços, às vezes p`ra Itajubá. Mesmo assim eu fico preocupado com essa exposição toda. Eu tenho muitos clientes caretas, católicos praticantes e caretas. Eu tenho essa empresa e eu tenho que manter um padrão. Afinal, eu tenho funcionário que depende de mim, tem família, depende do salário que eu pago p`ra ele. Então, tem muita gente envolvida nisso e não dá p`ra ficar aí, soltando as frangas. Não é nem por soltar as frangas. Eu não posso queimar meu filme.”

Embora sua clientela classe A saiba que Alexandre é homossexual, sua vida passa por uma mediação entre o que pode ser visto e o que deve ficar implícito. O compromisso com sua imagem e com a imagem de sua empresa é também compromisso com seus empregados e pessoas que deles dependem. Uma responsabilidade que vai de encontro com o “profissionalismo” de Lucas.

Contida, a experiência da homossexualidade respeitável não é uma experiência aprisionada e sim inventiva. Seus mecanismos de controle são também mecanismos de permissão: elaborações, dilemas e modos de um universo subjetivo, de possibilidades de existência. As articulações, demandas, e – principalmente – contradições que modulam o homossexual respeitável, o tornam a cara de seu tempo. Um tempo no qual a multiplicidade e a diferença se tornaram obrigatórias: o tempo daquelas sexualidades que Foucault nomeou *desparatadas*.

Considerações Finais

Respeito (res.pei.to) s.m. 1. Ato ou efeito de respeitar(-se). 2. Consideração, deferência, reverência”: respeito aos idosos. 3. Obediência, acatamento, observância: respeito às regras de trânsito. 4. Temor, receio, apreensão: A tempestade impunha respeito aos moradores. • respeitos s.m.pl. 5. Cumprimentos, saudações: Meus respeitos a seus pais. | A respeito de: relativamente a; no tocante a. • De respeito: digno de respeito; respeitável. • Dizer respeito: ser relativo a; referir-se a. • Faltar com o respeito: tratar (alguém) de modo descortês ou grosseiro; desrespeitar. – respeitoso adj.

Dicionário da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras.

As páginas desta pesquisa traduzem meu esforço na tentativa de apreender uma dimensão da experiência homossexual no Brasil. A partir das histórias de vida de treze homens que se consideram homossexuais, cujas idades variam entre os 21 e os 50 anos, foi possível adentrar um circuito complexo de representações, práticas e valores constituintes de subjetividades homossexuais. Subjetividades que trouxeram à tona o fazer-se de possibilidades de existência e modos de vida homossexuais em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais.

Pouso Alegre viu surgir seus primeiros ambientes de sociabilidade homossexual a partir da segunda metade da década de 1990, como uma espécie de reação à clandestinidade comum à vivência da homossexualidade na cidade até então. Década de 1990, aliás, marcada pela explosão identitária

e pelo ganho de visibilidade expressivo da homossexualidade em todo o país. Visibilidade esta com a qual alguns sujeitos começaram a ter dificuldade de lidar, particularmente, em um contexto sobre o qual a penetrante influência da Igreja Católica ainda dividia espaço com relações sociais estreitas.

No entanto, juntamente com dilemas e impasses atravessados por especificidades do cotidiano pouso-alegrense, questões mais abrangentes, com as quais se deparam homossexuais de outros centros urbanos brasileiros também faziam parte do universo subjetivo dos participantes desta pesquisa. A saber: o processo de constituição do sujeito homossexual.

Nesse sentido, a partir das narrativas biográficas dos sujeitos, foi possível identificar a experiência de naturalização de suas homossexualidades. Organizadas em torno da descoberta e da assunção de suas sexualidades, as histórias de vida dos sujeitos percorrem marcos como o desenvolvimento de um senso de diferença, a descoberta da homossexualidade, o processo de aceitação, culminando com o assumir-se homossexual. Assumir-se homossexual que adquire, então, uma amplitude de significados bastante específicos para os colaboradores – e que diferem da idéia de assunção pública cara ao Movimento Homossexual moderno.

Nas treze histórias de vida a idéia do homossexual assumido encontra-se associada à imagem do homossexual afeminado e, portanto visível. E é a partir dessa relação entre visibilidade e homossexualidade que a experiência do homossexual respeitável dá-se a ver. É o espectro da afeminação somado a outras imagens negativas da homossexualidade que faz com que os sujeitos busquem outras representações para si enquanto homossexuais.

Representações positivas, mais condizentes com a maneira como se percebem no mundo. Representações que nas quais possam reconhecer-se homens e homossexuais, expressão de uma homossexualidade *entre homens*.

Trata-se de representações que visam a inclusão e a aceitação social da homossexualidade, porque pautadas na idéia do respeitar para ser respeitado. Por isso, “respeito” torna-se o fio condutor de uma experiência contida, gerenciada, *opaca*, assentada em valores como “trabalho”, “profissionalismo”, “comedimento”, “postura” e “discrição”, para mencionar apenas alguns. Discrição esta, por sua vez, a traduzir um anseio de conformação às normas de gênero, constituinte de uma homossexualidade respeitável na medida em que busca contemporizar as distensões que fazem parte das trajetórias das sexualidades dissidentes. E, assim, diferir-se de experiências homossexuais que “chocam” as pessoas.

A história do homossexual respeitável é uma história cuja complexidade não conseguiria esgotar. Trata-se de um processo social em curso, denso, inventivo, com especificidades e nuances que certamente variarão de acordo com o contexto em que forem observadas. Dessa forma, talvez a maior contribuição desta pesquisa esteja na tentativa de abrir caminhos à apreensão de suas linhas de atuação, dos mecanismos mesmos de articulação dessa experiência complexa, bem como de seus desdobramentos não apenas sobre os homossexuais respeitáveis, como sobre as outras maneiras de ser homossexual e sobre a relação entre sociedade e homossexualidade.

Outra contribuição que pode ter dado esta pesquisa à temática interdisciplinar da homossexualidade está na abordagem de experiências

vividas longe do eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Experiências não mais pensadas como extensão ou reprodução de processos que se supunham antes restritos a grandes centros urbanos brasileiros, mas como representativas ou mesmo indicativas de fenômenos mais amplos. Tanto quanto o são consideradas as metrópoles.

No entanto, cabe dizer que a apreensão da homossexualidade respeitável foi um processo marcado por dificuldades que, em alguns momentos, tornaram-se verdadeiros impasses. A identificação do objeto de estudo constituiu, nesse sentido, um enorme desafio, tendo demorado a ficar claro para mim o que representavam tantas permanências e similitudes inscritas em uma história – a história da homossexualidade – cujo projeto político sustenta como um *continuum* de transformações. O volume e a densidade das informações contidas nas histórias de vida faziam com que a cada leitura o objeto de estudo se tornasse mais fugidio, até eu perceber que as diferentes idéias de assunção estavam conectadas à idéia de respeito. E essa mudança de foco ocorreu apenas em Abril de 2010. Até aquele momento, era a relação entre masculinidade e discrição que orientava minhas leituras, fazendo supor que os sujeitos buscavam tornar suas homossexualidades invisíveis, não respeitáveis.

Como a superação dessa dificuldade em apreender o objeto consumiu muito tempo, este acabou se tornando um outro desafio, em se considerando os prazos regulamentares exigidos pelas agências de fomento para conclusão da pesquisa. Desse modo, o aprofundamento de várias questões acabou

ficando para trás, quando não suprimido, revelando-se, assim, reconhecidamente, a maior limitação deste estudo.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Eduardo Moreira. *A cidade e o “mal necessário”: Zona de Prostituição e marginalidade social em Pouso Alegre-MG (1969-1988)*. São Paulo, 2005, 164f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BADINTER, E. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BANDEIRA, Márcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é? Sobre quando Lampião da Esquina colocou as cartas na mesa*. São Paulo, 2006, 129f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales e discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. 6.ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CARRARA, Sérgio, SIMÕES, Julio Assis. Sexualidade cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. In: *Cadernos Pagu*. Campinas: Pagu/Unicamp, n. 28, janeiro-junho 2007. pp.65-99.

CHAUNCEY, George. *Gay New York: gender, urban culture, and the making of the gay male world, 1880-1940*. New York: Basic Books, 1994.

CONNELL, R. W. *Masculinities: knowledge, Power and social change*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1995.

COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

D`EMILIO, John. Capitalism and Gay Identity. In: ABELOVE, Henry, BARALE, Michèle Aina, HALPERIN, David. (Org.) *The Lesbian and gay studies reader*. New York: Routledge, 1993. p.467-476.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FONE, Brian. *Homophobia, a History*. New York: Metropolitan Books, 2000.

FOULCALT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. vol.1. 14ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção da homossexualidade no Brasil. In: *Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p.85-115.

FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. Primeiros Passos, n.81. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FIGARI, Carlos. *@s outr@s carioc@s: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro – Séculos XVII ao XX*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Editora UFMG, IUPERJ, 2007.

GILMORE, David. *Manhood in the making. Cultural concepts of masculinity*. Binghamton: Yale University Press, 1990.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOUVÊA, O. M. *A história de Pouso Alegre*. Pouso Alegre: Graficenter, 1998.

GREEN, James N. *Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000(a).

GRUZINSKY, Serge. Por uma história das sensibilidades. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy, LANGUE, Frédérique. (Org.) *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. p.7-8.

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HALPERIN, David M. *How to be gay*. (no prelo)

_____. How to Do the History of Male Homosexuality. In: *How to Do the History of Homosexuality*. Chicago/London: University of Chicago Press, 2002. p.104-137.

_____. *Saint Foucault: Towards a Gay Hagiography*. New York: Oxford University Press, 1995.

_____. Is There a History of Sexuality? In: ABELOVE, Henry, BARALE, Michèle Aina, HALPERIN, David. (Org.) *The Lesbian and gay studies reader*. New York: Routledge, 1993. p.416-431.

_____. "Homosexuality": A Cultural Construct (An Exchange with Richard Schnider) In: *One Hundred Years of Homosexuality and other essays on Greek Love*. New York: Routledge, 1990. p.41-53.

JAGOSE, Annemarie Rustom. *Queer Theroy: an introduction*. New York: New York University Press, 1996.

KATZ, Johnathan Ned. *The Invention of Hetererosexuality. With a new preface*. London: University of Chicago Press, 2007.

_____. The invention of heterosexuality. In: KIMMEL, Michael S., FERBER, Abby L. (Org.) *Priviledge: a reader*. Cambridge: Westview Press, 2003. p.83-98.

KIMMEL, Michael, S. Masculinity as homophobia: fear, shame, and silence in the construction of gender identity. In: FERBER, Abby L., HOLCOMB, Kimberly, WENTLING, TRE. (Org.) *Sex, gender, and sexuality: the new basics: and anthology*. New York: Oxford University Press, 2009. p.58-70.

LEVINE, Martin P. *Gay Macho: the life and death of the homosexual clone*. New York: New York University Press, 1998.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p.291-308.

_____. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da "abertura"*. Campinas; Editora da Unicamp, 1990.

MISKOLCI, Richard. *Corpo e Identidade Social*. São Carlos: UFSCar/ Centro de Educação e Ciências Humanas, ementa de curso – Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2. sem. 2004. 6fls.

_____. Reflexões sobre normalidade e desvio social. *Estudos de Sociologia*. Araraquara: UNESP. n.13/14, 2002/2003. pp.109-126.

MISKOLCI, Richard, SIMOES, Julio Assis. Apresentação. In: *Cadernos Pagu*. Campinas: Pagu/Unicamp, n. 28, janeiro-junho 2007. pp.9-18.

MORIS, Vera Lucia. *Preciso te contar? Paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos*. São Paulo, 2008. 222fls. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, PUC-SP.

NARDI, Peter. “Anything for a Sis, Mary!” An Introduction to Gay Masculinities. In: NARDI, Peter. (Ed.) *Gay Masculinities*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2000. p.1-11.

NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

NARDI, Peter. “Anything for a Sis, Mary!” An Introduction to Gay Masculinities. In: NARDI, Peter. (Ed.) *Gay Masculinities*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2000. p.1-11.

NOLASCO, Sócrates. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

_____. Um “homem de verdade”. In: CALDAS, Dario (org.). *Homens*. São Paulo, Editora SENAC, 1999.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção Social da Masculinidade*. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Editora UFMG/ IUPERJ, 2004.

OOSTERHUIS, Harry. *Stepchildren of Nature: Kafft-Ebing, Psychiatry and the making of sexual identity*. London: The University of Chicago Press, 2000.

PARKER, Richard. *Beneath the equador: cultures of desires, male homosexuality, and emerging gay communities in Brazil*. New York, London: Routledge, 1999.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. 2.ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.

_____. Territórios marginais. In: GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p.263-290.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy, LANGUE, Frédérique. (Org.) *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. p.9-21.

PLUMMER, David. *One of the Boys: masculinity, homophobia, and modern manhood*. New York, Harrington Park Press, 1999.

PLUMMER, Ken. *Telling Sexual Stories: Power, change, and social worlds*. London, Routledge, 1995.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, v.1, n.2, 1996. pp.59-72.

_____. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP/ EDUC, n.15, 1997a. pp.13-33.

_____. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP/ EDUC, n.14, 1997b. pp.25-39

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1995. p.15-38.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. In: ABELOVE, Henry, BARALE, Michèle Aina, HALPERIN, David. (Org.) *The Lesbian and gay studies reader*. New York: Routledge, 1993. p.227-254.

RUBIN, Gayle. Studying Sexual Subcultures: Excavating the Ethnography of Gay Communities in Urban North America. In: LEWIN, Ellen, LEAP, William L. (Ed.) *Out in Theory: the Emergence of Lesbian and Gay Anthropology*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2002. p.17-68.

SANT`ANNA, Denise, Bernuzzi de. Vertigens do corpo e da clínica. In: FONSECA, Tânia Mara Galli, ENGELMAN, Selda. (Orgs.) *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004. p.29-39.

_____. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: Faculdade de Educação/ UFRS, v.16, n.2, jul.-dez. 1990. pp.5-22.

_____. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite, LAGO, Maria Coelho de Souza, RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. (Org.) *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p.21-55.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the Closet*. Updated with a new preface. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 2008.

SEIDMAN, Steven. *Beyond the closet: the transformation of gay and lesbian life*. New York: Routledge, 2002.

SILVA, José Fábio Barbosa da. Homossexualismo em São Paulo: Estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005(a). p.41-212.

_____. Lembranças passadas a limpo: a homossexualidade masculina em São Paulo. In: GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005(b). p.215-239.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, Adriana, GREGORI, Maria Filomena e CARRARA, Sérgio (Org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p.415-447.

SIMÕES, Júlio e FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p.309-336.

SOUZA, Pedro de. *Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

WARNER, Michael. *The trouble with normal: sex, politics, and the ethics of a queer life*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

_____. Introduction In: WARNER, Michael. (Ed.) *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 1993. p.vii-xxxi.

WEEKS, Jeffrey. *Sexuality and its discontents: meanings, myths, and modern sexualities*. London, Melbourne and Henley: Routledge and Kegan Paul. p.3-14.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*. Florianópolis: Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, vol.9, n.2, 2001. pp.460-482.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 5ed revista e ampliada. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FONTES

Fontes Orais

Narrativas biográficas:

AIRTON, 42 anos, solteiro, comerciante. Entrevista realizada em: 5 Outubro 2005. Aprox. 100 minutos.

ALEXANDRE, 45 anos, solteiro, micro-empresário. Entrevista em: 13 Outubro 2005. Aprox. 90 minutos.

BRUNO, 27 anos, solteiro, lojista, união afetiva com Henrique. Entrevista realizada em: 15 Março 2005. Aprox. 100 minutos.

GUSTAVO, 30 anos, comerciante, mantém relação conjugal estável com Marcelo. Entrevista realizada em: 08 Outubro 2005. Aprox. 90 minutos.

HENRIQUE, 22 anos, designer gráfico, união estável com Bruno. Entrevista realizada em: 15 Março 2005. Aprox. 90 minutos.

LUCAS, 21 anos, solteiro, estudante universitário. Entrevista realizada em: 14 Novembro 2005. Aprox. 40 minutos.

MARCELO, 35 anos, profissional liberal, relação conjugal estável com Gustavo. Entrevista realizada em: 08 Outubro 2005. Aprox. 100 minutos.

MARIO, 50 anos, solteiro, profissional liberal. Entrevista realizada em: 30 Julho 2006. Aprox. 50 minutos.

OTÁVIO, 28 anos, solteiro, estudante universitário. Entrevista realizada em: 10 Novembro 2005. Aprox. 90 minutos.

ROBERTO, 39 anos, solteiro, funcionário público. Entrevista realizada em: 17 Novembro 2005. Aprox. 110 minutos.

VALTER, 42 anos, divorciado, micro-empresário. Entrevista realizada em: 18 Novembro 2005. Aprox. 100 minutos.

WELLINGTON, 41 anos, solteiro, funcionário público. Entrevista realizada em: 16 Novembro 2005. Aprox. 60 minutos.

Entrevistas direcionadas:

FLÁVIO, 23 anos, solteiro, promotor de eventos. Entrevista realizada em: 01 Novembro 2005. Aprox. 90 minutos.

MARCOS CAMPANELLA, 35 anos, solteiro, dentista e ex-vereador. Entrevista realizada em: 10 Março 2005. Aprox. 90 minutos.

TONY, 46 anos, casado, esteticista. Entrevista realizada em: 18 Novembro 2005. Aprox. 120 minutos.

Fontes Oficiais

POUSO ALEGRE. Lei 4.240/ 2004. Dispõe sobre a ação do Município no combate às práticas discriminatórias, em seu território, por orientação sexual. 02 de abril de 2004. Prefeitura Municipal de Pouso Alegre-MG.

POUSO ALEGRE. Projeto de Lei 6131/ 2004. Dispõe sobre a ação do Município no combate às práticas discriminatórias, em seu território, por

orientação sexual. 22 de março de 2004. Câmara Municipal de Pouso Alegre-MG.

POUSO ALEGRE. Projeto de Lei 6131/ 2004. Dispõe sobre a ação do Município no combate às práticas discriminatórias, em seu território, por orientação sexual. 16 de fevereiro 2004. Câmara Municipal de Pouso Alegre-MG.

Fontes Estatísticas

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. Tabela 202 – população residente por sexo e situação (1970, 1980, 1991, 1996 e 2000). Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acessado em: 18 Março 2005.

Fontes Impressas

A RAINHA DO BUMBUM GRETCHEN. [S.I.]: EXP Gráfica, s.d..

DISCO HYPPE APRESENTA HAPPY BIRTHDAY. [s.n.t.]

DISCO HYPPE 2006. Pouso Alegre: Web Gráfica, 2006.

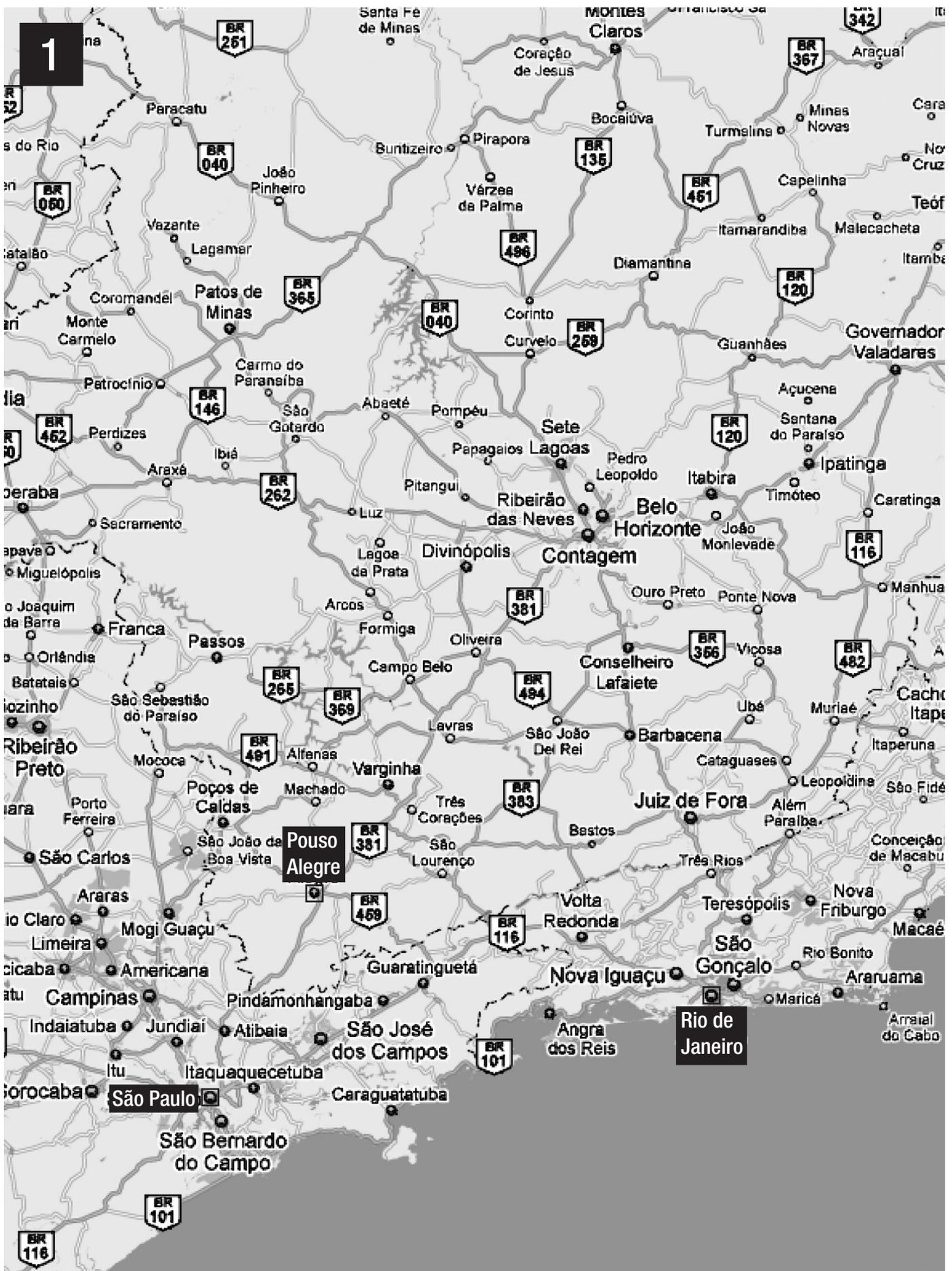
MANSÃO DOS NOBRES. [s.n.d.]

O PECADO ESTÁ AQUI. [s.n.t.]

RITA CADILLAC. [S.I.]: [s.n], 20/ 05/ 2006.

SEXY PARTY. [S.I.] Rodrigo Agno, s.d..

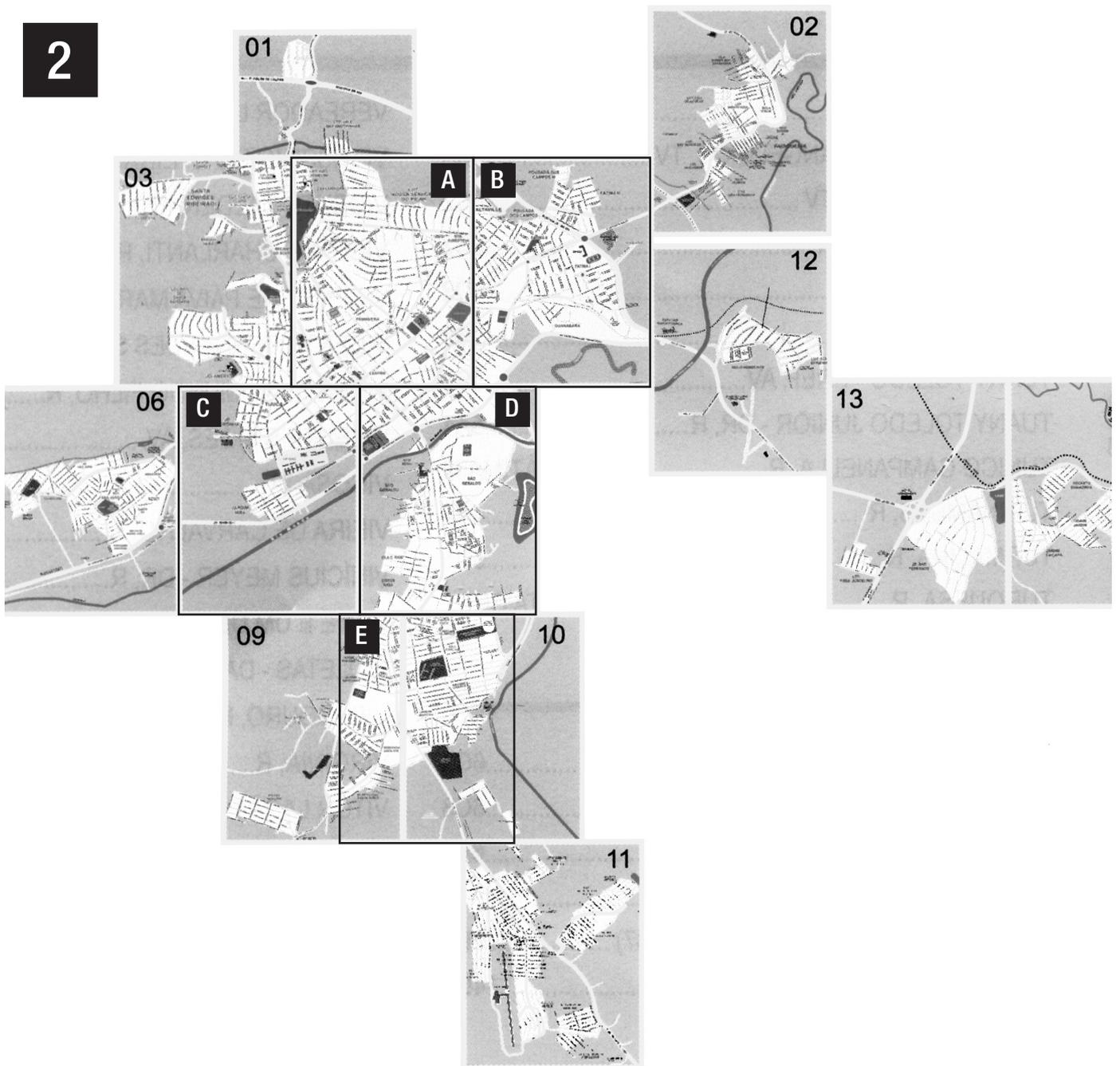
ANEXOS



mapa 1

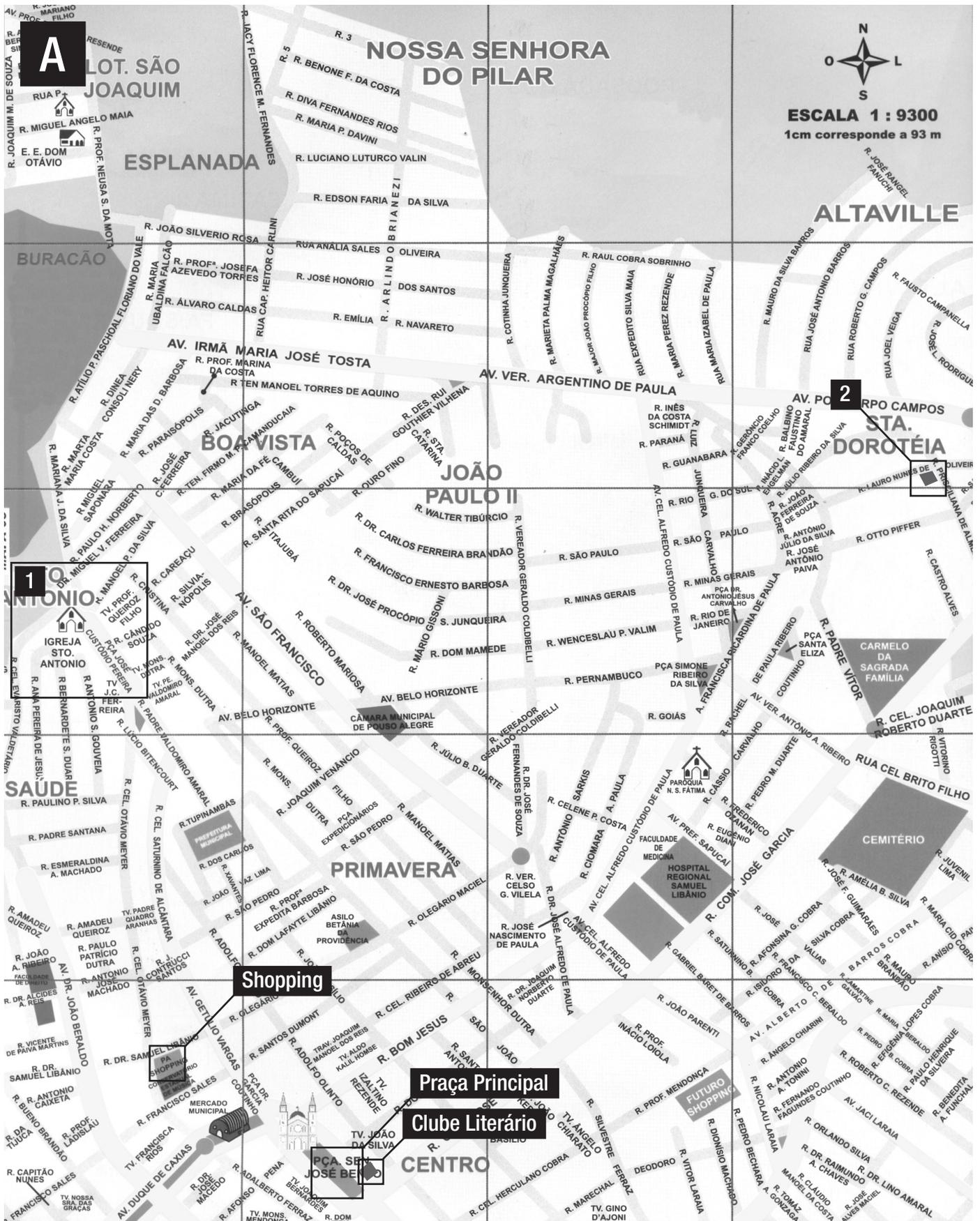
Localização de Pouso Alegre em relação às cidades de Rio de Janeiro e São Paulo
(fonte: <http://maps.google.com/>, acessado em 29/03/2011, dados cartográficos ©2011 MapLink)

2



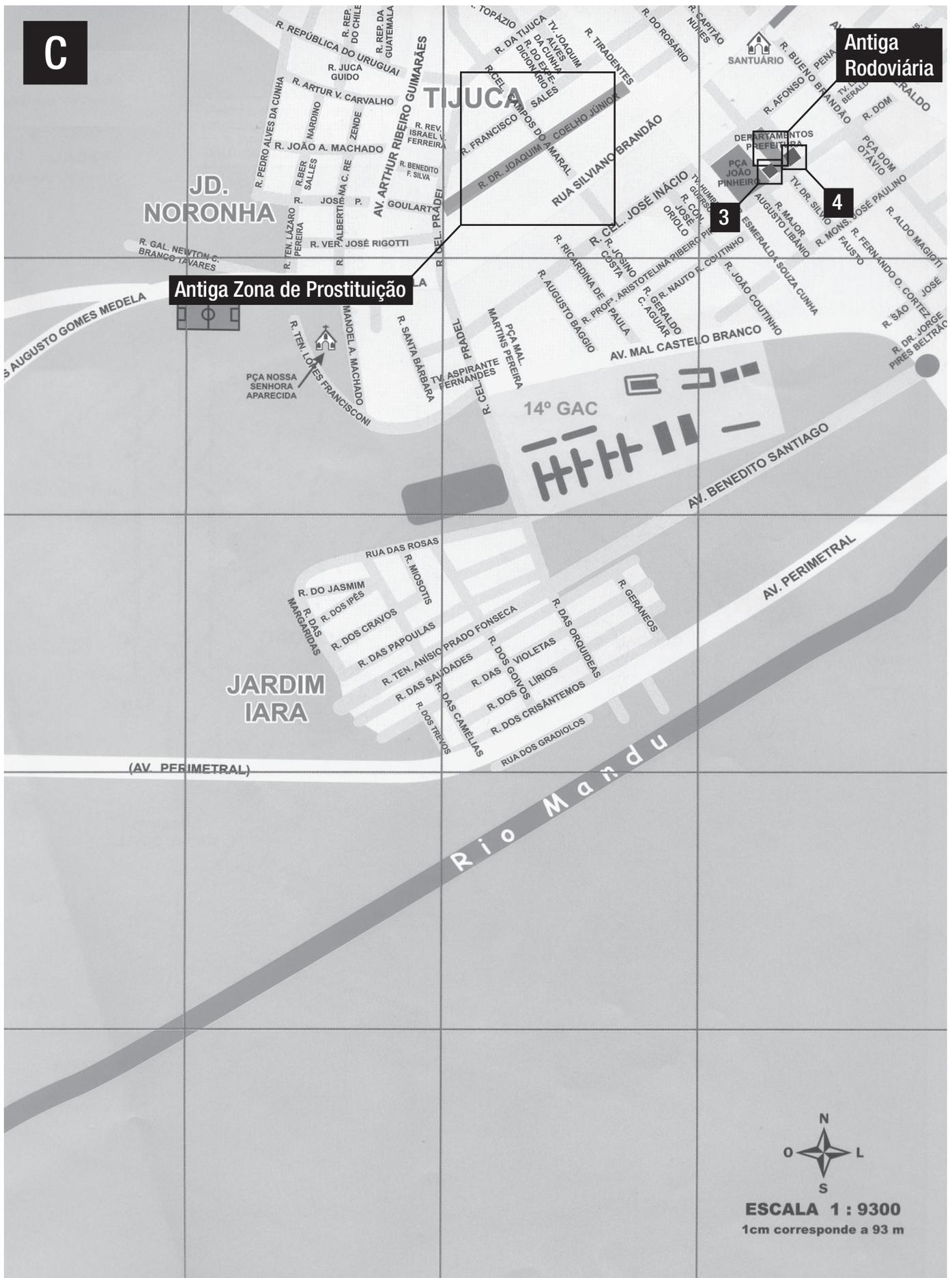
mapa 2

Articulação da malha urbana de Pouso Alegre
(fonte: GUIA POUSO ALEGRE. ed. 15. Pouso Alegre, Fama Publicidade e Pesquisa, 2010/2011)



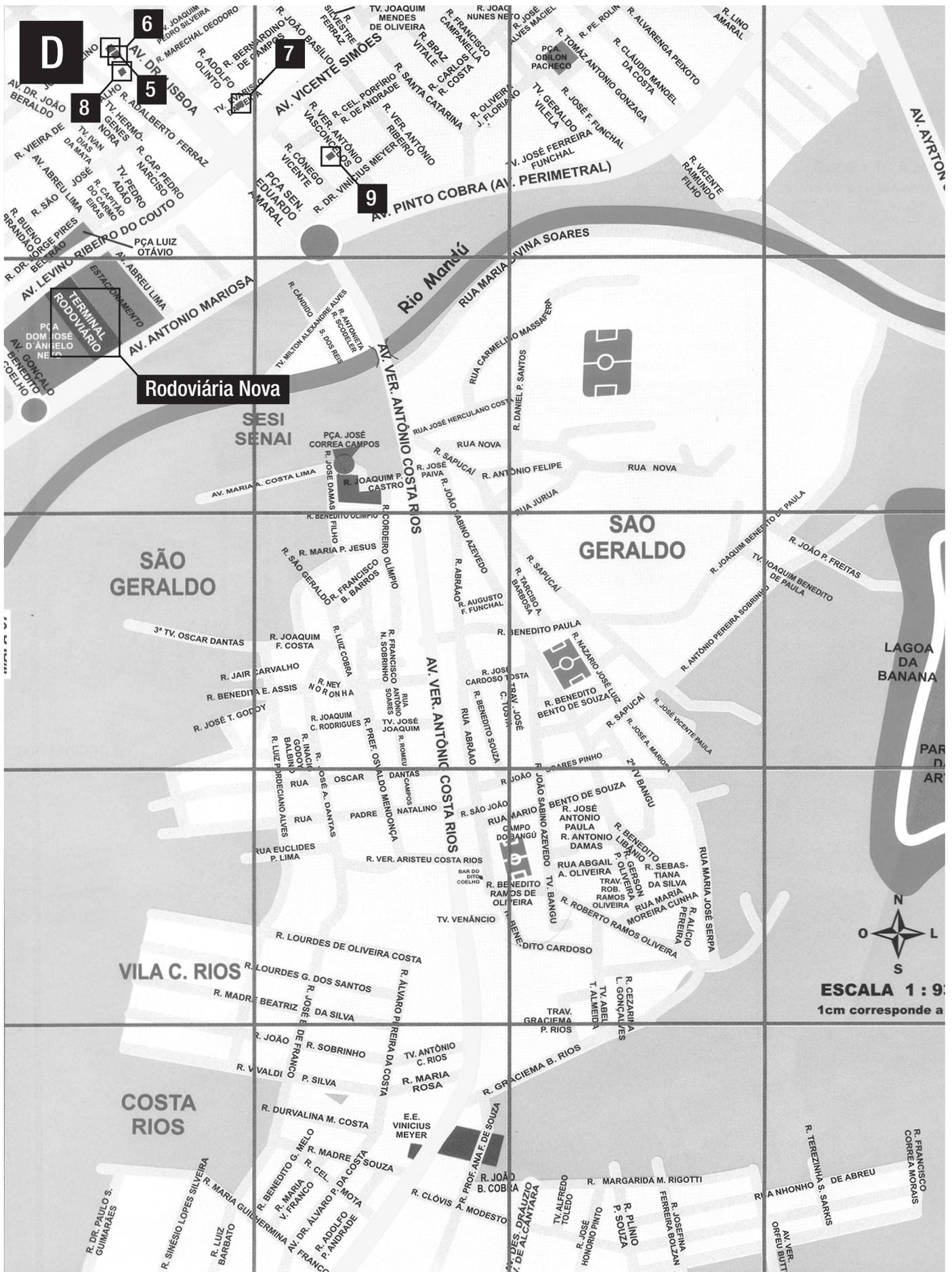
mapa 2.A

1. Quermese Santo Antônio
2. Varanda (1990)



mapa 2.C

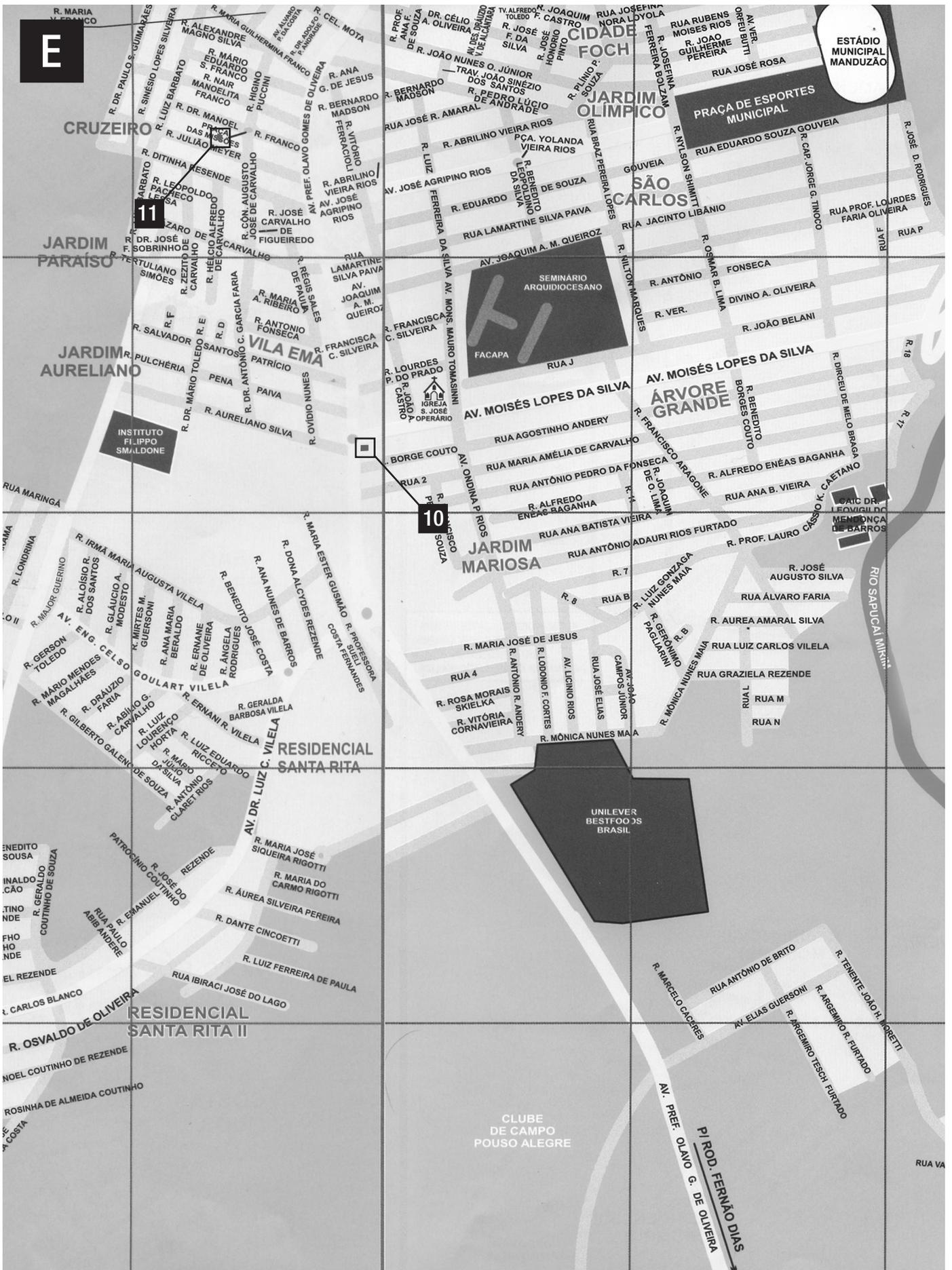
- 3. Bar Pantera (1970/1980)
- 4. Bar Pilão (1970/1980)



mapa 2.D

- 5. Bar Recreio (1970/1980)
- 6. Bar Sayonara (final 1960, começo 1970)
- 7. Bar Carlitos (1980)
- 8. Bar Papillon (1970)

9. Banana (1990)



mapa 2.E

- 10. Fama Bar (2000)
- 11. Bar da Bel (2000)